

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DAS RELAÇÕES POLÍTICAS

DANIELA CORRÊA E CASTRO DE CARVALHO

Ordem e Progresso: A imprensa da Zona da Mata Mineira na década de 1920

VITÓRIA
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DANIELA CORRÊA E CASTRO DE CARVALHO

Ordem e Progresso: A imprensa da Zona da Mata Mineira na década de 1920

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas. Orientadora: Prof^a Dr^a Nara Saletto da Costa.

VITÓRIA

2007

DANIELA CORRÊA E CASTRO DE CARVALHO

Ordem e Progresso: A imprensa da Zona da Mata Mineira na década de 1920

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em 23 de novembro de 2007

Comissão Examinadora

Prof^a Dr^a Nara Saletto da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a Dr^a Marialva Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Prof^o Dr^o Antônio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^o Dr^o Estilaque Ferreira dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

Agradecimentos

O maior agradecimento é à minha família, sempre orgulhosa de minhas conquistas e presente, mesmo com toda a distância. São meus grandes amores e por isso agradeço minha mãe Sueli, minha vó Cida, titia Vinha e titio Mano, Gu e Si, minha família.

Nesta incrível batalha e na conquista de mais uma importante etapa, minha querida e brilhante orientadora Nara Saletto, um exemplo de pesquisadora, professora e orientadora. Agradecê-la por tudo é pouco e sei que este trabalho só se concluiu por causa dela.

Como sempre, contei com o apoio incondicional e o amor dedicado do meu namorado Emerson, brilhante, paciente, meu companheiro, meu amor, e um excelente co-orientador em momentos difíceis. Sua dedicação e carinho superaram todos os stresses, e nos tornaram ainda mais cúmplices. Seu amor me protegeu, orientou, e apoiou todos os dias.

E para tudo nessa vida, como são importantes os amigos. Que nos fazem distrair ao invés de estudar, que exigem nossa presença, mas também entendem nosso sumiço. E quando é irmã, a exigência e o amor são ainda maiores. Obrigada Jória Jaca pelo amor e, principalmente, por ter um pacto tão forte com todos os santos que eles não me deixam ir para longe de você, e com isso também ganho muitas conquistas, como esta. Que todos os meus amigos, verdadeiros amores da minha vida, se sintam agradecidos por tudo, por todo amor do mundo que sempre me dedicaram e que é recíproco.

A amizade me trouxe muitas alegrias e uma delas é minha família capixaba, Cleusa, Aloísio, Wyston, Agnes e Martin, sem eles tudo por aqui seria mais difícil. Eu não só “filava bóia”, mas carinho e amizade. Obrigada por me receberem tão bem sempre, como verdadeira irmã da Jória e membro da família.

Como não poderia faltar, agradeço aos colegas que encontrei nos dois estados que permitiram esta pesquisa, Minas Gerais e Espírito Santo, em uma união feita através de uma paulista. Obrigada ao Arquivo Público de Muriaé, em especial João Carlos, pela atenção, e Viçosa, principalmente Antonio Melo, que merece meus agradecimentos desde a graduação, porque sem ele nada disto existiria.

Aos colegas de mestrado, pela alegria nas aulas, e por compartilharmos o sufoco. Parabéns a todos que caminharam comigo neste dois anos.

E uma grande inspiradora deste trabalho, exemplo que busco seguir em todos os meus trabalhos, a professora Marialva Barbosa, minha mais nova amiga, que com seus livros me ajudou nesta difícil tarefa. Obrigada pela atenção e carinho, e por participar da minha banca. E estendo meus agradecimentos aos professores da banca e ao Departamento de História da UFES.

Obrigada ao jornalismo e jornalistas, que sempre encantam com sua maneira de mostrar o mundo, contar uma história. O que seria do dia de hoje sem as palavras de um jornalista? E o que seria do dia de ontem sem o olhar atencioso de um historiador? Agradeço a essas duas maneiras de olhar o mundo, jornalismo e história, que resumem meu encanto.

Agradeço à Deus, que sempre esteve comigo.

Dedico este trabalho ao amor, que permite que o bem vença, que a alegria seja contagiante, e que as conquistas sejam compartilhadas.

“Porque são os passos que fazem os caminhos!” (Mário Quintana).

RESUMO

O slogan da República simplifica como os jornais da Zona da Mata Mineira, **O Operário**, de Muriaé, e o **Jornal de Viçosa**, de Viçosa, abordaram os acontecimentos da década de 1920. Este trabalho se inicia com uma revisão da implantação da República até o fim da década de 1920, e com base nestes acontecimentos, analisa, seguindo o conceito de micropoder de Michel Foucault, os jornais publicados entre 1920-1929 para averiguar como retratavam a sociedade em que estavam inseridos, desde acontecimentos locais até os nacionais, como o tenentismo, as eleições, e o cotidiano das cidades do interior de Minas Gerais, em especial da região mais rica do estado no período, a Zona da Mata.

ABSTRACT

The Republic's slogan simplifies how the newspapers of Zona da Mata Mineira, **O Operário**, from Muriaé, and **Jornal de Viçosa**, from Viçosa, addressed 1920 decade events. This work begins with a review of the Republic deployment until the end of 1920 decade, and based on these events, it analyzes, following Michel Foucault micropowers' conception, the newspapers published between 1920-1929 to investigate how they described the society that they were in, from the national to the local events, such as the Tenentismo, elections, and daily life of small cities from Minas Gerais, in particular the richest area of the state on that time, the Zona da Mata.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C331o Carvalho, Daniela Corrêa e Castro de, 1982-
Ordem e progresso : a imprensa da Zona da Mata Mineira na década
de 1920 / Daniela Corrêa e Castro de Carvalho. – 2007.
170 f. : il.

Orientadora: Nara Saletto Costa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Imprensa – História. 2. República. 3. Poder (Ciências sociais). 4.
Brasil – Política e governo – 1920. I. Costa, Nara Saletto. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 93/99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. As bases republicanas	18
1.1 Primeira República.....	18
1.2 Uma opção: os tenentes como depositários da esperança.....	27
1.3 Minas Gerais na política.....	30
1.4 A década das mudanças	33
2. É na Mata que se constrói o progresso	41
2.1 Economia.....	45
2.2 Política na Mata.....	51
2.3 Partido Republicano Mineiro	53
2.4 Sociedade da Mata	55
2.5 As Cidades	58
2.5.1 Muriaé	58
2.5.1.1 Muriaé na proclamação da República.....	61
2.5.2 Viçosa	62
3. Manutenção da ordem e construção do progresso	64
3.1 Construção da realidade	65
3.2 A memória impressa.....	66
3.3 O Jornal de Viçosa.....	68
3.4 O Operário.....	70
3.5 Imprensa.....	73
3.6 O Operário x O Muriaé	77
3.7 Política	77
3.7.1 Reação Republicana	77
3.7.2 Congresso das Municipalidades	91
3.7.3 Movimento Tenentista.....	96
3.8 Meios de transporte	100
3.9 Economia.....	102
3.9.1 Carne verde	102
3.9.2 Opiniões econômicas	104
3.9.3 Policultura	105
3.9.4 Café.....	107
3.10 Educação	109
3.11 Festas Populares	112
3.11.1 Carnaval.....	116
3.12 Esporte	118
3.13 O progresso por aqui.....	119
CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
FONTES	130
APÊNDICE	134

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o mestrado, ou melhor, muito antes da seleção, este trabalho que aqui se apresenta já era idealizado e pensado. Não academicamente falando, mas pessoalmente, como uma realização e um dever a ser cumprido comigo e, principalmente, com a cidade de Viçosa, responsável pelo início de toda essa investigação e estudo.

A Zona da Mata Mineira atualmente não se caracteriza pela riqueza ou pelo desenvolvimento. Muitas cidades continuam com quase a mesma quantidade de habitantes de décadas atrás, mas também permanece atrasada em outros quesitos, como educação e saneamento básico. Mas sua glória encontra lugar no século XIX e início do XX, onde a região era a maior responsável pela produção de café do estado de Minas Gerais.

Viçosa, que pertence a essa região, hoje é uma cidade universitária, que desenvolve por conta desse público. Nem todas as outras cidades da Zona da Mata são assim, sendo que algumas delas lutam para encontrar um caminho para o desenvolvimento.

E, além disso, durante muito tempo a política mineira e a nacional conheceu nomes importantes vindos daquela região, como Artur Bernardes, Raul Soares, Bueno Brandão, Antonio Carlos, Carlos Vaz de Melo e tantos outros que marcaram o Partido Republicano Mineiro, o estado de Minas Gerais e o Brasil.

Essa breve apresentação torna mais fácil começar a falar desta dissertação. O que veremos aqui é um resgate da história de algumas cidades da Zona da Mata e, principalmente, de sua imprensa, deficiente e simples, mas sempre atuante. Nosso recorte está situado na década de 1920, o que facilita e dificulta nosso trabalho.

Os anos 20 do século passado foram marcados pelas revoltas, transições e renovação. Mas também, para a imprensa em Minas Gerais, foi marcado por dificuldades para se manter, para obter papel para a impressão dos jornais e uma estreita ligação política na maioria dos casos, ficando suscetível às vitórias ou derrotas do candidato que apoiassem. O mais especial nos homens (porque as mulheres normalmente não participavam desses jornais) que construíam essa

imprensa era produzir jornais que tinham um grande engajamento político e que se colocavam como responsáveis por representar a sociedade na qual estavam inseridos. A imprensa estava ali para criticar mudanças, julgar atitudes, elogiar comportamentos, perpetuar hábitos e convencer. Um jornalismo opinativo desde o slogan do jornal até as notas de falecimentos. E esse é um dos pontos que procuraremos abordar neste trabalho.

Para isso é necessário entender que os jornais eram veículo de comunicação que estavam sob o controle das elites das cidades, normalmente membros da elite política. E, antes de tudo, precisamos deixar claro o que entendemos por elite e porque escolhemos esse termo para designar os responsáveis pelas matérias que analisaremos nos jornais.

Normalmente a sociedade está segmentada de tal maneira que existe uma elite, formada pela minoria da população e que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Em relação à política, o poder político pertence também a uma minoria que tem o poder de tomar e de impor decisões para todos os membros do grupo, seja com uso da força ou não. Neste caso, existem duas classes de pessoas: governantes ou governados, sendo a primeira chamada de superior, ou seja, a Elite está num nível superior em relação aos demais, como afirma Pareto¹. Isso acontece tanto na sociedade como também em um grupo restrito de pessoas.

Dentro desse conceito, as revoluções não são mais do que a substituição de uma classe dirigente por outra, como no caso da República implantada no Brasil, e, além disso, na teoria das elites, há um certo pessimismo em relação à possibilidade de que essa situação possa mudar.

Os primeiros formuladores de uma teoria das elites foram Mosca, Pareto e Michels, mas foi Harold D. Lasswell, que reelaborou e divulgou esta teoria nos EUA, conceituando diferentes níveis de Elite, daqueles que tem o poder maior numa sociedade; da Elite média, constituída por aqueles que tem um poder inferior, e de

¹ PARETO, Vilfredo apud BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. vol 1. p. 386.

massa, constituída por aqueles que tem um poder menor². O essencial, como afirma Mosca, é a relação que a elite estabelece com a massa, como ela é recrutada e como exerce seu poder. E os membros de uma elite estão ligados uns aos outros por diversos fatores (sociais, econômicos, políticos), mas sustentam-se e reforçam-se uns aos outros, tendem a concentrar os seus instrumentos de poder em instituições centralizadas e interdependentes.

Neste trabalho, seguimos a definição de que a elite, no nosso caso, não é necessariamente política, e sim aqueles que tem um poder do qual os demais estão privados – detêm os meios de comunicação, em específico os jornais. Portanto, a elite que abordamos neste trabalho é formada pelos proprietários ou diretores dos jornais, assim como redatores e colaboradores, ou seja, os que estavam ligados diretamente ao jornal faziam parte de uma elite.

Antes de abordarmos essa relação entre a Elite, detentora dos jornais da região da Zona da Mata, e a massa³, os leitores do jornal, é importante pensarmos que o poder, como no nosso caso, não precisa estar ligado à política, e sim que existem micro-poderes. Nesse sentido, os jornais representam um espaço de micro-poder, pois como afirma Foucault⁴, o poder está na palavra, no discurso e também na imprensa.

Para Foucault⁵, a compreensão de poder não é como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo, grupo ou classe sobre outros, mas como algo que circula e só funciona em cadeia, exercendo-se em rede. Não é algo unitário e global, e sim formas heterogêneas, em constante transformação, que não é uma coisa em si, mas sim um conjunto de práticas sociais que pressupõe relações em diversos pontos e lugares da rede social. Bauman⁶ também afirma que o poder, atualmente, está cada vez mais separado da política, e flui, e por isso está cada vez

² LASSWELL, Harold D. apud BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. vol 1. p. 388.

³ O termo “massa” está relacionado diretamente com a presença de uma elite. No caso deste estudo, tanto elite quanto massa são constituídos por um pequeno número de pessoas. No período em que os jornais são publicados não há uma grande parcela de pessoas alfabetizadas, principalmente nas cidades de interior. Portanto, o termo massa não designa quantidade, e sim qualifica os leitores dos jornais como aqueles que não detêm o meio de comunicação e que apenas tem acesso a ele.

⁴ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

⁵ Ibidem.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

menos restringido. Seu estudo, atual, mostra como o poder tem evoluído, mas não caracteriza o poder dos anos 20, que estava totalmente ligado à política. A principal contribuição de Bauman para este estudo é mostrar que o poder não é estático e que pode estar presente em diferentes relações. No caso deste trabalho, o poder se exerce em uma rede formada pelo jornal, como um meio de comunicação da elite e seu público.

O poder se exerce independente de sua vinculação com o Estado, e sua dinâmica está ancorada em “efeitos de verdade” que ele procura produzir no interior dos discursos. A verdade é um conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder, sendo um combate em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. Esse efeito de verdade é procurado em todas as matérias publicadas pelo jornal, por meio de um discurso que convença o leitor de que aquilo é a realidade. Para Foucault, a “‘verdade’ deve ser compreendida como um sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulamentação, distribuição, circulação e operação de enunciados [...]”⁷.

O poder deve ser procurado em todas as relações vivenciadas pelos indivíduos nos diversos contextos sociais, como a publicação ou leitura de um jornal, pois o poder não pertence a um indivíduo, ele está implícito nas práticas sociais cotidianas. É exercido de acordo com o lugar onde há um feixe de relações e de acordo com o papel que cada um ocupa neste lugar.

Mas para o poder ser tolerável, ele deve mascarar a maior parte de si. “Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos [...]”⁸ e também não funciona se for através de uma dominação forçada. Bauman coloca essa camuflagem do poder na relação medo e riso, afirmando que o poder moderno usa o “[...] riso como seu abrigo mais seguro; como se o medo quisesse mais

⁷ FOUCAULT apud FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, Título original: *Discourse and social change*, p.74.

⁸ *Ibidem*, p. 75.

riso/espaco para se esconder, de modo que a resistncia ao poder produtor de medo fosse bloqueada antes de nascer”⁹.

O discurso pode ser escrito, falado ou por meio de imagens que expressam um ponto de vista com objetivo de persuadir o outro ou o coletivo. É uma produo que se situa em um contexto de confrontao, porque uma idia quer superar outra ou ser dominante em relao a outras formas de se posicionar em relao a algo. Há uma relao ativa do discurso com a realidade, sendo que a linguagem significa a realidade no sentido da construo de significados¹⁰.

O discurso está na ordem das leis e se lhe ocorre ter algum poder, advém das pessoas. Foucault supõe

[...] que em toda sociedade a produo do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que tem por funo conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.¹¹

As interdições que atingem o discurso revelam sua ligao com o desejo e o poder. O discurso não é apenas aquilo que se manifesta o desejo, é também o que é objeto do desejo e “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominao, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”¹² e por isso as matérias do jornal são colocadas como estão no jornal, sem correções de português, sem atualizao para a escrita que se utiliza hoje.

O autor também é importante na construo de um discurso, não como indivíduo falante, mas como princípio de agrupamento dos discursos, como unidade e origem de suas significações. No caso do jornal, em matérias não assinadas, o autor é o próprio jornal, que expressa sua opiniao. São esses os discursos analisados no trabalho, os que não possuem assinatura e que, portanto, expressam as idias do jornal. “O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade

⁹ BAUMAN, **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 68.

¹⁰ FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudana Social**. Traduo de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, Título original: Discourse and social change.

¹¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 8 e 9.

¹² Ibidem, p.10.

que tem a forma da individualidade e do eu [...]”¹³. Com isso pode-se afirmar que as matérias publicadas sem assinatura mostram a identidade do pensamento do jornal.

Os discursos devem ser tratados como conjunto de acontecimentos discursivos, e para isso deve-se dar um estatuto para a noção de acontecimento. O acontecimento se efetiva no âmbito da materialidade e consiste na relação, recorte, dispersão, acumulação, seleção de elementos materiais. Os acontecimentos discursivos são séries homogêneas, mas descontínuas.

A história praticada hoje alarga o campo dos acontecimentos, mas o mais importante é que não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte. É importante contextualizar a época em que o jornal usado na pesquisa está inserido, para considerá-lo como um elemento que não está isolado do seu meio. A história procura estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes às vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento e as condições de sua aparição.

E para conhecer esse lugar, o contexto em que o jornal está inserido, seguimos uma divisão de capítulos que pensamos ser mais fácil para o entendimento do leitor.

Ao pensarmos na dissertação, o caminho mais lógico, e o que escolhemos, é primeiro nos aventurarmos rapidamente na Primeira República, para conhecermos como alguns fatos, que estiveram presentes também na década de 1920, surgiram e foram desenvolvidos. Diante disso, no Capítulo 1 entendemos que é pertinente realizar essa revisão bibliográfica sobre a Primeira República e depois olharmos mais de perto e mais profundamente para a década de 1920, recorte histórico desse trabalho e pano de fundo para o que encontramos na imprensa na Zona da Mata.

Mas é impossível falar de Primeira República sem falarmos de Minas Gerais, o estado que, ao lado de São Paulo, formava a principal fonte de poder político e de dominação durante esse período, principalmente entre os anos 1900 e 1930. Através dessa releitura sobre as décadas iniciais da República podemos conhecer a realidade do período em Minas Gerais e como este estado construiu sua história.

¹³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p.29.

No Capítulo 2 vamos conhecer mais sobre a região da Zona da Mata e as cidades que escolhemos como fonte de desta pesquisa. Não é possível realizar a análise de um jornal sem saber um pouco sobre o contexto no qual foi publicado, especialmente o da cidade de publicação. A imprensa local traz em suas páginas acontecimentos, além de nacionais, principalmente locais, pois grande parte de seu público está na própria cidade. E como estudar ou analisar um jornal de Viçosa e de Muriaé sem saber como essas cidades se estruturaram, a economia e seus personagens?

Com isso poderemos, no capítulo seguinte, analisar, conhecer e nos debruçar sobre os jornais, que são nossa fonte de pesquisa deste trabalho. Cada jornal tem sua história, seu envolvimento político, seus jornalistas e conflitos. Cada jornal sobreviveu de uma determinada forma e construiu uma história, que está ligada a história da sua cidade e do seu país. Por isso, após entendermos um pouco de cada cidade, contaremos a história desses jornais que circularam na década de 1920, apresentando sua história e de seus criadores. Outro ponto principal e que marca a interdisciplinaridade desta dissertação, pois para conhecer como um jornal funcionava ou atuava, precisamos entender a imprensa brasileira, conhecer sua história e como se fazia jornalismo nessa época.

Essa revisão nos permite partir para a análise das matérias de cada jornal, primeiramente procurando mostrar o todo do jornal, sua linha editorial, as características das matérias publicadas, para depois agrupar por temas. Assim partiremos para a análise de como a imprensa da Zona da Mata Mineira abordou os acontecimentos dos anos vinte, além de mostrar aspectos econômicos, sociais e culturais, não nos restringindo ao político.

1. As bases republicanas

1.1 Primeira República

Instaurado o novo regime – a República –, inicia-se o período que procuraremos mostrar brevemente neste capítulo para realizar uma conceituação teórica que possibilite a posterior análise dos jornais. Apesar de focarmos nossas discussões na década de 1920, características dessa época só podem ser entendidas, explicadas e debatidas, conhecendo um pouco da Primeira República.

Além de traçar a história desse período, procuraremos mostrar conceitos, aspectos da sociedade e da cultura que serão importantes para se compreender os jornais, como definições do que entendemos por coronelismo, tenentismo e outros conceitos que se mostrem necessários. Diante disso, esse capítulo se torna essencial para o trabalho porque com a revisão bibliográfica será possível entender o cenário em que os jornais da Zona da Mata Mineira foram publicados e como toda uma nação foi construída sob as novas diretrizes da República.

O novo regime foi instaurado com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889; se estabeleceu o Governo Provisório, enquanto o regime republicano buscava sua legitimação, com o Marechal Deodoro da Fonseca à frente do governo.

A instalação do novo regime era esperada, assim como também era esperado que os militares estivessem em posições de liderança, pois eram a força mais representativa. Entretanto, civis, já organizados em partidos republicanos também buscavam o poder, principalmente os paulistas, que desde 1873 se organizavam em torno do Partido Republicano Paulista (PRP)¹⁴, e compunham, com os militares, a maior força do novo regime.

Essa união entre Partido Republicano Paulista e os militares não permanece devido às diferenças nos ideais de construção de um país, principalmente por estes defenderem um governo centralizado. Os militares são afastados do poder, que fica

¹⁴ O Partido Republicano do Rio de Janeiro, de 1870, embora não fosse bem organizado como o PRP, teve grande influência na propaganda republicana em outras províncias e foi berço de alguns dos principais líderes do início da República, como Quintino Bocaiúva. Os Partidos Republicanos que surgiram após a criação do PRP foram os do Rio Grande do Sul (PRR) em 1882 e o Mineiro (PRM) em 1888, todos anteriores à proclamação da República.

com os civis. Não serão discutidas aqui as sucessões presidenciais nem as características de cada governante, pois nosso objetivo é traçar um panorama geral desse regime, claro que abordando mais profundamente alguns aspectos essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

As mudanças implantadas com a República foram o federalismo, com as províncias transformadas em estados, o presidencialismo, divisão dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e o Estado se separou da Igreja, tornando-se laico. Mas também era necessário criar as bases da República e para isso, após dois anos da proclamação, foi promulgada a Constituição de 1891, iniciando o primeiro período republicano do constitucionalismo que vai de 1891 a 1930, e começa com profundas transformações em relação ao “sistema decaído”, sem as quais não ocorreria a consolidação do poder recém inaugurado.

O sistema federalista gerou instabilidade entre a União e os Estados, principalmente por causa do despreparo destes para o exercício de suas funções federativas, o que gerou um quadro político marcado por abusos do poder, intervenções federais e freqüentes decretações de estado de sítio. Mas um outro ponto, mostrado por Américo Freire ao discutir a Constituição, é que “[...]o trabalho dos constituintes produziu um profundo remanejamento do poder pela via da descentralização, talvez o mais importante de nossa história como nação independente[...]”¹⁵.

Houve o fortalecimento dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo que “[...]em 1897 eles respondiam por 45,5% da receita de todos os estados da federação, e em 1925 sua participação já crescera para 61,1%.”¹⁶, aumentando assim o poder político desse núcleo. Já os pequenos estados permaneceram à margem da União, o que contribuía para conflitos políticos.

Os municípios se apresentavam muito mais amadurecidos do que no nível estadual pois sempre foram a base de construção do poder, e apesar disso, a autonomia municipal foi sufocada durante a Primeira República, que também apresentou graves problemas, alguns deles em conseqüência da Constituição.

¹⁵ FREIRE, Américo. CASTRO, Celso. As bases republicanas dos Estados Unidos do Brasil. In: GOMES, Ângela de Castro. **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002, p.40.

¹⁶ Ibidem.

Assim, embora a Constituição de 1891 amplie juridicamente a participação política do voto e pelo direito de associação e reunião, a realidade que se impõe é uma verdadeira negação da idéia de participação política. [...] preconceito contra os negros e imigrantes [...] violência e repressão a qualquer tipo de manifestações sociais [...] questão social é caso de polícia; pelo falseamento das eleições¹⁷.

As conseqüências da Constituição de 1891, ou seja, as mudanças que vieram com o novo regime, são percebidas até o fim da Primeira República, pois essas novas bases do país foram responsáveis por aprofundar relações de poder e políticas já existentes, contribuindo com o poder dos coronéis e dos governos estaduais, sendo que agora o poder central, apesar de ainda forte, precisava do apoio dos estados para se legitimar.

E foi isso que Campos Sales percebeu e iniciou a chamada “política dos governadores”. Ao entrar no governo, em 1898, o presidente precisava controlar as disputas entre as oligarquias estaduais e formar um Congresso que apoiasse suas decisões, então “[...] concebe uma fórmula de consolidação e permanência dos grupos que estivessem no poder, sem permitir qualquer abertura às oposições.”¹⁸. Dessa forma, há um compromisso entre o executivo federal e o estadual, que permite às oligarquias estaduais que se mantenham no poder, e consolida um corpo legislativo que atenda aos interesses do governo federal.

A “política dos governadores” começou a ser elaborada logo no começo do governo de Campos Sales, que buscou apoio principalmente nos maiores colégios eleitorais do país, o de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Dessa forma o presidente garantiu que os principais estados tivessem sua representação política garantida. Sua base era estabelecida na troca de favores, visando fortalecer ambas as partes. O Governo Federal garantia ampla autonomia aos grupos dominantes de cada estado, e em troca as bancadas estaduais lhe davam apoio político no Congresso. O resultado desse pacto foi o enfraquecimento das oposições, a fraude eleitoral e a exclusão da maior parte da população de qualquer participação política.

¹⁷ NETO, José Miguel Arias. Primeira República; economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (O Brasil Republicano, v.1), p.102.

¹⁸ CARONE, Edgar. **A República Velha I** (Instituições e classes). 4.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1978, p.299.

O governo federal apoiava os estados aliados tanto politicamente quanto financeiramente, pois ainda era ele que possuía mais recursos, e o repasse era uma das formas de barganha do Executivo. Por sua vez, os estados dependiam dessa verba para manter os municípios seus aliados também. Já os opositores do Governo Federal não tinham acesso às verbas, o que impedia estes políticos de cumprirem seus acordos feitos com eleitores para ganharem votos, seja no nível estadual seja no municipal.

Essa relação entre governadores e presidente era possível principalmente pelas eleições e ação da Comissão de Verificação e pelo coronelismo. Quando o resultado de uma eleição para cargos federais era contestado, a Comissão de Verificação era responsável pela aceitação do resultado e sua oficialização, tendo total controle para aprovar o resultado que preferisse. Seus membros eram deputados e, o Presidente da República, baseado na relação estabelecida com o Legislativo, podia controlar os resultados. No caso de eleições estaduais, as comissões do próprio estado oficializavam o resultado.

O coronelismo, outra vertente daquela relação, será abordado aqui com base principalmente nos textos de Vitor Nunes Leal¹⁹, Eul-Soo Pang²⁰, José Murilo de Carvalho²¹ e Maria Isaura de Queiroz²². Deixaremos Leal por último por ser a principal base do nosso trabalho. Com exceção de Carvalho, que estrutura seu trabalho em concordância ao de Leal, e que apresenta uma discussão em torno de conceitos como mandonismo, coronelismo e clientelismo, os demais criticam o posicionamento de Leal.

¹⁹ As obras de Vitor Nunes Leal usadas para essa reflexão são: LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro. Forense, 1948. LEAL, Vitor Nunes. **O Coronelismo e o coronelismo de cada um**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, 1980, p. 11-14.

²⁰ PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias 1889-1943**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

²¹ As obras de José Murilo de Carvalho abordadas nessa reflexão sobre coronelismo são: CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo**: uma discussão conceitual, in Symposium on "Nation-Building in Latin América: Conflict Between Local Power and National Power in the Nineteenth Century" in honour of the retirement of Raymond Buve, Leiden, 20-21 April, 1995; CARVALHO, José Murilo de. **Em louvor de Vitor Nunes Leal**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, n.1, 1980, p. 5-9.

²² QUEIROZ, Maria Isaura de. In: CARDOSO, F.H. **O Brasil Republicano**, vol 1: Estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 8).

Para Pang, a “[...] principal função do coronelismo era a hábil utilização do poder privado acumulado pelo patriarca de um clã ou uma família mais extensa.”²³. No trabalho de Queiroz, o clã é tratado por ela como parentela, uma definição que enriquece o estudo sobre coronelismo. A autora considera que o poder dos coronéis era quase total. A economia começava a se diversificar, apesar de ainda depender dos coronéis – grandes fazendeiros, mas também grandes comerciantes. Seu trabalho analisa o destino das parentelas nas cidades, o que mostra muita diferença entre o rural e o urbano, porque as cidades são palco da estratificação da sociedade. Os laços de parentela serão sufocados por laços econômicos, com a realização de sociedades em empresas. Pouco a pouco os adversários virão de baixo, exigindo maiores salários, por exemplo²⁴.

Em seu trabalho, Pang aborda principalmente os tipos de coronéis existentes, assim como mostra diferenciações entre as oligarquias. Esses temas não serão tratados aqui, pois o que se busca nesta revisão sobre o coronelismo é focar principalmente o sistema coronelista, lembrando que é algo complexo e que envolve características da política municipal. Tratado como uma manifestação de poder privado, o sistema coronelista era um compromisso entre o poder público que vinha se fortalecendo, e o privado, dos coronéis, que apresentava sinais de sua decadência, com diminuição da influência dos chefes locais, principalmente dos senhores de terra²⁵. Para Leal, o que comprova que o coronelismo era um sintoma de decadência do poder dos coronéis e não de crescimento, é o fato de que “[...] é do sacrifício da autonomia municipal que ele se tem alimentado para sobreviver”²⁶, mas ao mesmo tempo era o momento de apogeu do sistema coronelista.

Esse poder privado tinha como importante base o trabalhador rural que dependia do coronel para sua sobrevivência e por isso defendia os interesses deste, o que se manifestava principalmente no voto, chamado de “voto de cabresto”. A maioria do

²³ PANG, **Coronelismo e Oligarquias 1889-1943**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p.21.

²⁴ QUEIROZ, Maria Isaura de. In: CARDOSO, F.H. **O Brasil Republicano**, vol 1: Estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 8).

²⁵ Cabe lembrar e ressaltar que também existiam coronéis que eram médicos, advogados, entre outras funções que desempenhavam.

²⁶ LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro. Forense, 1948, p.57.

eleitorado morava e votava nos municípios do interior e os gastos com a eleição eram custeados pelos fazendeiros e chefes locais.

A primeira observação de quem estuda o “coronelismo” é, natural e acertadamente, atribuí-lo à hegemonia social do dono de terras. Mas é preciso entender essa hegemonia apenas em relação aos dependentes da sua propriedade, que constituem o seu maço de *votos de cabresto*. Não é possível compreender essa hegemonia em relação a todo o município.²⁷

Existiam vários fazendeiros em um município, e manter uma ligação partidária entre todos não era fácil. Outro fator que contribui para isso é que o eleitorado urbano era menos submisso ao poder de um coronel, o que dificultava uma hegemonia. E é nesta relação que entra o poder do governo estadual, o poder de coesão, que evita a disputa a nível municipal, apresentando e apoiando os seus candidatos.

O coronel também contribuía para o desenvolvimento do município, com realizações de utilidade pública e a defesa dos interesses locais, sempre com o apoio do Estado. Outra interferência do coronelismo na política era a “[...] anarquia administrativa observada em muitas municipalidades [...]”²⁸, porque, devido à troca de favores, parte dos cargos públicos era ocupada por aliados, além do uso da estrutura pública para as disputas eleitorais.

Outro ponto do sistema coronelista é a necessidade dos partidos e do governo estadual do apoio do dono de terras, do coronel, pois só através dele era possível o contato com a grande parte do eleitorado. Com a liderança do coronel no município ou sobre um grupo de eleitores, o governo tinha neste fato a base da reciprocidade entre eles, o que garantia o apoio do governador, pois sem isto, sem o apoio e reconhecimento do governo, o coronel tinha seu poder diminuído.

Mas os coronéis ou chefes locais, em sua maioria buscavam ficar do lado do governo estadual, pois a oposição sofria com a falta de verbas, pressões também pela violência e a dificuldade para ascensão política e econômica. Por isso o que se encontra no sistema coronelista não é necessariamente uma disputa para um coronel ganhar de outro no município, mas sim a disputa para apoiar o governador.

²⁷ LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro. Forense, 1948, p.53.

²⁸ Ibidem, p.39.

O “coronelismo” assenta, pois, nessas duas fraquezas: fraqueza do dono de terras, que se ilude com o prestígio do poder, obtido à custa da submissão política; fraqueza desamparada e desiludida dos seres que quase sub-humanos que arrastam a existência no trato das suas propriedades.²⁹

São essas fraquezas que tornam possível a existência do sistema, um dos principais pilares da “política de governadores” e da Primeira República. Mas a luta dos grupos oligárquicos pela presidência da República permanecia.

Para regular a disputa, chegou-se a um novo acordo informal: o revezamento de São Paulo e Minas Gerais na chefia do Poder Executivo. Os dois estados, a partir de então, passaram a se revezar na presidência do país e elegeram presidentes na Primeira República. Isso não significa o fim das disputas eleitorais nem uma total hegemonia na aliança assim como não era sinônimo de dependência de um estado com o outro. Chamada de “política café-com-leite”, esse acordo informal entre os dois estados não se limitava aos períodos de eleição presidencial, mas também para realizar pressões para conseguirem atender seus interesses.

Duas correntes de interpretação dessa aliança são identificadas por Amílcar Filho³⁰. Uma primeira aborda como algo natural e óbvio, já que eram os dois estados mais poderosos e hegemônicos do país. A outra corrente defende que essa aliança também se desenvolveu naturalmente, mas dessa vez por causa de interesses econômicos em torno do café. Amílcar Filho considera todas simples e superficiais, mas defende a hegemonia dessa aliança, postura que recentemente foi contestada por Claudia Viscardi³¹ em seu livro *O Teatro das Oligarquias - uma revisão da política “café com leite”* criticando a hegemonia e defendendo que não havia um controle total dos estados de Minas Gerais e São Paulo na política brasileira.

No nosso caso consideraremos que houve certa hegemonia, apesar de não serem unicamente por motivos econômicos ou de hegemonia política. O que se busca aqui não é discutir a intensidade ou instabilidade da política café com leite, mas sim conceituar sua existência para se compreender melhor a história política na Primeira República.

²⁹ LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro. Forense, 1948, p.56.

³⁰ MARTINS FILHO, Amílcar Viana. **A economia política do café com leite**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.

³¹ VISCARDI, Claudia. **O Teatro das oligarquias**: uma revisão da “política café com leite”, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2001. (Horizontes Históricos).

Um dos momentos de contestação da política café com leite foi durante as eleições presidenciais de 1922, quando, pela primeira vez, os estados secundários ou intermediários se uniram e buscaram conquistar um espaço maior no cenário nacional. A opção para isso era um presidente que os apoiasse e que não fosse representante da força política Minas Gerais-São Paulo.

A forma plena dessa oposição se estabeleceu em junho de 1921 e se chamou Reação Republicana, pois buscava resgatar a República, da minoria que a detinha, para a população, e claro, para os estados aliados do poder. O nome escolhido para concorrer com o candidato oficial nas eleições presidenciais foi Nilo Peçanha. O candidato oficial desta vez era um representante mineiro, Artur Bernardes, de quem falaremos mais adiante neste trabalho, por ser um político de destaque para a Zona da Mata e conseqüentemente para o nosso estudo.

Os estados que se uniram para formar a Reação Republicana foram aqueles que durante o Império tinham grande representatividade e poder, mas que no novo regime, com a política do café com leite, eram colocados em segundo plano. Uniram-se Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Distrito Federal, que buscavam ser uma alternativa de poder e competição, o que não existia no país desde o estabelecimento de uma cultura política onde apenas Minas Gerais e São Paulo ocupavam o poder. Esse foi um dos marcos do novo ciclo que começava na década de 20, de contestação da ordem vigente.

A Reação Republicana e os motivos que a levaram a existir foram discutidos de diferentes formas pelos historiadores, mas neste trabalho seguimos os estudos de Marieta Moraes Ferreira³², onde a Reação Republicana demonstrou a contestação da ordem vigente pelos estados que se sentiam individualmente não representados na política, buscavam uma “[...] maior participação no sistema federalista implantado com a Constituição de 1891[...]”³³, além da busca do político Nilo Peçanha por uma projeção nacional maior.

³² FERREIRA, Marieta. **A Reação Republicana e a crise política dos anos 20**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6., n.11, 1993, p.9-23.

³³ FERREIRA, Marieta. **A Reação Republicana e a crise política dos anos 20**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6., n.11, p.13.

Peçanha era um republicano histórico fluminense e desde o início dos anos 1900 vinha exercendo um grande domínio no Estado do Rio de Janeiro e influência na política federal. Exerceu os cargos de vice-presidente de Afonso Pena e, com a morte deste, assumiu a presidência da República de 1909 a 1910. Contava com o apoio de vários veículos de comunicação, como os jornais *Correio da Manhã*³⁴ e *O Imparcial*, que bombardeavam a figura de Bernardes, procurando desmoralizá-lo e exaltando o candidato da Reação Republicana.

As propostas da Reação não eram tão antagônicas às do candidato oficial, mas pregava como principal ponto defender os princípios republicanos, que consideravam ameaçados. Além disso, outro ponto que criou empatia foi a atenção despendida com as massas urbanas. O discurso voltado para estas camadas, por mais que não apresentasse propostas concretas, conquistava cada vez maior penetração de Nilo junto a elas, simplesmente porque “[...] numa sociedade em que esses segmentos achavam-se marginalizados da participação política, o simples fato de o discurso nilista considerá-los como interlocutores dignos de atenção já era em si uma iniciativa mobilizadora [...]”³⁵.

Outro segmento que apoiava a Reação Republicana era formado pelos militares, principalmente por considerarem que não tinham o prestígio que mereciam.

Apesar de toda essa mobilização, as eleições de 1922 apresentaram um resultado que comprovava o poder da política café com leite: Bernardes eleito, ou seja, o candidato oficial mais uma vez saía vitorioso.

Só que a oposição à candidatura de Bernardes desta vez não aceitou facilmente o resultado e recusou a legalidade da vitória do candidato de Minas-São Paulo. Daí em diante, apesar das punições que sofreram os políticos envolvidos na Reação Republicana durante o governo de Bernardes, o cenário se manteve agitado e, “[...] totalmente marginalizados no cenário político nacional e sem nenhuma possibilidade

³⁴ O *Correio da Manhã* foi o jornal onde se publicaram as cartas falsas atribuídas a Artur Bernardes. Cf. FORJAZ, Maria Cecília S. **Tenentismo e Política** – tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.40-41.

³⁵ FERREIRA, Marieta. **Op.cit.**, p.18.

de acordo, as forças dissidentes não tinham outra alternativa senão o aprofundamento das relações com os militares [...]”³⁶.

1.2 Uma opção: os tenentes como depositários da esperança.

O tenentismo foi o principal movimento político-social da década de 1920. Antes desse momento, os militares já haviam se revoltado, no que Boris Fausto considera como primeira manifestação tenentista. Os militares se uniram no que acabou desencadeando, sem o conhecimento da maioria deles, na proclamação da República. “Diferente do que aconteceu com o segundo tenentismo, no primeiro as lutas viriam após a vitória [...]”³⁷, com a luta pelo poder presidencial, de quem seria o novo chefe da nação. E deste episódio até o movimento tenentista dos anos 20, outras manifestações militares ocorreram, mas sem nenhum impacto político.

Por isso, e por focarmos nosso estudo na década de 1920, abordaremos o movimento tenentista neste contexto e o consideraremos como o primeiro movimento tenentista, porque anteriormente a isto as manifestações não se tornaram um movimento. Além disso, o tenentismo é diferente das revoltas ou pressões militares anteriores, pois agora não representam uma instituição, e sim uma cisão dentro do Exército. A cúpula segue a ordem vigente, e os tenentes vão lutar para mudar isso, ou seja, não buscam apenas mudanças na política brasileira e na estrutura da sociedade, mas na sua própria instituição.

O movimento começou com duas tendências: uma representada principalmente por Carlos Prestes e Miguel Costa, e outra defendida por Juarez Távora, o que não significa que havia uma cisão, pelo contrário. A primeira foi a que cresceu e caracterizou o movimento tenentista, com um programa mais voltado para características populares e nacionalistas, menos conservador do que a posição de Távora.

No começo era um movimento que não apresentava bases políticas nem propostas efetivas de mudança, mas que mesmo assim se tornava a opção para várias

³⁶ FERREIRA, Marieta. **A Reação Republicana e a crise política dos anos 20**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6., n.11, p.20.

³⁷ FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, 3.ed. 1977 (História Geral da Civilização Brasileira, tomo III, vol.2, Sociedade e Instituições 1889-1930), p.217.

camadas da sociedade. Primeiramente “[...] para as classes dominantes regionais em oposição ao núcleo agrário-exportador, os tenentes apontavam um caminho novo [...]”³⁸, pois como vimos, o fracasso da Reação Republicana não deixava muitas opções para essas classes. Além disso, os tenentes, mesmo que não diretamente, eram contra o domínio da oligarquia paulista e da política café com leite. No caso de São Paulo, outro fator causava ressentimento nos tenentes, o fato do Exército ter sido afastado do poder a partir do estabelecimento da supremacia paulista que, além disso, o Estado de São Paulo contava com uma milícia estadual que em alguns pontos era superior ao Exército³⁹.

Outro setor da sociedade que apoiava os tenentes era composto pelas camadas médias urbanas, sendo que elas foram, “[...] ao lado do incipiente proletariado urbano, os grupos sociais mais prejudicados pelas medidas defensivas da economia cafeeira [...]”⁴⁰ e depositavam nos tenentes a esperança de mudanças.

Seguindo a tese de Forjaz, outro fator também causa a identificação dessa camada com o movimento tenentista, ao mesmo tempo que:

[...] o comportamento político-ideológico dos tenentes só pode ser explicado pela conjugação de duas dimensões: sua situação institucional como membros do aparelho militar do Estado e sua composição social como membros das camadas médias urbanas [...] muito radical em sua forma e limitada em sua ideologia⁴¹.

Usamos nessa revisão sobre o tenentismo autores que são antagônicos em alguns pontos, mas fizeram contribuições importantes para um entendimento do movimento. No caso da origem social dos tenentes e um entendimento mais profundo da relação que as camadas médias urbanas estabeleceram com eles, concordamos com Maria Cecília Forjaz, que defende a relação dessas camadas com o movimento. O apoio dado para o movimento se deve principalmente pela identificação do tenentismo com os anseios das camadas médias.

O movimento tenentista é o principal sintoma de mudanças que ocorreram com a Primeira Guerra. Expressou a contestação das estruturas coloniais ou dependentes

³⁸ FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, 3.ed. 1977 (História Geral da Civilização Brasileira, tomo III, vol.2, Sociedade e Instituições 1889-1930), p.410.

³⁹ Ibidem, p.412.

⁴⁰ FORJAZ, Maria Cecília S. **Tenentismo e Política** – tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.18

⁴¹ Ibidem, p.28.

que se mantinham mesmo com a Proclamação da República e era resultado do inconformismo militar. Além disso, o movimento também é a expressão política das camadas médias urbanas que não tinha as mesmas condições que outras classes. Os tenentes se identificavam como “[...] responsáveis pela salvação nacional, guardiões da pureza das instituições republicanas, em nome do povo inerme [...]”⁴².

Na seqüência da Reação Republicana houve fortes rebeliões após a prisão do marechal Hermes da Fonseca e do fechamento do Clube Militar no Rio de Janeiro, sendo que a principal foi a de cinco de julho de 1922 no Forte de Copacabana. Foi decretado estado de sítio no país e a maioria dos militares se rende, mas este episódio marcou o início do movimento tenentista, que até 1926 “[...] se mantém, predominantemente, no âmbito de um reformismo pequeno-burguês, que divaga em formulações ou que se repete, mas não se renova [...]”⁴³.

Em 1924, o núcleo das principais conspirações tenentistas foi São Paulo, que realizou uma rebelião no dia cinco de julho de 1924, data escolhida para mostrar continuidade com o cinco de julho de dois anos atrás. Entre os dias nove e 27 de julho, São Paulo ficou sobre o controle dos tenentes⁴⁴. O levante militar era contra as oligarquias que comandavam o país e os rebeldes queriam o voto secreto, descentralização do poder, moralização e independência do Legislativo, a obrigatoriedade do ensino primário e profissional. A cidade é cercada por tropas enviadas pelo presidente da República, Artur Bernardes, e passa a ser bombardeada. Muitas pessoas são mortas e presas. No dia 27 de julho, o Exército derrota uma coluna de tropas revolucionárias tenentistas, que fogem para o interior.

A Coluna Prestes recebeu este nome devido ao seu líder Luis Carlos Prestes e se desencadeou em outubro de 1924 no Rio Grande do Sul. Durante os três anos seguintes a Coluna se deslocou pelo interior do país percorrendo mais de 20 mil

⁴² FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: historiografia e história. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972, p. 58

⁴³ SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes** – análises e depoimentos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978 (Coleção Retratos do Brasil, v.25), p.32.

⁴⁴ DRUMMOND, José Augusto. **O movimento tenentista**: a intervenção política dos Oficiais Jovens (1922-1935). Rio de Janeiro: Graal, 1986.

quilômetros. Segundo Luis Carlos Prestes⁴⁵, a Coluna era um movimento feito por jovens e que tinha como principal objetivo derrubar o governo.

Em setembro de 1926 o governo brasileiro reforma a Constituição de 1891 para enfrentar o movimento tenentista. Fica com mais autonomia para instalar estado de sítio, intervir nos Estados, nos sindicatos e limita o direito ao habeas corpus. No fim do ano, Washington Luís é empossado como presidente da República. A sucessão de Bernardes foi sem problemas, com apenas a candidatura de Washington Luis, empossado no fim de 26 e que teve um governo de relativa estabilidade.

No ano seguinte, 1927, os rebeldes da Coluna Prestes exilam-se na Bolívia, depois de terem passado pelos estados de Mato Grosso, Goiás e Maranhão, sendo perseguidos por tropas do Exército.

1.3 Minas Gerais na política

Como já pudemos perceber, o estado de Minas Gerais ocupou papel de destaque na política nacional durante a República Velha. Este fato pode nos levar a crer que os políticos e as regiões de Minas estavam unidos, mas na verdade, como nos mostra Wirth⁴⁶, Minas Gerais era um mosaico, onde cada região apresentava suas características e interesses, o que refletia na política.

O estado tinha diversas deficiências, como “[...] uma baixa renda per capita, baixa produtividade, sistema de transportes inadequado e o fato básico de que Minas, com suas diferentes regiões, não era uma unidade econômica coerente [...]”⁴⁷. Além das diferenças econômicas, as regiões tinham formações geográficas diferentes, aspectos culturais diversos, principalmente por causa da relação com os estados limítrofes, e esta unicidade do estado “[...] favoreceu a formação de uma elite mais

⁴⁵ PRESTES apud SODRÉ, **A Coluna Prestes** – análises e depoimentos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978 (Coleção Retratos do Brasil, v.25), 1978.

⁴⁶ WIRTH, John D. **O Fiel da Balança**- Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

⁴⁷ Ibidem, p. 81.

plural e menos compactada, onde a diversidade de interesses implicou o estabelecimento de conflitos intra-oligárquicos diversificados [...]”⁴⁸.

A união era possível através da força do Partido Republicano Mineiro (PRM), que conseguia controlar as disputas e tornar a política do estado forte. Para falarmos de política até o fim dos anos 20, é preciso falar do PRM.

A principal oposição estava entre os coronéis da Zona da Mata, responsáveis por grande parte da produção de café, e os da região central ou metalúrgica, que tinham sua base política ligada à mineração. Ambos tinham grande representação e buscavam ampliá-la, o que aumentava a oposição entre eles. Essas duas regiões, juntamente com a região Sul, tinham a maior parte da população mineira e dos recursos econômicos. A região metalúrgica, durante a República Velha, é a que cresce mais economicamente, mas na política em alguns momentos está à frente da Zona da Mata em outros não, sendo que esta apresenta certa constância de representação política⁴⁹.

O PRM era a estrutura que possibilitava o acesso político no estado, ou seja, era através dele que se realizava o recrutamento político. A Comissão Executiva do PRM sempre teve mais representantes da região Sul (que ora apoiava a região central ora a Mata, de acordo com seu interesse), e da Zona da Mata. A Comissão Executiva também era conhecida como Tarasca⁵⁰, e se definia como um conselho responsável pela escolha dos candidatos, o que não evitava a concorrência, porque os candidatos concorriam para serem escolhidos representantes e em alguns casos tentavam concorrer independentes ao PRM.

No início da República, a principal divisão e luta política foi entre a cidade de Ouro Preto, que contava com a liderança de Cesário Alvim, além de ser capital do estado, e Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata e liderada por Fernando Lobo. Mas os

⁴⁸ VISCARDI, Cláudia. **O teatro das oligarquias**: uma revisão da “política do café com leite”. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2001. (Horizontes Históricos), p. 39.

⁴⁹ “Durante a República Velha existiram quatro cargos legislativos em Minas Gerais: deputado e senador estadual e deputado e senador federal”. SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, (5, 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p.15-16.

⁵⁰ A palavra Tarasca significa um manequim de um monstro que era usado em procissões na França e era usado para designar a Comissão Executiva do PRM. Cf. SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, op.cit, p.24.

blocos políticos que realmente marcaram as decisões se estabeleceram após a morte de Silviano Brandão em 1902 e estavam divididos sob três lideranças: os silvianistas, biistas e salistas. O primeiro grupo era comandado por Júnior Bueno Brandão e Wenceslau Brás, o segundo por Bias Fortes e o terceiro por Francisco Sales. Todos eram representantes autênticos do coronelismo, mas não se encaixam na categoria de coronel fazendeiro, porque eram profissionais da área industrial, comércio e membros da burguesia.

O grupo de Francisco Sales foi o último a se estabelecer e teve que enfrentar os silvianistas e biistas. Essa divisão permaneceu até o fim da década de 1910, quando começam a surgir novos atores políticos, principalmente Artur Bernardes e Raul Soares. Ambos estudaram direito na Faculdade de Direito de São Paulo e eram da Zona da Mata, sendo Bernardes de Viçosa e Raul Soares de Ubá, cidades próximas uma a outra. Essa mudança aconteceu no ano de 1918, quando Bernardes é recrutado para a política pelo PRM.

Bernardes teve sempre ao seu lado Raul Soares, seu maior aliado e realizou alterações no cenário nacional e, principalmente, estadual.

O novo regime alterou a estrutura do partido: o recrutamento da administração pública foi suspenso e os ex-presidentes passaram a ser membros não votantes (honorários) da Tarasca. Não se cumpria o compromisso coronelista para com os chefes regionais dentro do “novo modelo” político vigente⁵¹.

Estas alterações também foram sentidas na economia, com aumento das rendas estaduais devido à reforma tributária implantada por Bernardes e início da indústria siderúrgica, dentre outras medidas, que parecia “[...] ter favorecido sua região de origem, a Zona da Mata [...]”⁵², com políticos da região no poder e em especial, o desenvolvimento de Viçosa.

Só que sua posição de liderança foi abalada com a morte de Raul Soares em 1924, que ocasionou também a perda do controle do PRM, que voltou a ter um sistema colegiado da Comissão Executiva e deixou de ser comandado por Bernardes. Além de perder o apoio no seu estado, Bernardes enfrentava muitas dificuldades,

⁵¹ SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, (5, 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p. 27.

⁵² Ibidem.

mantendo-se no comando principalmente por causa do estado de sítio sob o qual governava o país. Um governo turbulento, que ainda tinha a desaprovação do Rio de Janeiro. Desde as eleições de 1921, quando concorreu com o político fluminense Nilo Peçanha, Bernardes era impopular no Rio de Janeiro. Com esses acontecimentos, ele se tornou um político praticamente isolado e novas forças políticas opostas a ele foram aparecendo, tanto no país quanto em Minas Gerais, e seu governo foi se transformando cada vez mais no governo de um só homem, Artur Bernardes.

As disputas internas no estado de Minas foram controladas por muito tempo pelo PRM. Isso possibilitou a formação de um partido poderoso e um estado com grande representatividade. No fim da década de 1920 Minas Gerais já começava a viver uma crise política e econômica, principalmente por causa das disputas internas, que também impediam a modernização e desenvolvimento do PRM.

1.4 A década das mudanças

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o movimento modernista começou a se elaborar, mas só se definiu durante os anos vinte. A guerra “[...] acelerou a emancipação feminina, firmou novos valores morais, incentivou o desenvolvimento tecnológico [...]”⁵³. A sociedade passou, com o fim da guerra e o início de uma estabilidade política e também econômica, a ser mais consumista principalmente por causa da propaganda, maior facilidade nas compras e dos meios de comunicação, como jornal e rádio – veículo que começava a ter suas primeiras experiências no Rio de Janeiro e São Paulo –, mas atingindo apenas uma parcela da elite.

O que torna essa década diferente das anteriores, além das lutas operárias e pressão da burguesia industrial:

será um conjunto de sistemas, de possibilidades, e até mesmo de atuações que se revelam, à análise, como condições estimuladoras e provocadoras [...] entre 1920 e 1929, o envolvimento do país em um clima de efervescência ideológica e de inquietação social; o maior grau de

⁵³ RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**, Florianópolis; Editora Insular, 1997, p.8.

perturbação provocado pelas campanhas presidenciais, o alastramento das incursões armadas.⁵⁴

Foi uma década marcada, por um lado, pelo esforço para se manter a estrutura política republicana, e de outro a pressão para alteração de todo o regime. Resumidamente, foi uma década onde o “[...] país viveu uma espécie de “aceleração da história”, com a emergência de novos atores políticos (classe operária, camadas médias urbanas, militares) e novas idéias.”⁵⁵. As conseqüências não foram limitadas à época, pois também se estenderam na década seguinte. Essa influência prolongada é outro motivo para compreender o que encontramos de 1930 em diante.

O final dos anos vinte foi um momento crítico, não só no Brasil, mas também no contexto internacional, “[...] um período de desorganização no sistema capitalista mundial e uma realocação do poder no plano das grandes potências [...]”⁵⁶ e se acreditava no fortalecimento do Estado como uma solução para a crise.

Dois aspectos principais marcaram a política nacional, o descontentamento do Exército e da classe média, que não era absorvida pelo sistema. Mas outro ponto importante foi que o regime republicano dava sinais de ter chegado ao limite, o que era identificado nos movimentos que marcaram a década, principalmente por causa do “[...] crescimento das cidades, o aumento significativo da população e a emergência de uma classe média mais participativa [...]”⁵⁷.

A economia se encontrava em seu limite, “[...] tanto de um sistema produtivo vulnerável por depender crucialmente de um produto de exportação, quanto de uma política econômica que buscava conciliar esta inerente fragilidade a um sistema que se diversificava e crescia a favor das atividades urbano-industriais [...]”⁵⁸. O capital industrial se desenvolvia e também o mercado de trabalho adequado a ele, gerando desenvolvimento urbano e mercado consumidor industrial. As indústrias geravam aumento da densidade demográfica, que induz o setor de serviços, gerando

⁵⁴ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.9

⁵⁵ LORENZO, Helena, COSTA, Wilma. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP 1997, p. 8

⁵⁶ Ibidem, p.9

⁵⁷ GOMES, Ângela de Castro (coord). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002, p.79.

⁵⁸ SARETTA, Fausto. A Política Econômica na década de 1920.In: LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **Op.cit**, p.218.

diversificação na sociedade, ao mesmo tempo em que a economia agroexportadora atinge seu apogeu. O setor industrial também sofria com as revoluções e crises de energia elétrica, além disso, os grupos sociais diretamente ligados a ele – o operariado e burguesia – eram responsáveis por parte das pressões sociais. Esse desenvolvimento marcava uma mudança do sistema agroexportador para uma sociedade semi-industrial e a maior parte do valor da produção industrial, cerca de 65%, estava localizada nos principais estados – Minas Gerais e São Paulo – e no Rio de Janeiro.

Apesar do cenário de mudança, nos anos vinte, como ao longo de toda a Primeira República, a economia também dependia do café, e as variações na demanda e oferta do produto refletiam-se no câmbio. Esses são os dois aspectos mais importantes para a economia dessa época – café e câmbio – porque era baseada em produtos primários de exportação e dependente do mercado externo.

É necessário lembrar que a Primeira Guerra Mundial havia terminado a pouco tempo. Seus efeitos, como aumento das exportações brasileiras e queda das importações, e a balança comercial brasileira “[...] a apresentar déficits crescentes, acompanhada de acentuada perda de valor do mil-réis [...]”⁵⁹ por causa da crise da década de 1920, ocasionou a queda das exportações, a moeda começa a se desvalorizar, e com isso também as importações, fator que prejudica o Estado, dependente dos impostos sobre essas. Mas um outro fator, decorrente da desvalorização cambial, atingia a população, a inflação.

Depois dessa fase inicial difícil, o café começa a ter alta de preço e a economia brasileira se recupera, o que possibilita também um aumento na industrialização. Durante o governo Artur Bernardes se realizou uma política deflacionista, que conseguiu uma apreciação cambial e queda na inflação. No governo seguinte, de Washington Luis, mudanças maiores foram implantadas, como a reforma monetária, onde se estabeleceu a volta ao padrão ouro. Além disso, o país era destino de investimentos estrangeiros, e as condições do mercado de café eram favoráveis. Diante disso a renda interna cresceu tanto em 1927 quanto em 1928. O grande

⁵⁹ SARETTA, Fausto. A Política Econômica na década de 1920. In: LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **Op.cit**, p.221.

problema, apesar da melhoria na economia, continuava a ser a dependência do café e, portanto, das variações no preço, suscetíveis à fatores externos.

Nos últimos anos da década, a produção cafeeira aumentava e, em 1929, os preços despencavam e com a quebra da Bolsa de Nova York, a economia brasileira também foi atingida, o que gerou desemprego. O ano seguinte, a chegada da nova década, foi marcada por recessão, diminuição da produção, queda na importação e “[...] aprofundamento da crise fiscal do Estado [...]”⁶⁰. Essa crise só foi possível, ou seja, a economia foi atingida de maneira intensa porque, apesar do desenvolvimento industrial, a exportação de produtos primários e a importação de manufaturados eram a base da economia.

[...] O fim da Primeira República marca, portanto, o início de uma dupla transição. Por um lado, a de uma economia primário-exportadora baseada no café, com um regime cambial e comercial relativamente livre, para uma economia voltada “para dentro” com severos controles sobre as transações externas. Por outro lado, a transição de um sistema político onde a plutocracia paulista tinha papel hegemônico, para algo mais difuso.⁶¹

Além disso, a economia também foi um dos fatores das revoluções e reivindicações do período porque:

É pelo prisma monetário que as populações urbanas sentirão o quanto são marginalizadas na sociedade brasileira dos anos vinte. Se ocorria a desvalorização cambial, o custo de vida fica insuportável pelo peso das importações, particularmente as de alimentos, se ocorre a valorização, o dinheiro forte desaparece, contrai-se a renda e fecham-se empregos industriais. Esse é o dilema que prende a população urbana, que lhe transmite a sensação que tudo vai mal na sociedade hegemonicamente agrária, e que é preciso mudar tudo [...] como queriam os tenentes.⁶²

Nessa sociedade onde parte se sentia marginalizada, as mudanças sociais foram um dos fatores que deram nuances diferentes para este período que estudamos, e eram perceptíveis tanto pela presença de novas ideologias, como pela presença “[...] de marcante inquietação social e heterogeneidade sócio-cultural [...]”⁶³.

⁶⁰ SARETTA, Fausto. A Política Econômica na década de 1920. In: LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **Op.cit.**, p.233.

⁶¹ FRISTCH, Wynston. Apogeu e crise na Primeira República (1900-1930), IN: ABREU, Marcelo de Paiva (org). **A ordem do progresso – cem anos de política econômica republicana 1889-1989**. Rio de Janeiro: Editora Campus 1990, p.32.

⁶² LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **Op. cit.**, p.141.

⁶³ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 36.

Dentre vários aspectos, principalmente o econômico possibilitou certa diversificação na sociedade através do trabalho livre e o desenvolvimento do mercado interno, por exemplo. A expansão da cafeicultura atraiu imigrantes, que também se tornaram mão-de-obra urbana, e esses foram importantes para as mudanças nas relações de trabalho, tanto pela alteração do mercado de trabalho, quanto pela formação diferenciada dos brasileiros. Normalmente os imigrantes eram mais alfabetizados e com melhor formação técnica. Além disso, traziam “[...] novos sentimentos, idéias e valores no processo de integração social [...]”⁶⁴.

O processo de urbanização (ainda mais crescente nos anos vinte) também foi um fator que causou efeitos sociais, pois instaura outro modo de vida, agora com base em características urbanas e industriais, trazendo novas necessidades e nova postura social, que por sua vez, com o auxílio do modo de produção capitalista, exige novos profissionais, novas funções, aumentando a divisão social do trabalho e gerando novas camadas sociais. Mas a participação destas na sociedade é limitada por fatores que não mudam na mesma proporção, como a participação política ou econômica, o que gera uma “[...] desarmonia de valores, interesses e expectativas dos diversos agrupamentos. A inquietação social e a efervescência ideológica [...]”⁶⁵, situações que a classe dominante busca contornar, procurando controlar o questionamento do poder por parte das novas camadas sociais. Apesar desse esforço da classe dominante, essa nova estrutura social gera nas novas camadas sociais a contestação da sua condição, colocados como explorados. Esses dois fatores têm como consequência um tema que será mais comum nos anos vinte, a “questão social”, tratada por muitos da classe dominante como problema de polícia; para as novas camadas, problema que exige mudanças na sociedade. E aí encontramos a raiz de um dos graves elementos da crise social dos anos vinte.

⁶⁴ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.27.

⁶⁵ *Ibidem*, p.41.

A pressão social em cima da manutenção do poder da classe dominante provinha de um fato muito mais simples, o “[...] fato da aglomeração urbana: demanda habitacional inédita, graves problemas no setor de higiene e saúde [...]”⁶⁶.

Na área cultural, a situação foi diferente das pressões negativas da social. A década de 20 foi rica. As novas tecnologias como linhas de telégrafo e telefone em 1922, a instalação da primeira emissora de rádio em São Paulo no ano de 1925 e o surgimento do cinema, transformavam a cultura. As produções hollywoodianas ditavam a moda através das telas de cinema, induzindo o capitalismo e consumismo. As imagens do cinema conquistaram as pessoas, possibilitando até o desenvolvimento de produções nacionais. “A inquietação não era só política. As artes também se rebelaram, rompendo com padrões tradicionais.”⁶⁷.

O Brasil buscava se modernizar e isso era mostrado principalmente nas grandes cidades que cresciam verticalmente, além dos automóveis que circulavam nas ruas. Os meios de comunicação também ajudam ao mesmo tempo em que “[...] revelam a urbanização e a modernização do país, resultantes do próprio sistema capitalista [...]”⁶⁸. A imprensa se expandia, impulsionada pela propaganda que era utilizada principalmente para a divulgação de produtos norte-americanos. Com isso, as empresas jornalísticas foram se transformando tanto administrativa quanto tecnicamente, com o jornalismo se tornando profissão e os artigos cedendo lugar para notícias, reportagens e entrevistas, alterações essas que foram mais lentas nos jornais das cidades do interior.

Os grandes jornais, muitos deles publicados até hoje, “[...] surgiram na década de 1920, não apenas devido à expansão empresarial do setor, mas também em razão da inquietação cultural e política do período [...]”⁶⁹. O mesmo cenário estava presente nos jornais de cidades do interior, mas nestes à expansão ainda tinha um grande vínculo com a política e as transformações editoriais eram mais lentas, o que em parte também era influenciado por este vínculo.

⁶⁶ GRANZIERA, Rui Guilherme. O Brasil depois da Grande Guerra. In: LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p.137.

⁶⁷ LIMA, Sandra. **História e Comunicação**, São Paulo: EBART 1989, p.68.

⁶⁸ RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**, Florianópolis; Editora Insular, 1997. p.66.

⁶⁹ Ibidem p.63.

Em 1922 o Brasil comemorou o centenário da Independência com a abertura da Exposição Internacional do Rio pelo presidente Epitácio Pessoa. Durante as comemorações de 7 de setembro, uma novidade: foi feita a primeira transmissão de rádio do País, novo meio de comunicação que foi se desenvolvendo aos poucos, mas começou a ter maior presença depois da década de 1930.

Os anos vinte foram uma década de questionamentos por parte dos intelectuais e houve a busca de uma ruptura com o passado, que se efetivou publicamente em fevereiro de 1922 com a Semana de Arte Moderna. Antes disso, na década anterior, as manifestações modernistas já existiam, mas encontravam forte resistência. A ideia de modernização estava presente, mas depois do marco de 22 é que o modernismo torna-se “[...] um ponto de vista na história da cultura nacional [...]”⁷⁰, mas não se restringe às manifestações fechadas, partindo para uma busca de soluções junto a sociedade.

A Semana de Arte Moderna trazia como proposta a alteração das regras e estilos na arte e literatura, sendo que os artistas se inspiraram principalmente nas novidades européias. Grandes representantes dessa época foram Mário de Andrade – que publicava *Paulicéia Desvairada* –, Alcântara Machado, Anita Malfati entre outros. Enquanto os intelectuais paulistas organizaram a Semana e assinaram o Manifesto Modernista, Gilberto Freyre e outros intelectuais pernambucanos fizeram o Manifesto Regionalista, que enfatizava a tradição, não deixando de ser um movimento modernista, mas com ênfase no regional.

Um ponto defendido pelos modernistas foi a visão de nacionalismo, procurando valorizar o que é brasileiro e destacando a questão nacional e o popular, mas em contradição a isso, os intelectuais ainda cultuam a erudição e o fato de fazerem parte da elite. Em relação a arquitetura, o modernismo defendia um estilo que unia beleza e adequação de espaços, e esse padrão foi colocado em prática nas cidades, onde se via o passado ao lado do futuro, com a nova arquitetura modernista.

No campo da política, por defenderem um olhar para o que é brasileiro – a questão nacional –, parte dos intelectuais defendia um Estado forte, que possibilitaria uma

⁷⁰ LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p.94

unificação cultural, sendo moderno e enfatizando o nacional, para construir a nação brasileira. E por causa de tudo isso, muitos intelectuais modernistas defenderam o governo forte pós 1930.

2. É na Mata que se constrói o progresso

“O mosaico mineiro ainda precisa ser desvendado, o que só será possível através da multiplicação de estudos regionais”⁷¹.

O estado de Minas Gerais, como discutido anteriormente, era chamado de mosaico mineiro, por ser dividido em regiões com características diferentes. Neste capítulo procura-se conhecer mais deste mosaico através de uma das partes, a Zona da Mata Mineira. Localizada a leste de Minas Gerais, seu nome era por causa da vegetação natural que constituía um obstáculo à livre penetração de pessoas. E assim se manteve por muito tempo para impedir a fuga do ouro.



Fig. 1. As zonas mineiras, segundo o uso corrente.

Ilustração 1 - Mapa da década de 1920. Fonte: WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.42⁷².

⁷¹ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República**, Estudos Históricos, vol. 8, n.15, Rio de Janeiro, 1995, p.52.

⁷² A divisão das regiões por John Wirth é uma adaptação da divisão realizada pelo Anuario Estatístico de Minas de 1922. “Salvo poucas exceções, as fronteiras das zonas de meu mapa coincidem com as do Anuario estatístico de Minas, Anno II, pp. 111-14, de 1922, data incluída no espaço de tempo aqui considerado. A fim de eliminar as zonas cujo uso não estavam bem consolidadas, omiti as zonas Nordeste e Noroeste, arbitrariamente definidas no Anuario, mas

Os estudos sobre a região são escassos porque durante um longo período a prioridade deste mosaico foi a região mineradora. A Zona da Mata começou a se desenvolver quando houve a necessidade de se transportar o ouro em ferrovias e deixou de ser uma região de mata fechada, que formava um cordão de isolamento da área mineradora, para abrir caminho para o escoamento do ouro.

Na metade do segundo quartel do século XVIII, o povoamento das áreas favoráveis para agricultura possibilitou a ocupação da maior parte da Zona da Mata. As sete regiões que compunham o Estado de Minas Gerais, na concepção de Wirth, apresentam histórias particulares e problemas especiais que desafiam as soluções comuns. Cercando Minas de oeste a leste, as serras da Canastra e da Mantiqueira delimitavam o Sul e a Zona da Mata.

A região é vista por Nicélio Barros como uma ruptura com o passado histórico de Minas Gerais. Tudo na Zona da Mata era diferente do que se encontrava nas outras regiões. O seu surgimento tardio reflete suas características, apontadas como “[...] o liberalismo, a iniciativa privada, a crença no progresso, o progresso material trazido pela máquina a vapor e pela eletricidade, o ecletismo do estilo arquitetônico e outras manifestações de uma mentalidade com tendência a romper com o estabelecido [...]”⁷³.

A agricultura é responsável pela estruturação da região, o que possibilitou “[...] situar-se como a região mais dinâmica da província, estabelecendo-se como base fiscal do aparelho administrativo provincial [...]”⁷⁴. Isso apesar de representar apenas 5% do território mineiro, com seus 35.000 km², a Zona da Mata foi até o início do século XX a região mais rica do estado de Minas Gerais, por causa do café. Com este produto a Zona da Mata chegou a representar 90% em 1880 do que era produzido no Estado, e depois decaiu, mas continuou a representar 70% do total da produção mineira na década de 1920.

conservei a zona Leste, que já era uma área fronteira em expansão territorial. Ampliei a região Leste para incluir partes da Zona da Mata, o que reflete a experiência histórica comum do Vale do Rio Doce e está de acordo com o uso recente”(WIRTH, p.71)

⁷³ BARROS, Nicélio. **História regional, café e indústria: A zona da Mata de Minas Gerais**. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais eletrônicos da ANPUH. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/>, p.2.

⁷⁴ Ibidem, p.1.

A cafeicultura se desenvolveria no início do século XIX no solo da Zona da Mata e depois atingiria o sul de Minas e o restante do estado.

Ao lado da região Sul, a maior parte da população, produtividade e transportes, estava concentrada na Zona da Mata, a mais urbanizada do estado. E na política isso também acontecia. De acordo com Amílcar Viana Martins Filho, desde a eleição de Silviano Brandão “[...] para a presidência do estado em 1898, a política mineira foi dominada até 1930 pela Mata e pelo Sul precisamente por serem estas as duas regiões predominantemente cafeeiras do estado [...]”⁷⁵.

Anterior a este período, o Centro, que envolvia a região mineradora, dominava a política. Martins acrescenta que as regiões Sul e Mata desafiaram a hegemonia política do Centro, e foram bem sucedidas.

Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata, foi local da construção da primeira usina hidrelétrica, em 1889. Este é um ponto que Cassiano Amorim, em seu estudo, considera como sinal de vanguarda da região⁷⁶. O pioneirismo também advém da agricultura e pecuária, que utilizavam a melhor tecnologia da época, e daí expandiram-se para outras regiões de Minas.

A cidade de Juiz de Fora “[...] tornou-se um centro industrial ainda no Império, com um razoável parque industrial, iluminação elétrica e os dois primeiros bancos mineiros, o de Crédito Rural [...] e o de Crédito Mercantil [...]”⁷⁷.

Com esses fatores, além da decadência das regiões mineradoras, a Zona da Mata, assim como a região Sul, atraíam a população daquelas regiões. O salto populacional é evidente quando se compara a população da Zona da Mata em 1890, de 460 mil habitantes, e a de 1920, de 840 mil habitantes.

No seu desenvolvimento inicial, a região envolvia:

⁷⁵ MARTINS FILHO, Amílcar Viana. **A economia política do café com leite**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.p.177.

⁷⁶ AMORIM, Cassiano Caon. **Leituras Geográficas da Zona da Mata Mineira**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p.241.

⁷⁷ CESAR, Guilhermino. **Minas Gerais: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 22.

[...] os territórios da atual Zona da Mata e parte do sul da Zona da Mata do Rio Doce [...] entre Viçosa e Arripiados (Araponga) [origem da ocupação]. [...] com o fracasso da exploração do ouro [...] e cercanias, as populações, em grande parte, emigraram para a Zona da Mata, indo desbravar e fortalecer economicamente, após a vitória sobre os indígenas locais e pela cata de vegetais medicinais e pela agricultura e pecuária incipiente, as terras banhadas pelos Rio Turvo, Pomba e Muriaé e nas quais ergueriam as localidades e municípios como Raul Soares, Rio Casca, Abre Campo, Santo Antonio [...], Viçosa [...], Cataguases, Muriaé.⁷⁸

As cidades foram se organizando devido a essa necessidade de ligação entre uma região e outra.

Valverde (1958) ao analisar as vilas e povoados da Mata Mineira, chama a atenção para os numerosos núcleos urbanos do tipo Strassendorf (aldeias em torno de uma única rua). Assim, se constituíram inúmeros povoados e vilas das Minas Gerais, no século XIX e XX, principalmente, devido a expansão da fronteira agrícola, motivada pelo surto cafeeiro e a necessidade de infraestrutura de transportes, comercialização, abastecimento da população e das atividades econômicas⁷⁹.

Dessa forma, grande parte das cidades da Zona da Mata se desenvolveram, como reflexo da expansão comercial e da fronteira agrícola. Quando chega a década de 1920, o cenário que se encontra já é de uma região desenvolvida, em muitos momentos à frente das demais regiões mineiras, e se mantêm como a principal região – econômica e politicamente – do estado, notoriamente por causa do café.

Com o fortalecimento deste produto, que iniciou sua expansão para outras regiões além da Mata e do Sul, depois da década de 1920, as cidades da Zona da Mata tinham poder econômico para se desenvolver e isso também refletia no domínio político da região no estado.

O café foi seu grande alicerce e também de Minas Gerais. Mas com as crises cafeeiras, começou a apresentar uma diversificação econômica, com a pecuária e também o desenvolvimento industrial. Tudo girava em torno do café: com os excedentes, era possível investir na indústria, comércio e outras atividades, mas quando havia queda de preço ou problemas na safra, a indústria, comércio e outras atividades eram necessárias para a manutenção da sociedade.

⁷⁸ CESAR, Guilhermino. **Minas Gerais: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p.37-38

⁷⁹ AMORIM, Cassiano Caon. **Leituras Geográficas da Zona da Mata Mineira**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p.51-52.

O café não só criou ao seu redor um complexo, que dava condições para a retenção de capital, como também “[...] diversificou a inversão deste capital no âmbito endógeno do “complexo” originando e ampliando um setor urbano-industrial [...]”⁸⁰. Ligado a isso surgem bancos, empresas de eletricidade, de transporte, de maquinários agrícolas, de telefonia, de construção, alimentares, têxteis, acompanhado do desenvolvimento comercial.

A ocupação da região não foi uniforme nem simultânea. A partir de 1900 a fronteira do café caminhava para o nordeste, além de Muriaé e Carangola para a zona Leste, com sua floresta virgem.

2.1 Economia

O desenvolvimento da Zona da Mata está atrelado ao café, assim como sua economia. O “complexo cafeeiro” não envolvia apenas a plantação de café, mas seu transporte, mão-de-obra, comércio e indústria, movimentando e influenciando praticamente todos os setores da economia da Mata.

Dentro da região o café foi configurando as mudanças. John Wirth cita que “[...] em vez dos velhos baluartes imperiais de Leopoldina e das cidades do sul daquela zona, as cidades além de Carangola caminhando em direção à fronteira do Leste, passaram a ser as principais [...]”⁸¹. Como exemplo de sua afirmação, o autor apresenta o caso de Ponte Nova, que era o centro de refinamento de açúcar, que “[...] saiu do 5º lugar em 1910 para o 9º lugar em 1923 e em 14º lugar em 1937 [...]”⁸².

O povoamento da região, assim como seu desenvolvimento, só surgiu na Mata tardiamente, se comparado com outros estados e mesmo com outras regiões mineiras, devidamente por causa do surgimento do café. Em seu estudo sobre as famílias de Minas Gerais, Mônica Ribeiro Oliveira⁸³ cita a divisão da região em três

⁸⁰ BARROS, Nicélio. **História regional, café e indústria**: A zona da Mata de Minas Gerais. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais eletrônicos da ANPUH. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/>, p. 7.

⁸¹ WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.64.

⁸² Ibidem.

⁸³ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Negócios de famílias**: mercado, terra e poder na formação da cafeeicultura mineira: 1780-1870. Bauru: EDUSC, Juiz de Fora: FUNALFA, 2005.

partes: sul, centro e norte, cada uma com um desenvolvimento diferente. Na parte sul está Juiz de Fora e outros municípios cafeicultores; no centro, os municípios de Cataguases, Muriaé, Viçosa, entre outros. E por fim, o norte que, segundo ela, é “[...] reflexo da expansão da fronteira do café, no final do século XIX [...]”⁸⁴.

Para a autora, o estudo da região se justifica principalmente por causa de sua importância econômica ao longo do século XIX e início do XX, com base na economia agroexportadora e, “[...] posteriormente, através de uma diversificada estrutura urbano-industrial, que a diferiu, essencialmente, do contexto histórico do século XIX.”⁸⁵.

Ainda no século XIX, quando o café se consolida na região, o complexo cafeeiro é responsável por oferecer condições para formar e reter capitais, “[...] constituindo-se na principal região produtora da Província. A Zona da Mata correspondia a 5% do território da província, detinha 20% do total da população mineira e concentrava no século XIX, a maior população escrava de Minas.”⁸⁶.

Os produtos como arroz, feijão e milho tinham uma produção reduzida, sendo que grande parte foi ocupada pelo café. A comercialização destes produtos normalmente não ultrapassava a região da Zona da Mata.

De acordo com Mônica Oliveira, a agricultura na fase anterior ao café, “[...] não possibilitou uma acumulação de excedentes a serem transferidos para a agroexportação [...]”⁸⁷. Mas logo o café dominou a economia, superando em 1829 a produção de algodão, que até então figurava como primeiro lugar em exportação da região da Mata.

A principal cidade desta região desde o princípio foi Juiz de Fora, que também se configurou como uma das principais cidades do Estado, perdendo apenas para a capital, Belo Horizonte. Além de forte economia, também tinha a segunda maior população de Minas Gerais, ficando atrás da capital.

⁸⁴ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira: 1780-1870**. Bauru: EDUSC, Juiz de Fora: FUNALFA, 2005, p. 43.

⁸⁵ Ibidem, p. 57.

⁸⁶ Ibidem, p. 57.

⁸⁷ Ibidem, p. 64.

A década de 1920 representa o início da decadência do café, com o problema da superprodução, e depois de 1930, o setor se apresenta em crise. Mas até chegar neste momento, o café marcou a região.

De acordo com Carrara, as diferenças na região estão principalmente na qualidade do solo e na ocupação.

Entre 1818 e 1888 desenvolveram-se na região os padrões diferenciados de economia: ao sul, a monocultura do café baseada no braço escravo, e ao centro e norte pela agricultura de subsistência ou de produtos voltados para os mercados locais, em especial cana-de-açúcar e milho. Em 1888, abriu-se uma terceira fase, na qual a lavoura cafeeira do sul da Mata começou a entrar em colapso e a desestruturar-se quase completamente, não apenas devido ao fim da escravidão, mas pelo desgaste do solo e pela velhice dos cafezais. Essa desestruturação da lavoura cafeeira foi resolvida como redirecionamento das atividades econômicas no campo e na cidade.⁸⁸

Essa diferença entre as partes da região da Mata, possibilitou que até o fim do século XIX, as áreas central e norte, que tiveram uma produção de café posterior à área sul, apresentassem solos férteis, “[...] conjugados com o reduzido impacto da crise do escravismo e conseqüente manutenção do padrão de mão-de-obra livre, permitiram um boom cafeeiro até as crises de superprodução [...]”⁸⁹ no fim desse século.

Na década de 1920, fatores como a exaustão do solo perto dos principais centros consumidores na Zona da Mata e no Sul, além da competição de outros estados, prejudicavam a Zona da Mata. Mas mesmo diante desses problemas, “[...] a maior produção de café de Minas continuava se concentrando, durante as três primeiras décadas do século XX, na Zona da Mata”⁹⁰. Na primeira década era concentrada na Mata, e a partir da segunda década começou a se expandir, principalmente para o Sul, que também tinha a influência da cafeicultura paulista, geograficamente próxima.

⁸⁸ CARRARA, Ângelo Alves. **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839 - 1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993, p. 83.

⁸⁹ Ibidem, p. 84.

⁹⁰ GIROLETTI, Domingos Antônio. **Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Belo Horizonte: UFMG. 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal de Minas Gerais, 1976, p.23.

Na década de 1920, quando o Sul já apresentava uma grande produção, a Mata ainda se mantinha com a maior produção de sacas de café, com quase 60% da produção do estado.⁹¹

Viscardi também apresenta dados que comprovam a liderança da Zona da Mata na produção de café. Além de produzir mais sacas, a região era a maior exportadora, “com uma percentagem mínima de aproximadamente 70% contra 30% do Sul de Minas”⁹².

Dentro da região, “[...] os municípios mais ricos em café na Zona da Mata eram os de Muriaé, São Manuel e Carangola, cujas plantações rendiam, em média, 40 a 45 arrobas por 1.000 pés [...]”⁹³.

O desenvolvimento econômico esbarrou na questão da mão-de-obra. De acordo com os desgastes das terras, a mão-de-obra se deslocava em busca de novas áreas. John Wirth cita que esses ajustes,

além da competição regional pela mão-de-obra e, de fato, a escassez de trabalhadores em si foram vistos pelos agricultores em toda parte como uma questão de disciplina trabalhista. Para os homens dependentes da mão-de-obra rural barata para obter suas margens de lucro, o chamado “problema da vadiação” foi uma obsessão. Em resposta a um questionamento do estado em 1894, diversos fazendeiros afirmaram que o transporte e a vadiação eram os dois maiores obstáculos à agricultura mineira.⁹⁴

Na década de 1920, as reclamações se modificam um pouco. O principal problema para a mão-de-obra já não era tanto a vadiação, mas principalmente a urbanização e os incentivos oferecidos pelos empreiteiros paulistas. Para John Wirth, a solução encontrada pelos fazendeiros da Zona da Mata foi a meação. Em 1900, esperando atrair e fixar os trabalhadores rurais brasileiros em suas terras, muitos fazendeiros voltaram-se para a meação, um sistema amplamente usado na região cafeeira do vale do Paraíba para atrair negros libertos. A meação tornou-se o principal sistema

⁹¹ A produção entre 1926 e 1927 foi de 4.403.094 sacas. A Mata foi responsável por 2.541.000 sacas, 57,7% do total. Enquanto o Sul, com 1.470.705 sacas, correspondia a 33,4%. As regiões Oeste, Triângulo e Norte representavam o restante, 9%. Para mais detalhes sobre produção de cada região no período, C.f. GIROLETTI, Domingos Antônio. Op.cit.

⁹² VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República**, Estudos Históricos, vol. 8, n.15, Rio de Janeiro, 1995, p.42.

⁹³ AMORIM, Cassiano Caon. **Leituras Geográficas da Zona da Mata Mineira**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p.50.

⁹⁴ WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 80.

de trabalho na Zona da Mata, mas os fazendeiros relutaram em dividir suas terras completamente, de forma que os pequenos fazendeiros pudessem tomar posse delas. A meação e outras formas de parceria amorteceram o impacto da depressão durante 1897-1909.

Essa situação não era contornada com a vinda de imigrantes, que normalmente se fixavam em São Paulo e no sul do país. Diante disso, as atenções se voltaram para a mão-de-obra local, normalmente composta por ex-escravos e caboclos “[...] que recebiam, tradicionalmente, os atributos de desleais, pouco talentosos e sem motivação. Pensava-se há muito tempo que os caboclos que dedilhavam o violão, pobres mas felizes, viviam despreocupados e ociosos afastados da terra. Essa imagem melhorou com a necessidade de seu trabalho”⁹⁵.

A escassez de mão-de-obra nos campos levava os fazendeiros da Zona da Mata e do Sul a lamentarem sua incapacidade de obter trabalhadores permanentes após 1910. Com municípios mineiros com grande êxodo, com pessoas indo para São Paulo e Paraná na década de 1920, a elite apavorou-se. Mineiros demais estavam indo para fora. A migração chegou ao auge na década de 1930.

O café era extremamente importante para a economia da região, “[...] era o produto de exportação mais valioso do estado, o suporte orçamentário, a razão por que duas regiões – o Sul e a zona da Mata – dominaram a política do estado na maior parte da República Velha”⁹⁶.

Na Zona da Mata o produto se caracterizava pela baixa qualidade, normalmente os tipos 7 e 9, inferiores aos plantados em São Paulo, por exemplo, e em outras regiões do estado de Minas Gerais. Esse era mais um fator que dividia os cafeicultores no estado. Enquanto os fazendeiros da Mata defendiam os preços do café de baixa qualidade, os do Sul defendiam os de melhor qualidade. Além disso, de acordo com Wirth, o café de baixa qualidade sofria mais em épocas de quedas do mercado⁹⁷.

⁹⁵ WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.54

⁹⁶ Ibidem, p.81

⁹⁷ Ibidem.

Outro ponto que diferenciava os interesses das regiões do Estado, era a exportação:

Para complicar ainda mais as coisas, os cafeicultores da Mata, que exportavam através do Rio, suportavam toda a carga de impostos de exportação de Minas; os sulistas, que usavam o porto de Santos, recebiam um abatimento parcial de imposto dos exportadores e pagavam taxas mais baixas de frete. Com essas diferenças regionais, os cafeicultores raramente tinham os mesmos interesses.⁹⁸

No período inicial da cafeicultura, seu desenvolvimento se deu em solos virgens, principalmente “[...] nos vales do Rio Pomba, do Paraibuna, e depois, através do vale do Paraíba, atingiria o Sul de Minas”⁹⁹. Cidades como “[...] Muriaé, Ubá e Leopoldina, que se tornariam importantes centros produtores, a cafeicultura em 1850/51 havia recém começado. A produção de café nas regiões sul e norte, é ainda incipiente, neste período”¹⁰⁰.

O café também direcionou o transporte na região. O sistema rodoviário e ferroviário se desenvolveu de acordo com os interesses dos fazendeiros, responsáveis também pela construção deste sistema, que se desenvolveu ainda no século XIX, com a “Rodovia União e Indústria” e por duas importantes ferrovias, a Estrada de Ferro D. Pedro II, que corta no sentido leste-oeste e a Estrada de Ferro Leopoldina, que atravessa no sentido norte-nordeste. O café gerou capitais que, direta ou indiretamente, financiaram a construção de rodovias e ferrovias. Estas, por sua vez, facilitando o escoamento, favoreceram o crescimento de sua produção.

No século XX, a produção na região se mantinha, como citado anteriormente, mas com uma diferença importante, “[...] as unidades maiores não se localizavam mais nos vales do Paraibuna e do Rio Pomba. E a maior parte do café, na Zona da Mata, passou a ser produzida nos vales do Rio Doce e afluentes, a nordeste da região”¹⁰¹.

O café também era responsável por grande parte dos impostos arrecadados sobre a exportação, normalmente 50%. E, de acordo com Giroletti, o impacto não era apenas na geração de impostos, mas também o mercado externo, através das

⁹⁸ WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.81.

⁹⁹ GIROLETTI, Domingos Antônio. **Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Belo Horizonte: UFMG. 1776. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal de Minas Gerais, 1976, p. 14.

¹⁰⁰ Ibidem, p.17.

¹⁰¹ Ibidem, p 23-24.

exportações, também tinha efeitos mais intensos e profundos na produção de café¹⁰².

Apesar da grande participação do café na economia da Mata, a pecuária também complementava a economia, e com a queda do café, foi o principal sustentáculo. Minas Gerais tinha o maior rebanho do Brasil.

No que tange a Mata Mineira, verificou-se que a deficiência estrutural de capitais bloquearia o esforço da industrialização em vários centros, com baixa acumulação de excedentes. Nesses locais, a erradicação de cafezais, que foram substituídos pela pecuária, demonstrou ser a alternativa adotada.¹⁰³

2.2 Política na Mata

Assim que a República foi instalada, desenvolveram-se duas facções na liderança política do Estado: uma sediada na velha capital da Província, Ouro Preto, e chefiada por Cesário Alvim; a outra sediada em Juiz de Fora, um grande centro populacional e industrial do Estado e chefiada por Fernando Lobo¹⁰⁴.

A liderança de Fernando Lobo era seguida pelos políticos da Zona da Mata, mas esta divisão entre Ouro Preto e Juiz de Fora não se manteve por muito tempo, porque a Mata passou a dominar a política mineira. Isso foi solidificado em 1918, com o domínio de Bernardes no Estado.

A região da Zona da Mata teve grande representação política na República Velha. Na década de 1920 conquistou mais poder principalmente por causa do Presidente de Minas Gerais, Arthur Bernardes, sucedido por Raul Soares. Outro fator foi que Bernardes se tornou Presidente da República. Essa atuação política dos dois marca o deslocamento do eixo do poder, do Sul para a Mata. Ao mesmo tempo, o período dos anos 20 representou o fim da força política do Partido Republicano Mineiro (PRM) e também de Arthur Bernardes sobre o Estado.

¹⁰² GIROLETTI, Domingos Antônio. **Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Belo Horizonte: UFMG. 1776. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal de Minas Gerais, 1976, p.25.

¹⁰³ ALVES, Márcio Resende Ferrari. **Economia da Mata Mineira: passado e presente – dois casos de análise econômica**. Juiz de Fora: 1993, p. 49.

¹⁰⁴ SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, (5, 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p.22.

Na Mata, a partir da consolidação da economia cafeeira, adveio uma estrutura de liderança. Como processo, encrava as suas raízes num sistema social e político de quase meio século. Um retrospecto de seu comportamento, de meados do século passado até 1945, revela-nos que o líder coronel ou doutor pouco defere da média do grupo. O recrutamento não se deveu à origem necessariamente [...]. No contexto de uma sociedade mais desenvolvida, já presentes os doutores, certos atributos individuais incidem, de modo marcante, no recrutamento do líder¹⁰⁵.

Arthur Bernardes, se enquadra nesta categoria, dos novos líderes políticos que não tinham seu poder associado à terra, e sim por serem “doutores”, no caso de Bernardes, advogado. Além disso, ele tinha vínculos políticos, como se verá a seguir, desde quando morava em Viçosa.

“O velho coronel abandona seu lugar, ou se recolhe aos bastidores, deixando em primeiro plano o líder instrumental. Surge então o doutor. O sentido que ele desperta nos liderados é mais de admiração do que de respeito [...]”¹⁰⁶. Desta forma foi a evolução política de Arthur Bernardes, favorecido nas eleições presidenciais também pela aliança da elite da Zona da Mata com o estado de São Paulo, garantindo “[...] não só a eleição de Bernardes, como as valorizações do café que se seguiram. Mesmo após o decréscimo da produção do café mineiro, Bernardes e seu grupo mantiveram o controle interno de Minas até a Revolução de 30”¹⁰⁷.

A região da Mata, ao lado da Metalúrgica e Sul, tinha a maior parte da população do Estado e dos seus recursos econômicos, mas durante a República Velha as proporções de participação políticas dessas regiões se alteraram, apesar da Zona da Mata manter um certo equilíbrio, tendo sua fase de menor participação no início da República, na 1ª legislatura.¹⁰⁸

De acordo com dados publicados no V Seminário de Estudos Mineiros, a região da Zona da Mata, entre 1890 e 1933, elegeu 22,2% dos presidentes do Estado, 30% dos vice-presidentes e 25% dos deputados federais. O Sul, principal adversário, elegeu 38,9% dos presidentes no mesmo período, 20% dos vices, e 19,8% dos

¹⁰⁵ MERCADANTE, Paulo. **Os Sertões do Leste** – Estudo de uma região: A Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.108.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República**, Estudos Históricos, vol. 8, n.15, Rio de Janeiro, 1995, p.51.

¹⁰⁸ SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS (5, 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p. 19.

deputados federais¹⁰⁹. A afirmação de Mercadante, de que os “doutores” eram maioria na política, é comprovada com dados do período de 1890 a 1933. A principal ocupação dos presidentes era 47,3% advogados e juizes, e 15,8% professores. Entre os vices, 25% eram advogados e juizes, e 41,7% professores¹¹⁰. Estes sofreram um declínio após 1930.

Como apresentado, mais de 20% dos presidentes do Estado foram da Zona da Mata, principalmente na década de 1920. Arthur da Silva Bernardes foi presidente de Minas Gerais de 7 de setembro de 1918 à 6 de setembro de 1922. Depois quem ocupou o cargo foi Raul Soares de Moura, que encerrou seu mandato em 04 de agosto de 1924. O último presidente da década de 1920 foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, que saiu em 6 de setembro de 1930¹¹¹.

A força da Zona da Mata também era possível pelo seu número de eleitores. Os dados de 1906 mostram que, seguindo uma ordem decrescente, Juiz de Fora tinha 101.725 habitantes e 4.762 eleitores alistados. Cataguases, com 59.122 habitantes, tinha 3.482 eleitores alistados. Muriaé com 46.160 habitantes, tinha 2.866 eleitores e Viçosa, com 52.200 habitantes, tinha 2.680 eleitores.¹¹²

2.3 Partido Republicano Mineiro

O Partido Republicano Mineiro foi essencial para a política mineira, principalmente na década de 1920, e também para a Zona da Mata. De acordo com Guilhermino Cesar, o PRM foi um dos fatos mais marcantes na vida política mineira. Ele define o PRM da seguinte forma:

[...] máquina política destinada a permitir o controle total do eleitorado. De fato, durante a vigência do PRM (até 1930) raramente alguém se elegia pela oposição; chamava-se a isto eleição “extrachapa”, pois somente se consideravam candidatos registrados os do PRM, cuja eleição era absolutamente garantida, sem necessidade de campanha ou qualquer outro trabalho por parte do candidato e mesmo do eleitor, pois, não raro, fazia-se o pleito a “bico-de-pena”¹¹³.

¹⁰⁹ SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS (5, 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p. 48.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ Ibidem, p. 55.

¹¹² CARRARA, Ângelo Alves. **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839-1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993, p. 133.

¹¹³ CESAR, Guilhermino. **Minas Gerais: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 22.

Diante disso, o que se vê na política mineira é uma total dependência e interligação com o PRM, havendo disputas locais, mas normalmente todos filiados ao PRM. Esse monopolitismo do Partido Republicano Mineiro promoveu e acirrou disputas locais, e delas saíam os chefes até porque “[...] ganhar as eleições continuava a ser de primordial interesse, e isto dependia da eficiência dos chefes locais, fator determinante para a escolha, pelo PRM, de uns, sujeitando outros ao ostracismo, ou à oposição inerme [...]”¹¹⁴. De acordo com Carrara, o sistema político do PRM era marcado por duas singularidades:

[...] no plano municipal permaneciam dois partidos aguerridos, irreconciliáveis, geralmente com nomes de animais, ambos, porém, filiados ao PRM e apoiando o governo; esses deputados, virtualmente nomeados, eram escolhidos segundo dois critérios: prestígio, mais ou menos presumido ou comprovado nos pleitos locais, dos chefes que os indicavam, e a capacidade, pelo qual elementos de valor e cultura, mas sem prestígio eleitoral eram indicados pelo governo e saíam eleitos¹¹⁵.

Outro fator de destaque na década de 1920 no Estado e na Zona da Mata, foi a atuação de Arthur Bernardes. O mandato de Bernardes como presidente do Estado e como chefe do PRM é apontado por Guilhermino César como um ponto de crise, pois “[...] um jovem político da Zona da Mata, Artur Bernardes, derrubou Francisco Sales do comando da Tarasca. Na época se disse que era a vitória dos bacharéis contra os coronéis. [...] Hoje podemos dizer que foi apenas a entrada de uma nova geração”¹¹⁶.

Arthur Bernardes entrou na política através de seu sogro, Carlos Vaz de Melo. De acordo com Nicélio Barros, Bernardes “[...] passou por uma aprendizagem convencional dentro da facção silvianista [...]”¹¹⁷. Sua trajetória iniciou na política local, quando se elegeu presidente da Câmara Municipal de Viçosa, em 1904, mesmo ano em que morreu Vaz de Melo. Depois se elegeu para o Congresso Estadual. Em seguida passou pelo Congresso Federal, pela Secretaria das Finanças e pelo Congresso novamente, antes de tornar-se presidente de Minas, em 1918.

¹¹⁴ CARRARA, **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839 -1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993, p. 125.

¹¹⁵ CESAR, Guilhermino. **Minas Gerais: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p 23.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ BARROS, Nicélio. **História regional, café e indústria: A zona da Mata de Minas Gerais**. XXII Simpósio Nacional de História. Anais. Londrina, 2005, p.16.

Carrara acrescenta que, herdar o eleitorado de seu sogro, “Foi um precioso dote a um advogado sem posses [...]”¹¹⁸.

Sua atuação esteve ligada também a de Raul Soares Moura, de Ubá, Zona da Mata. Os dois representaram a nova geração dentro do PRM e implantaram drásticas mudanças no partido, como o fim da comissão executiva, a Tarasca, e a concentração do poder em torno de Bernardes. De acordo com Barros, o “[...] PRM foi tomado de surpresa quando Bernardes, apoiado por Soares, impôs o poder de um homem só, em brilhante manobra do Poder Executivo. Ou seja, Bernardes quis então acabar com o sistema de colegiado da Comissão”¹¹⁹. Mas a morte de seu companheiro Raul Soares, em 1924, quando exercia o cargo de Presidente de Minas Gerais, fez decair o poder de Bernardes perante o PRM, que voltou a atuar através de uma comissão executiva.

Para Mercadante, Bernardes foi a figura que melhor traduziu a região.

Há qualquer coisa de pioneiro em sua reserva fria, na sua obstinada força de vontade, na sua intransigência total, no seu realismo'-diz Afonso Arinos. Sob a sua aparência de tal rigidez, vive o mineiro da Mata em sua profunda inquietação. No fundo do espírito recalcou o sentimento barroco. Adaptou-se à selva, á paisagem simples de seus casarões, acerou a inquebrantável força de vontade. Solitário, a rudeza da vida torna-o desconfiado e precavido, arredo e discreto¹²⁰.

No fim da década de 1920, Bernardes, assim como o PRM, entrou em declínio. O PRM, que sempre apoiou o candidato presidencial da maioria, em 1929 decidiu apoiar Getúlio Vargas, “[...] assim opondo-se à vontade do então presidente Washington Luis, foi como uma bomba para o partido”¹²¹.

2.4 Sociedade da Mata

A região da Mata difere das outras também porque não tinha uma tradição cultural como outras regiões. Os homens “[...] continuaram rústicos. A vida lhes dera

¹¹⁸ CARRARA, Ângelo Alves. **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839 -1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993, p.131.

¹¹⁹ Ibidem, p.131.

¹²⁰ MERCADANTE, Paulo. **Os Sertões do Leste** – Estudo de uma região: A Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.134.

¹²¹ BARROS, Nicélio. **História regional, café e indústria: A zona da Mata de Minas Gerais**. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais eletrônicos da ANPUH. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/>, p. 19.

definitivamente características de rigidez. Criaturas sóbrias, inflexíveis. Seus líderes políticos são chefes ríspidos e mandões. Autênticos e puros”¹²². E também assim a sociedade acabava se caracterizando.

O ponto de partida para pensar como era a sociedade desta época na região de Minas Gerais é o Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹²³. Minas Gerais era o mais populoso estado do país, com quase 6 milhões de habitantes, enquanto São Paulo tinha cerca de 5 milhões.

Os dados do recenseamento mostram um panorama da sociedade brasileira, com dados dos estados, regiões e cidades. Minas Gerais correspondeu a maior porcentagem de toda a população recenseada no território brasileiro, 19%. Com 5.888.174 habitantes, numa área de 593.810 km², a densidade era de 9,916 habitantes por km². A população era composta por, a cada mil habitantes, 506 homens e 494 mulheres. Dentro desta mesma proporção, 674 eram solteiros, 280 casados e 45 viúvos.

Os dados do recenseamento também mostram a população total em relação ao estado civil. No município de São Paulo de Muriaé, depois chamado de Muriaé, o total de habitantes é de 18.719. Contando com os distritos que compõe a região, aumenta para 69.943. Do total do município, 12.102 eram solteiros, 5.462 casados, 1.127 viúvos e 28 sem informação.

Na cidade de Viçosa, a população mantinha a mesma proporção das outras cidades, com um número maior de solteiros, 5.574, os casados eram 2.605, com 380 viúvos e 5 ignorados.

Os dados do recenseamento do IBGE fornecem um perfil quantitativo da população da Zona da Mata Mineira e auxilia na compreensão da evolução das cidades e atividades econômicas desenvolvidas.

¹²² MERCADANTE, **Os Sertões do Leste** – Estudo de uma região: A Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.133.

¹²³ IBGE, Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920, v.IV (1parte) – População: população do Brasil por estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Directoria Geral de Estatística, Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1926.

O perfil racial da população também auxilia na compreensão da sociedade. Na Zona da Mata, a proporção de negros era de 24,18% do total da região, sendo a maior do Estado, com a região do Centro em segundo, com 19,05%¹²⁴. Além da participação do negro devido a escravidão, havia uma participação de estrangeiros, com destaque para os sírios, que trabalhavam como mascates.

A sociedade sofria com os males da saúde. John Wirth traz um panorama de como viviam as pessoas nessa época.

Belmiro Braga, por exemplo, um jovem vendedor de Carangola que fugiu em 1894 quando a febre amarela atacou a zona da Mata pela terceira vez, conta que moléstia matou 30% dos habitantes das cidades. Coisa inteiramente diferente era imaginar que toda a população, de modo geral, estivesse doente ou ameaçada de malária, tuberculose, sífilis e ancilostomíase. As taxas de mortalidade infantil de 50% ou mais não eram consideradas atos de Deus, mas provenientes da malária e da desintéria intestinal. Resumindo, para parafrasear o famoso aforismo do Dr. Miguel Pereira: “Minas era um vasto hospital”.¹²⁵

A situação muda um pouco a partir do século XX, mas precisamente após 1910. Há uma crescente modernização da estrutura urbana, com instalação de sistemas de esgoto: “O Sul e a zona da Mata tomaram a dianteira neste quesito básico de progresso urbano. Por volta de 1923, 40 das 178 localidades municipais tinham sistema de esgoto e 149 tinham sistemas de abastecimento de água de qualquer tipo”¹²⁶.

Outro fator que caracterizava a população da região era a crescente migração, principalmente na década de 1920, quando há um declínio dos solos e parte dos fazendeiros se mudaram para São Paulo, assim como parte da mão-de-obra também.

Mesmo diante deste cenário, a Zona da Mata apresentou uma taxa de crescimento de 0,3% anual de 1920 para 1940. No período anterior, de 1900 para 1920, a taxa foi de 2,6%.

¹²⁴ WIRTH, John. **O fiel da balança** – Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.52.

¹²⁵ Ibidem, p.55.

¹²⁶ Ibidem, p.56.

2.5 As Cidades

O desenvolvimento das cidades é o que incentivará o aparecimento de jornais locais e mesmo de uma movimentação em torno de assuntos como política, economia, entre outros. Conhecer como se desenvolveu cada cidade onde houve a publicação dos jornais pesquisados é fator essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

A região da Zona da Mata, estudada por Paulo Mercadante¹²⁷ traz contribuições sobre o desenvolvimento da região e das cidades que nela foram surgindo e se estruturando. O início da fixação das pessoas no solo da Zona da Mata está ligado normalmente, ao apossamento da terra, sem controle por parte dos poderes públicos. As maneiras encontradas para fixação à terra variavam, mas desse início de ocupação até o estabelecimento de uma cidade, quase todas seguiram o mesmo trajeto apontado por Mercadante, “ocorre em toda a Mata a reunião de lavradores vizinhos e o levantamento da capela sob a invocação de um santo piedoso. A partir da iniciativa nasce o núcleo, embrião de um povoado”¹²⁸.

A partir da segunda metade do século XIX que se acompanha o desenvolvimento das cidades como se conhece atualmente. Devido à suscetibilidade da lavoura cafeeira, o surto industrial presente em várias cidades, não alcançou toda a região, e algumas cidades, como Carangola, não conseguiram se industrializar.

2.5.1 Muriaé

A monocultura cafeeira foi a primeira grande promotora do desenvolvimento econômico do município. Os coronéis, proprietários das grandes fazendas produtoras, representavam, não só a elite econômica da região, como também sua expressão política, com forte influência no cenário político do estado e país¹²⁹.

No período da década de 1920, a sucessão de presidentes da Câmara Municipal no município foi a seguinte: de 1905 a 1920, Antônio da Silveira Brum (Figura 1), sendo que em 1916 e 1917 foi substituído por Olavo Torres e em 1919 por Antônio José

¹²⁷ MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do Leste** - estudo de uma região: A Mata Mineira, publicado na década de 1970.

¹²⁸ Ibidem, p.84.

¹²⁹ REVISTA Comemorativa do sesquicentenário de Muriaé 1855 – 2005. Muriaé: Prefeitura Municipal de Muriaé, 2005, p.10.

Silveira Freitas; em 1920, Antônio J. Monteiro de Castro; de 1921 a 1926, Izalino Romualdo da Silva e de 1927 a 1930, Edmundo Rodrigues Germano.



Ilustração 2 - Antonio Silveira Brum. Fonte: Arquivo Público de Muriaé

Em 1817 chegaram os primeiros brancos, liderados pelo desbravador Constantino José Pinto e em 1819 nasceu a localidade denominada São Paulo de Manoel Burgo. Depois de alguns outros batismos, o nome passou ainda por Cidade de São Paulo do Muriahé, chegando finalmente ao atual nome de Muriaé.

Em função da fertilidade de seu solo e da irrigação facilitada pela drenagem de muitos de seus cursos d' água no final do século XIX a prosperidade agrícola permitiu a formação de um centro politico-econômico-cultural com relevância na sociedade de Minas Gerais.

Nas últimas décadas do século XIX, Muriaé já era grande produtor de café, condição que manteve até meados do século XX. A monocultura cafeeira foi a primeira grande responsável pelo desenvolvimento econômico do município. Os coronéis, proprietários das grandes fazendas produtoras, representavam não só a elite econômica da região, como também sua expressão política, com forte influência no estado e país.

O progresso da nova localidade foi constante, principalmente a partir de 1886, data da inauguração da Estação da Estrada de Ferro Leopoldina na sede municipal. Em 1910 é criado o serviço de força e luz; no ano seguinte o de água e esgotos, e, em 1913, o telefone urbano.

A cidade é por esse tempo o segundo produtor de café em Minas Gerais. O café patrocina o progresso e o bem estar. Surgem as máquinas de beneficiamento, a catação do café, o estocamento, o carregamento para os vagões que saem abarrotados, deixando riqueza. O calçamento, o telefone, os bancos fazem parte de uma nova ordem social e política. A euforia permanece até a crise de 1929, quando se instaura grave crise econômica, mas o município se recupera.

A arquitetura de Muriaé guarda até hoje o apogeu cafeeiro da cidade. Forma de ostentar a riqueza acumulada com o comércio do café, em quarteirões inteiros, um cinturão de fachadas que remontam ao fim do século XIX e às primeiras décadas do século XX.



Ilustração 3 - Fachada de construção de 1922 na Rua Getúlio Vargas. Patrimônio Arquitetônico.

Fonte: Arquivo Público de Muriaé

Embora a boa produção cafeeira continuasse, a produção leiteira intensificou-se, mantendo a cidade, durante muitos anos, no segundo lugar no ranking nacional, em virtude, principalmente, da apuração do rebanho com seleção de matrizes e avanços técnicos no manejo.

De acordo com Antonio Carrara, no início dos anos 1900 “[...] registrou em Muriaé 3.339 fazendas e sítios onde se praticava a cafeicultura, além de 65 engenhos de

café e 515 de cana. A produção do município era calculada em 1.500.000 arrobas”¹³⁰.

2.5.1.1 Muriaé na proclamação da República

O movimento republicano no Brasil não chegou a preocupar os muriaenses, a não ser às vésperas da queda do Império. Havia republicanos no município, convictos, mas não eram exaltados e se limitavam a acompanhar a campanha que se desenrolava no País.

Embora o município fosse essencialmente agrícola e sofresse a crise decorrente da Abolição da Escravatura, sua população conservadora continuava tendo veneração pelo Imperador Pedro II. Quando Silva Jardim, na sua peregrinação republicana por Minas Gerais, veio a Muriaé, os monarquistas da cidade, tendo à frente o Dr. João Chrysostomo Leopoldino de Magalhães, líder dos monarquistas na cidade, procuraram impedi-lo de fazer o seu comício político, o que não aconteceu. Silva Jardim fez seu discurso e convenceu parte da população sobre o ideal republicano, inclusive o próprio Dr. João Chrysostomo, passou a ser um dos defensores da mudança do Regime.

Esses acontecimentos foram relatados por historiadores de Muriaé, como Oíliam José, que afirma “Ao fim do Império era o município de São Paulo do Muriaé, atualmente Muriaé, um dos mais agitados da Província”.¹³¹

A adesão de João Chrysostomo Leopoldino ao regime republicano, por desfrutar de largo prestígio em Muriaé, teve larga repercussão preferentemente entre os agricultores, fazendeiros e sitiantes.

As eleições municipais, realizadas em 10 de novembro de 1904, deram vitória ao Dr. Antônio da Silveira Brum para Vereador à Câmara Municipal, pelo distrito da Cidade. Na primeira reunião da Câmara, foi eleito seu Presidente, o que correspondia também ao poder executivo. E o Presidente da Câmara iniciou uma série de

¹³⁰ CARRARA, Ângelo Alves. **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839 -1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993, p. 77.

¹³¹ JOSÉ, Oíliam. A Propaganda Republicana em Minas. Edição da Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, 1960, págs. 92/ 93.

melhoramentos para a cidade, que não dispunha de serviço de abastecimento de água, luz, esgoto, e de estradas ligando a cidade aos distritos.

Em 1906, pelo trabalho que se vinha realizando na cidade, e o processo implantado de cobrança de impostos, a receita municipal subiu. A execução do seu plano de trabalho não poderia ser levado avante, se não se tivesse uma efetiva colaboração da Administração Estadual, mas faltava a Muriaé o prestígio político que tinham outros municípios. E com esse raciocínio, Brum empreendeu uma série de viagens à Capital do Estado, entrando em contato com a Administração Pública e com a cúpula do PRM. Nesse ano, o Presidente de Minas, Dr. João Pinheiro da Silva, aconselhou o Dr. Silveira Brum a candidatar-se ao cargo de Deputado Estadual, sem, contudo, deixar de ser Presidenta da Câmara de Muriaé, como era permitido naquele tempo. Foi eleito deputado estadual, acumulando o cargo de agente do poder executivo municipal.

A iluminação pública de Muriaé e iluminação particular, por ocasião da inauguração em 1910, era de 1.500 lâmpadas. Na mesma ocasião, foi inaugurada uma sub-estação da cidade para servir ao distrito de Patrocínio do Muriaé. O serviço de esgoto também foi implantado. Quanto ao telefone, cuja rede vinha sendo instalada em cidades principais do Estado, Silveira Brum conseguiu autorização para implantar na cidade. Por 16 anos, o Dr. Antônio da Silveira Brum exerceu, em Muriaé, o cargo de presidente da Câmara, acumulando com o cargo de Deputado Estadual e, depois, de Deputado Federal.

Já durante a década de 1920, o principal político de destaque foi o coronel Izalino Romualdo da Silva, vereador e presidente da Câmara Municipal durante vários anos. Seu nome depois foi seguido por Edmundo Germano, que o substituiu na presidência da Câmara Municipal.

2.5.2 Viçosa

Viçosa está localizada na Zona da Mata e seu nome foi dado em homenagem a Dom Antônio Ferreira Viçoso, da arquidiocese de Mariana, que visitou a cidade¹³².

¹³² SANT'ANA, Terezinha Azis Alexandre. **Viçosa**: meu município. Viçosa: s/e, 1984.

Fazia parte do distrito de Santa Rita do Turvo, criado em 1832 e depois de três anos foi elevada a categoria de cidade e passou a se chamar Viçosa de Santa Rita.

Em 1911 o município chamado Viçosa era composto de oito distritos, que com o tempo foram se emancipando. Limita-se atualmente, ao norte pelo município de Teixeiras, ao sul os de Paula Candido e Coimbra, a leste Cajuri e São Miguel do Anta, e a oeste com Porto Firme e Guaraciaba.

No ano de 1919, Viçosa estava entre as 23 cidades que eram as maiores produtoras de café da Zona da Mata.

A cidade teve grande importância política tanto no cenário local, com influência na política das cidades próximas, quanto no estado e no país, com senadores e deputados federais, além de ser a cidade natal do ex-presidente da República, Arthur Bernardes. Isso favoreceu muito o desenvolvimento da cidade, que teve a instalação da Universidade Federal de Viçosa, antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária, que até hoje é um fator muito importante para o desenvolvimento local.

Arthur Bernardes era casado com Clélia Vaz de Mello, filha do maior líder político de Viçosa, Carlos Vaz de Mello, senador da República em 1900, anteriormente Deputado Geral de 1881 a 1885, deputado federal, cargo que ocupou durante 6 anos, quando passou a ser senador. Vaz de Mello era tio do proprietário do jornal que é uma das fontes desta pesquisa e participou diretamente da imprensa local.

3. Manutenção da ordem e construção do progresso

A imprensa em Minas Gerais foi descrita como carente de um jornalismo grande, como os de São Paulo e Rio de Janeiro. Em um dos textos publicados no VI Seminário de Estudos Mineiros, Eduardo Frieiro traça um retrato do jornalismo no estado. Para ele, “Minas nunca teve uma imprensa importante. Os grandes jornais só são possíveis nos grandes centros urbanos, e Minas, Estado rural, não conta senão algumas pequenas cidades perdidas numa vastíssima área de população rarefeita”¹³³.

O depoimento dado em 1932 não está muito destoante do que afirmou Carlos Drummond de Andrade na década de 1920, mas com uma visão um pouco diferente. Drummond afirma que “Se lhe faltavam recursos técnicos, que só uns poucos jornais do Rio e São Paulo poderiam manipular, sobrava-lhe, em compensação, uma faculdade inapreciável, posta a funcionar sempre que escasseavam notícias locais – e notícias locais quase sempre teimavam em não acontecer. Então inventava-se”¹³⁴.

A professora Marialva Barbosa, em seu recente livro, *História Cultural da Imprensa – Brasil 1900-2000*¹³⁵, reconstrói cem anos da história da imprensa, com base principalmente no Rio de Janeiro. As constatações sobre a imprensa carioca evidenciam o grande contraste com o que se desenvolvia em Minas Gerais, em particular na Zona da Mata. A partir de 1910, o jornalismo passa a dar destaque para as notas sensacionais. “Abandonando longas digressões políticas, os jornais passam a exibir manchetes, em páginas em que se editam, em profusão, ilustrações e fotografias, os horrores cotidianos”¹³⁶, cenário que não é acompanhado pela imprensa objeto deste estudo, que mantém as longas digressões políticas, apesar de noticiar alguns acidentes e assassinatos, mas nunca com o uso de imagens.

John Wirth faz uma análise da imprensa no interior de Minas Gerais.

A imprensa local foi outro marco do regionalismo mineiro. De maneira geral, um jornal de cidade pequena continha notícias políticas e anúncios

¹³³ SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS (6:1987: Belo Horizonte) **A revolução de 1930**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987, p.50.

¹³⁴ Ibidem, p.50.

¹³⁵ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

¹³⁶ Ibidem, p.49.

comerciais numa edição semanal de menos de 500 cópias. Geralmente pertencia ao chefe político do local, cujo domínio era disputado por um chefe rival com sua própria imprensa. Fica evidente que os jornais desempenharam uma função primordial na política local. Como foro para o combate verbal, a imprensa deu às celebridades locais um meio de sustentar a violência em nível menor, sem tiroteios ou assassinatos.¹³⁷

E assim se constituía a imprensa em cidades do interior de Minas Gerais, com algumas diferenças entre si. Mas o principal é que a “[...] imprensa foi um pilar para a política, comércio e cultura no centro de gravidade do estado, a nível local.”¹³⁸

A imprensa mineira era majoritariamente local, com pequena tiragem. E a Zona da Mata foi a região que ao longo dos anos, desde 1897 até 1940 teve maior número de jornais, sendo que no ano de 1920, havia 82 jornais sendo publicados.¹³⁹

As formas de se interpretar a imprensa mineira são variadas, mas o que se percebe é que Minas Gerais tinha vários jornais pequenos nas cidades do interior, que no período da República Velha, normalmente eram usados como maneiras de exercer o poder. Isso acontece porque o jornal, a cada edição, constrói a realidade para seu leitor.

3.1 Construção da realidade

No dia-a-dia o jornal constrói uma realidade para o seu público. Essa realidade está presente nas matérias e traz um discurso que atinge os objetivos da elite que é proprietária do jornal ou que está ligada ao proprietário.

Diversas teorias foram desenvolvidas sobre o papel desses meios de comunicação na sociedade, desde uma visão onde se considerava que o público era atingido pessoal e diretamente pela mensagem, que é a teoria hipodérmica, até um estudo sobre os emissores que funcionam como filtros, os chamados gatekeepers (selecionadores).

Dentro da teoria hipodérmica, um modelo importante é o de Lasswell, o qual considera que a comunicação é intencional, de maneira que atinja o efeito que

¹³⁷ WIRTH, John. **O fiel da balança**. - Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p.131.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Ibidem, p.134. Na mesma página o autor especifica os dados por regiões e anos. Em 1920, depois da Zona da Mata, a região Sul tinha 79 jornais, a Centro com 42 publicações. Já em 1940, a Mata tinha 93 jornais publicados, enquanto o Sul tinha 67 e Centro mantinha as 42.

objetiva. Esse objetivo depende do conteúdo da mensagem, que ao ser analisado “apresenta-se como o instrumento para inferir os objetivos de manipulação dos emissores”¹⁴⁰.

No caso dos gatekeepers, estes podem ser um indivíduo ou grupo que tem o poder de decidir se uma informação deve ser passada ou bloqueada¹⁴¹. Através dessa seleção, o jornal constrói a realidade que lhe convém mostrar. Não há apenas um gatekeeper que tome as decisões individualmente, mas a idéia de seleção é um processo hierárquico.

A seleção não é feita apenas a partir de uma recusa ou aceitação de uma notícia, mas inclui todas as formas de controle da informação, que perpassa as decisões de codificação das mensagens, da seleção, difusão e exclusão de toda a mensagem ou dos seus componentes¹⁴². Os jornalistas que trabalham no jornal apreendem a linha que o jornal quer seguir e a escolha de quais profissionais trabalhará nesse veículo, assim como o convívio com as demais pessoas que trabalham no meio e os superiores, consegue impor a linha editorial.

3.2 A memória impressa

Na arena da memória política, a intervenção dos juízos de valor é notável. O sujeito que narra um fato não se contenta em narrar como testemunha histórica de maneira neutra. Ele julga e apresenta claramente o lado em que estava naquela história.

Entende-se a memória como um fenômeno social em que o indivíduo encontra-se diretamente ligado a algum grupo durante a reconstrução de suas lembranças. Isto é, para cada instância da memória está envolvido um tipo de relacionamento social, quer seja constituído por sua família, amigos, trabalho ou outro.

Neste sentido, nem tudo fica registrado, pois no processo de construção há o esquecimento e, muitas vezes, silêncios ou coisas que são ocultadas de acordo com os interesses em jogo. Por esse posicionamento do sujeito, os jornais são fontes históricas que além de retratarem os acontecimentos, o fazem de maneira parcial,

¹⁴⁰ WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Portugal: Editorial Presença, 2001, p. 30.

¹⁴¹ Ibidem, p.178-182.

¹⁴² Ibidem.

colocando, mesmo que nas entrelinhas, seu posicionamento político. A narração jornalística não pode ser considerada imparcial e perfeito reflexo dos acontecimentos sociais, pois ela é feita por seres humanos com opiniões e posicionamentos políticos.

A memória política, ao ser invocada, faz uma leitura dos acontecimentos, banhada nas experiências objetivas e subjetivas daquele que lembra. Esta memória está presa à situação concreta do sujeito que relata a história e é a construção que se atualiza no presente e projeta-se para o futuro. Para atualizar-se e projetar-se de um tempo em outro, a memória lança mão de diversas fontes, como oralidade, histórias, relatos e documentos¹⁴³. No caso da pesquisa, a fonte é o jornal, como relato de acontecimentos da época em que foi publicado.

O termo documento é importante para o estudo histórico, pois apesar de a princípio seu uso estar relacionado a uma fonte textual, ele é um suporte de informação, e aplica-se a livros, revistas, jornais, filmes, discos, etc. De acordo com a origem latina do termo documento – *docere* – ele é aquilo que ensina alguma coisa a alguém. Neste sentido, o jornal é visto na pesquisa como um documento que mostra como a realidade da época era retratada pela elite agrária, que mantinha as publicações e que estava no poder. Mas todo documento é ao mesmo tempo falso e verdadeiro, pois é uma criação, construção que deve ser desestruturada para ser analisada.

A interpretação de um produto cultural, como o jornal, deve levar em conta as relações da parte com o conjunto, e produzir entre estes dois níveis um duplo movimento de explicação e compreensão¹⁴⁴. Portanto é importante que a interpretação de um jornal e seu conteúdo levem em conta o conjunto social em que este produto se insere.

Na sua interseção com a problemática do jornalismo, a questão da memória possibilita uma série de reflexões que ajuda a compreender as inter-relações fundamentais entre imprensa e poder. Afinal, ao ser portadora de um discurso

¹⁴³ ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹⁴⁴ PORTO, Sérgio Dayrell (org). *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.(Coleção COMUNICAÇÃO, v.2).

válido, que pode ser transformado em documento para o futuro, a mídia se configura como um dos senhores da memória da sociedade.

É papel da mídia reter assuntos que, guardando identificação com o leitor, precisam ser permanentemente atualizados. Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, os jornais produzem, a partir de critérios altamente subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor.

Um estudo que auxilia neste trabalho, e que tem a imprensa como seu ponto principal, é a tese de doutorado da pesquisadora e professora Marialva Barbosa que também aborda o período de 1920. Em seu estudo, disponível no livro *Os donos do Rio – imprensa, poder e público (1880-1920)*¹⁴⁵, a autora analisa os jornais publicados no Rio de Janeiro, com uma abordagem sobre os leitores, os jornalistas e dirigentes, e reforça que eles eram publicados em um período de mudança, a República. Com isso, precisam também construir uma nova ordem¹⁴⁶. As diferenças entre os jornais analisados por Barbosa e neste estudo são várias, mas a importância da imprensa é a mesma. Assim como os jornais do Rio de Janeiro

elaboram verdadeiras estratégias para transformar o uso das letras em mito social, tornando possível, assim, a sua inserção num lugar privilegiado. A criação de identidades próprias – como opositores ou defensores dos que ocupam os lugares-chaves na política – também, faz parte dessa estratégia dos jornais se auto-construírem como legitimadores do poder¹⁴⁷.

Os jornais de Viçosa e Muriaé também se colocam em um lugar privilegiado, agindo como legitimadores e defensores de um novo tipo de poder, a República.

3.3 O Jornal de Viçosa

Dentre todos os jornais citados na história da imprensa de Viçosa, o **Jornal de Viçosa** foi objeto da pesquisa porque tem o maior número de exemplares arquivados no arquivo particular de Antônio Melo, escritor e morador de Viçosa. Ao analisar como o **Jornal de Viçosa** retrata a sociedade na década de 20, em especial entre os anos de 1923 e 1928, percebe-se algumas características do jornal. Suas matérias não são apenas informativas, têm sempre um posicionamento crítico da

¹⁴⁵ BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. **Os donos do Rio** – imprensa, poder e público (1880-1920). Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2000.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 8.

¹⁴⁷ Ibidem, p.105.

realidade, defendendo os valores que considera corretos, cobrando os responsáveis pelo que acontece de errado no município e julgando as ações ou ausência delas.

A tendência desse pêndulo político é revelado pelas condições concretas da luta política local de cada cidade. No caso do jornal abordado na pesquisa, sua relação política é evidente. O diretor do jornal é Sylvio Loureiro, major e sobrinho do Coronel Mário Vaz de Mello, que dirigiu o jornal Cidade de Viçosa e que era representante de Arthur Bernardes no município.

No ano de 1925 o **Jornal de Viçosa** passou a ter um gerente, Carlos Magno, que ficou durante um ano. O jornal era o órgão oficial onde se publicavam os relatórios da Associação Comercial de Viçosa, bem como as atas de reuniões; os relatórios da Companhia Viçosense de Força e Luz; da delegacia de polícia, do coletor federal e estadual, que eram os responsáveis por recolher impostos; os pedidos de falência e todos os relatórios judiciais, assim como avisos do governo federal entre outros.

Isso levava o jornal, que tinha, normalmente, 4 páginas, a dedicar mais de duas para as publicações oficiais. A primeira e segunda página eram ocupadas pelas matérias e notas de quem visitou a cidade e a sede do jornal; quem casou, morreu, foi viajar, voltou de viagem, pagou a assinatura do jornal; os aniversariantes, dentre outros assuntos.

A publicação, até 19 de janeiro de 1924 era às quintas-feiras. A partir dessa data, o jornal passa a circular aos sábados, ocasionado pela mudança de endereço e de estrutura do jornal.

Levamos ao conhecimento de todos os nossos leitores e assignante que installamos as nossas oficinas e redacção á rua Dr. Arthur Bernardes n.46, onde também se acha installada a Papelaria Santa Helena.

Para regularidade de sua publicação, a nossa folha, d'ora avante, circulará aos sabbados.

Para o nosso anuncio, na secção competente, chamamos a attenção dos nosso leitores e freguezes.¹⁴⁸

Outro fato importante é a relação do jornal com a religiosidade, sendo que todas as festas católicas eram divulgadas, ocupando muitas vezes a primeira página. Além disso, o jornal noticiava o surgimento de outros jornais, tanto em Viçosa como no

¹⁴⁸ Aos nossos leitores. **Jornal de Viçosa**, 19 de janeiro de 1924, p.1.

estado e em alguns lugares do país. Quando recebia exemplares dos jornais também fazia uma nota de agradecimento.

O primeiro exemplar do **Jornal de Viçosa** circulou, provavelmente no dia 01 de julho de 1923. A data não pode ser confirmada, pois não se tem o número um. O exemplar do qual começa a análise é o ano I, do dia 12 de agosto de 1923, n.º 7. Assim como não se pode afirmar a data de início, não se pode afirmar ao certo quando parou de circular. Na pesquisa, a análise se encerra no ano V, do dia 19 de maio de 1928, n.º 40, último exemplar arquivado. A numeração da edição era de acordo com o ano, sendo que em cada mudança de ano, o número recomeçava do exemplar 1.

Nem todos os exemplares desse período estão arquivados como os números: Ano I-11, 12, 19, 31. Ano II-13, 18. Ano III-14. Ano IV-5, 31, 33, 34. Ano V-1, 3, 4, 5, 23, 27, 29, 34, 35, 38 e 39. Além disso, há publicações com números repetidos como no Ano IV, quando há duas edições número 22, 23 e 25, sendo que cada edição é de uma data diferente. Por causa disso, a nomeação das edições não seguiu por edição e sim por data de publicação.

Foram analisadas 116 edições, cada uma com pelo menos 4 páginas. Faltam 51 edições, de um total de 167 edições que circularam em seis anos, de 1923 a 1928¹⁴⁹.

3.4 O Operário

A escolha do “**O Operário**” não seguiu o mesmo trajeto do **Jornal de Viçosa**, pois o contato com este periódico foi realizado já para o mestrado. A seleção foi feita levando em conta o jornal com mais exemplares da década de 1920 arquivados no Arquivo Público de Muriaé.

O nome, a princípio sugere uma ligação com a classe operária ou movimentos sindicais, que não ocorre de fato. **O Operário** é, assim como o **Jornal de Viçosa**, um “órgão em defesa dos interesses do povo”, que neste caso são as pessoas vinculadas ao Partido Republicano Mineiro.

¹⁴⁹ As edições especificadas por ano estão em anexo.

Seu diretor no início foi Itagyba de Oliveira, que era o representante do PRM local. A partir de 1922, supostamente, já que não há nenhuma edição de 1921 arquivada, o diretor passa a ser José Pacheco de Medeiros, chefe político municipal, também representante do PRM na cidade. Como editor, pessoa responsável pela parte comercial, sempre esteve J. Magalhães, e como redatores Orlando Faria e Francisco Nelson Monteiro de Castro, chamado de F. Nelson, este saiu em 1927 porque se mudou para Cataguases, onde foi lecionar. Itagyba de Oliveira permanece como colaborador em algumas edições ao longo da década e sempre é enaltecido pelo jornal.

Dando hoje ao nosso jornal uma feição material mais aprimorada, cabe-nos declarar que desde o n. 120, se acha “**O Operário**” sob a nossa direcção e responsabilidade jurídica e política. É nosso intuito mantermos o primitivo programma desta folha, de amparo e defesa das classes operárias e dos interesses deste município de Muriahé, dentro das normas do Partido Republicano Mineiro, com o qual mantemos e manteremos a mais firme solidariedade¹⁵⁰.

A afirmação de defensor das classes operárias nos faz pressupor que a classe operária abrange os políticos da cidade, o que será melhor compreendido com a análise do jornal.

O termo operário foi utilizado pelo jornal para designar todos que estavam alijados do poder em 1918. Na matéria “Idéias que vingam”, o jornal reafirma que foi “[...] fundado em 1918 para defender os humildes e perseguidos, que vinham soffrendo, desde os lamentaveis acontecimentos de agosto daquelle ano, a pressao do odio e da vindicta”¹⁵¹. Essas pessoas que o jornal defendiam eram os que estavam de fora do poder, dominado em 1918 por Silveira Brum. E o jornal afirma que a idéia de fundar a Liga Operária nasceu junto com o jornal, e foi idealizada pelo advogado Miguel Timponi e Itagyba de Oliveira, político da cidade e fundador do **O Operário**. Com isso é possível perceber que os membros da elite organizavam e controlavam os operários. Na matéria “Liga Operária”, a nova diretoria eleita para a Liga Operária confirma isso¹⁵². Os membros eram Izalino Romualdo da Silva, capitães Antonio José de Menezes, José Pinheiro Guedes, Orlando de Lima Faria, entre outros, todos membros da elite política e/ou econômica da cidade.

¹⁵⁰ Explicação necessária. **O Operário**, n.141, 29 de janeiro de 1922, p.1.

¹⁵¹ Idéias que vingam. **O Operário**, n.157, 28 de maio de 1922, p.1.

¹⁵² Liga Operária. **O Operário**, n. 426, 13 de maio de 1928, p.1.

Ao analisar como **O Operário** aborda temas da década de 1920, em especial entre os anos de 1920 e 1928, percebe-se algumas características do jornal. Suas matérias não são apenas informativas, mas a maioria traz um posicionamento crítico da realidade, defendendo os valores que consideram corretos e julgando as ações – com elogios ou críticas, dependendo da posição política – ou ausência delas, normalmente de políticos.

É um jornal que segue o lema da República, “ordem e progresso”. A ordem que procura manter é a política, com seus candidatos e Partido Republicano Mineiro comandando o povo, e defende o progresso, através da expansão das rodovias, da eletricidade, desenvolvimento tecnológico, e por isso também é um crítico da manutenção de tradições e costumes que prejudiquem esse comércio, como o uso de carro de bois, etc.

A relação política do jornal com o PRM é clara. **O Operário** sempre afirmou ser defensor e membro do PRM. Seu diretor José Magalhães é diretor do PRM local durante a década de 1920. Apesar de não se candidatar em eleições, era responsável pelo partido. Alguns colaboradores que passaram pelo jornal também se declaravam claramente defensores do PRM.

O jornal era o órgão oficial onde se publicavam os relatórios da Câmara Municipal de Muriaé, bem como as atas de reuniões e editais, assim como também os editais da empresa de Força e Luz Leopoldina Cataguases, do poder judiciário, da maçonaria, e demais órgãos e instituições que tinham poder na cidade, como a Escola São Paulo.

Com isso, o jornal dedicava normalmente apenas 2 páginas para informações, sendo o restante direcionado para a publicação desses editais e demais documentos. A última página era dedicada para anúncios.

A coluna social era publicada toda edição com o título *Notas Sociaes*, e trazia normalmente os tópicos: casamentos, falecimentos, nascimentos, hóspedes e viajantes, enfermos e visitantes. Dificilmente essas notas não eram publicadas.

As festas religiosas também eram todas divulgadas, assim como informações da área educacional. O aparecimento de novos jornais na cidade, ou mesmo em outros lugares, era sempre noticiado.

Há grandes falhas de datas no arquivo, em especial os anos de 1924, 1926 e 1929. Este problema, assim como no **Jornal de Viçosa**, dificulta ou impede a análise de alguns temas.

Em 1924 as edições arquivadas são número 257- 25 de maio de 1924, 250- 11 de junho de 1924, e 275- 12 de outubro de 1924. No ano de 1926 não há nenhum exemplar arquivado e há apenas um número, o 462- 3 de março de 1929 neste ano.

A nomeação dos jornais foi feita de acordo com o número da edição, sendo que foi iniciada na edição número 57, de 11 de janeiro de 1920, e terminou no número 462, de 03 de março de 1929. O “**O Operário**” era semanal, assim como o **Jornal de Viçosa**. Foram analisadas 176 edições, cada uma com pelo menos 4 páginas. Faltam 251 edições nos arquivos. No total circularam 427 edições em nove anos, de 1920 a 1928¹⁵³.

3.5 Imprensa

Sempre existiu, por parte dos jornais analisados, um acompanhamento do que a imprensa do país abordava, e muitas vezes do exterior. Não só para as pessoas que faziam os jornais se mostrarem cultas, mas também porque havia uma grande preocupação com a imagem da cidade em outros locais, assim como também a imagem de si próprias.

Mesmo ao abordar assuntos cotidianos, os jornais aproveitavam para mostrar que abordavam aquele assunto porque eram defensores dos interesses do povo¹⁵⁴. A cobrança da ética em outros jornais sempre foi um dos motivos principais para críticas fortes.

¹⁵³ As tabelas com edições por ano estão em anexo.

¹⁵⁴ A mesma postura é apresentada pelos jornais do Rio de Janeiro de acordo com Marialva Barbosa, na obra citada História Cultural da Imprensa, que afirma que os jornais do Rio não cansavam de repetir a missão considerada por eles “primordial do jornalismo: ser os olhos e ouvidos da sociedade”(p.24). Esta mesma finalidade ou missão também é defendida pelo **Jornal de Viçosa e O Operário**.

Como já exposto, apesar da imprensa mineira não ser muito forte e antiga, havia um grande número de jornais, e em alguns casos o aparecimento de revistas.

O **Jornal de Viçosa** todos os anos comemorava sua atuação jornalística. Em todos os anos, o que traz é a dificuldade, sempre superada, em nome da responsabilidade em defender os interesses do povo, além de estarem cientes de que se enquadram em um cenário difícil, de imprensa de cidade de interior.

Julgamos ocioso salientar o que tem sido, para nós, o peso formidável da responsabilidade que assumimos, há trez annos passados, para com os nossos leitores, porquanto deve estar na consciência de todos os múltiplos embaraços com que diariamente lucha a imprensa do interior, a imprensa de terra pequena, cujo objectivo é cumprir á risca o programma delineado¹⁵⁵.

Uma imprensa rural, de terra pequena, do interior, mas sempre atuante. As dificuldades são inúmeras, inclusive com a falta de papel.

Devido a falta de papel, somos forçados a diminuir o formato do nosso jornal, isto provisoriamente.
Logo que dê entrada no mercado o papel apropriado, continuaremos a editar o nosso periódico no seu primitivo formato.
A benevolência dos nossos assignantes desculpará a nossa falta involuntária.¹⁵⁶

Assim como no **Jornal de Viçosa**, a imprensa não era destaque de matérias, normalmente não era motivo para uma reflexão jornalística, mas muitas vezes **O Operário** remetia à sua função quando abordava outros assuntos.

Em um discurso de F. Nelson na recepção de um deputado, ele falou em nome do jornalismo local, e atrelou o jornal á vida política.

“**O Operário**”, durante os longos annos de sua existência, toda ella dedicada ao bem publico, foi o baluarte intemerato desse movimento de civismo e de altos ideaes patrióticos. Enquanto o coronel José Pacheco de Medeiros, com um pugillo de amigos dedicados, se empenhava na campanha de resurreição das forças vitas desta terra, adormecidas em virtude de um hiato na sua vida política, “**O Operário**”, nas suas columnas, sempre, alias, com elevação de vistas, coadjuvava aquella acção, sem desfallecimentos, mas sem violências escusadas.¹⁵⁷

Já ao abordar a imprensa nacional, ou até mesmo o próprio jornal, a critica ao papel da imprensa é enérgica. No **Jornal de Viçosa** não há em nenhum momento uma

¹⁵⁵ Sem título. **Jornal de Viçosa**, 1 de julho de 1926, p.1

¹⁵⁶ Sem título. **Jornal de Viçosa**, 31 de janeiro de 1925, p.1.

¹⁵⁷ O momento político. **O Operário**, n.259, 11 de junho de 1924, p.2.

análise do cenário nacional, ou até mesmo local, da imprensa, com críticas, como acontece no **O Operário** em 1928. Em uma matéria, a partir da reflexão sobre um escritor português, que analisou a imprensa de Portugal, o jornal faz uma análise da atuação da brasileira.

Infelizmente o que se não pode dizer é que a nossa imprensa seja melhor do que a portuguesa. Mesmo nos grandes diários amiúde topa o leitor com distates inconcebíveis. E quando quem lê tem algum conhecimento, dá, naturalmente, o necessário desconto em casos taes, pois o profissionalismo em jornal ainda não deu resultado entre nos, fazendo com que principalmente os noticiaristas sejam meros cavadores da vida.¹⁵⁸

Esse ponto de vista reforça a idéia de imprensa de terra pequena apresentada pelo **Jornal de Viçosa**, por causa das dificuldades que os jornais diziam ter de se manter em locais como Viçosa ou Muriaé. Para mudar esta situação, a própria matéria traz a solução:

Como, entretanto, corrigir esse mal? Si o jornal não dá renda para pagar a colaboradores que saibam ler e escrever, o remédio é aceitar elle a colaboração de todo mundo. E o resultado é este que se vê: até isto que o leitor está lendo sahe publicado!
E viva a língua portugueza¹⁵⁹.

Para o próprio jornal, não há muito o que fazer, a não ser aceitar o que se tem, neste caso, erros. Por outro lado, o que se percebe é que não há grandes equívocos ou desconhecimento do português por parte dos jornalistas ou colaboradores.

O tom de crítica também aparece a outros pontos da imprensa nacional, desta vez de maneira mais direta e profunda. Motivado por fatos ligados diretamente a ele, o autor da matéria, Gastão Soares de Moura Filho, que durante o ano de 1928 escreve em todas as edições do jornal **O Operário**, faz uma análise da imprensa, e a relaciona com a política, tema constante neste jornal.

Para iniciar a análise da imprensa, o ponto mais profundo que o autor coloca em destaque é que não existe “no mundo lugar onde a imprensa accuse tão falsamente como no Brasil. Aqui a honra dos homens públicos é um simples joguete na mão de

¹⁵⁸ De actualidade. **O Operário**, n.419, 28 de fevereiro de 1928, p.1.

¹⁵⁹ Ibidem.

certos jornaes, e ella apenas é respeitada enquanto os jornalistas vem as suas ambições satisfeitas”¹⁶⁰.

Já nesta época a imprensa é colocada como o quarto poder, para o autor Gastão Moura Filho “sem o merecer”, porque considera que a imprensa muda de opinião e de idéia de acordo com o dinheiro, e não com crenças políticas:

A imprensa aqui é um quarto poder, mas em sua maioria, sem o merecer. Constantemente vemos os jornaes mudarem de attitude, quando não sabemos o motivo porque. E quando sabemos é aquella decepção, os jornalistas poem as suas cabeças a troca daquelles que mais dinheiro estão dispostos a dar aos jornaes. Os políticos então são as eternas victimas, por conta dos Thesouros dos respectivos Estados que representam¹⁶¹.

O que parece dar mais liberdade para **O Operário** elaborar esta tese é que sempre foi um jornal defensor do Partido Republicano Mineiro, então não se enquadraria nesse tipo de imprensa.

Para ambos os jornais, sua ação era importante para a sociedade e para a construção do regime que tanto defendiam, a República¹⁶². E normalmente as críticas à imprensa vinham quando seus aliados, principalmente no caso de **O Operário**, eram acusados por outros jornais.

O engajamento político sempre foi ponto principal de **O Operário**, já no **Jornal de Viçosa**, a situação era, pelo menos declaradamente, o oposto.

O <Jornal de Viçosa> sempre teve por fim principal, no seio da imprensa de roça, cuidar dos interesses da collectividade, acima de tudo sendo um jornal informativo e independente. Tem procurado defender os legítimos interesses desta terra, com independência e com altivez, e para isso, jamais quebrou a linha de sobriedade e respeito que deve ao publico e aos dirigentes locais, com quem estará sempre de accordo para que possa atravessar, com segurança, o caminho que, ha doze meses, começou a percorrer.

Sua feição sempre foi e continuará a ser a mais leve possível para que, sendo um jornal pequeno e de meio que não é grande, possa recrear os espíritos de quantos que trabalham durante o dia, sem fatigal-os, dando ao mesmo tempo a impressão de jornal moderno que, em rápida leitura, deixa

¹⁶⁰ Ainda a imprensa sem critério. **O Operário**, n.415, 22 de janeiro de 1928, p.1.

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² O novo regime resumia a busca por um futuro promissor, uma crença no desenvolvimento e nos defensores da República. O mesmo se via no Rio de Janeiro, entre 1900 e 1910. “Nas publicações diárias, o passado é freqüentemente obliterado. Têm-se os olhos apenas para um futuro inaugurado com a inclusão do país num novo tempo: a República”, in: BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.24.

o leitor informado sobre os últimos e principais acontecimentos da terra em que se edita.

E, assim, tendo procurado ser mais um trabalhador abnegado e sincero, pela grandeza moral e material de Viçosa, espera continuar a merecer o apoio de quantos o tem coadjuvado na ingloria e nem sempre compensadora arena jornalística. E, reproduzindo as palavras de seu artigo programma, o *Jornal*, preferirá quebrar a sua penna a trazer a discórdia no seio da família viçosense, sempre unida, sempre cordata e sempre progressista¹⁶³.

3.6 O Operário x O Muriaé

Além dessa abordagem sobre a imprensa, no caso específico do jornal **O Operário**, há um embate político com o jornal O Muriaé, principalmente porque cada um pertencia a uma facção política. Este fato não foi constatado no **Jornal de Viçosa**, o que também dá uma característica diferente, já que não precisava se colocar frente a um concorrente, não só político, mas também uma disputa jornalística.

Essa oposição ficará mais clara quando mostrarmos como **O Operário** falava deste seu inimigo, que retrata a disputa política local.

3.7 Política

3.7.1 Reação Republicana

Um dos principais momentos de disputa política do início da década de 1920 foi a Reação Republicana. A oposição entre a candidatura de Arthur Bernardes e Nilo Peçanha para a presidência da República vai evidenciar as posições políticas nos municípios.

Os episódios que marcaram essa disputa permeiam o jornal **O Operário** no início de 1922. São mais de 20 matérias¹⁶⁴ nos primeiros 4 meses do ano. A primeira matéria, de 01 de janeiro de 1922¹⁶⁵ discute as cartas falsas que foram atribuídas a Arthur Bernardes.

O julgamento do Club Militar sobre as cartas falsas, considerando-as autênticas é visto pelo jornal como “trabalhado pelas torpezas do nilismo, chafurdado no lodaçal

¹⁶³ Sem título. **Jornal de Viçosa**, 01 de julho de 1924, p.1.

¹⁶⁴ As matérias serão apresentadas ao longo da discussão. Algumas delas remetem ao assunto ao abordarem situações políticas nacionais.

¹⁶⁵ O julgamento do Club Militar. **O Operário**, n. 137, 01 de janeiro de 1922, p.1.

da politicalha mais desbragada de que há memória no Brasil”¹⁶⁶. Para o jornal, que seguia uma orientação bernardista, as cartas, que depois realmente foram analisadas como falsas, eram uma fraude para colocar Nilo Peçanha no poder.

A critica do jornal se assenta no fato de que os políticos da facção de Nilo são capazes de qualquer coisa “não trepidam, entretanto, no terreno político, de praticar os actos mais inmorales possíveis, comtanto que seu interesse partidário occasional não fique prejudicado”¹⁶⁷ e por causa disso o jornal afirma não ser surpresa a postura do Club Militar ao julgar as cartas como autênticas.

O argumento de defesa do **O Operário** para salientar a inocência de Arthur Bernardes é que este não teme o julgamento da nação, e para isso transcreve o discurso de Bernardes, em que reafirma sua inocência e mantêm, mais do que nunca, sua candidatura.

Duas semanas depois o tema volta a ser discutido em matéria de primeira página. Com o título “Minas Cohesa”¹⁶⁸, **O Operário** mostra a união de Minas Gerais contra Nilo, e pretende convencer o leitor de que os próprios defensores da Reação Republicana já aceitaram sua derrota: “o nilismo hade estar convencido que a sua grosseira campanha contra o sr. Arthur Bernardes produziu o efeito natural que todos esperávamos, efeito esse que foi para o próprio nilismo, absolutamente contraproducente.”¹⁶⁹

E mais uma vez recai sobre o povo o argumento principal para a defesa de Bernardes pelo jornal.

A consciencia brasileira, mesmo em meio as grandes agitações partidárias, repugnam certos processos menos dignos. O nosso povo é essencialmente justo. Tem o sentimento espontâneo da honra e, por isso, é incapaz de condescender, sem resistência, com os que abdicam de certos preceitos da dignidade¹⁷⁰.

O reforço da idéia de condenação do nilismo é ancorado no jornal pelo pressuposto de que este mostra a vontade do povo, e que a vontade dele não aceita ações

¹⁶⁶ O julgamento do Club Militar. **O Operário**, n. 137, 01 de janeiro de 1922, p.1.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Minas Cohesa. **O Operário**, n.139, 15 de janeiro de 1922, p.1.

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ Ibidem.

indignas, como é caracterizada a Reação Republicana, e em especial, a publicação das cartas falsas.

E para o jornal, além do apoio do povo, o Exército também está contra o nilismo.

Contra elle vimos a reacção nascer do Exercito, alvo principal dos seus manejos e ardis exploradores. As manifestações militares de franca repulsa às tentativas do nilismo, ahi estão vibrantes e confortáveis. Todo o grande Exercito consciente – moços que são formosas esperanças da pátria, velhos chefes que são sustentáculos da instituição, todos se levantam para defender o Exercito contra a acção perigosa dos que o queriam transformar em juguete nas mãos dos políticos reincidentes, no crime de explorar as classes armadas.¹⁷¹

A tentativa do **O Operário** é mostrar que Arthur Bernardes tem o apoio da maioria do Exército, e que apenas uma parte desta instituição se envolveu com Nilo Peçanha na disputa política. Com elogios aos membros do Exército, **O Operário** mostra para o leitor que não só o povo, mas essa instituição também está do lado de Bernardes. E assim deve se comportar todo mineiro, pois “a bancada mineira, cohesa e forte, declara-se identificada com o sr. Arthur Bernardes”¹⁷², o que será comprovado, como sempre salienta o jornal, “provál-o-á nas urnas de março”¹⁷³. As eleições são a confirmação de quem tem o poder nos municípios, estados e no país. E a partir de matérias que suscite isso no leitor, a importância do voto é reforçada.

Na mesma edição, na página 2, na coluna Pela Política, que traz diversas notas sobre política, fica claro o posicionamento do jornal diante das eleições presidenciais e da Reação Republicana:

O Operário, que tem sido até hoje o único sustentáculo da candidatura de s.excia neste município, associou-se também a essas demonstrações, transmitindo ao eminente coestadano um telegramma de congratulações firmado pelos srs. cel. José Pacheco de Medeiros, F. Nelson e Orlando Faria, respectivamente director e redactores desta folha¹⁷⁴.

O apoio era feito de maneira destacada, com assinatura dos responsáveis pelo jornal, e mostrando que seria o único sustentáculo da candidatura de Bernardes no município, ou seja, o principal representante deste no município.

¹⁷¹ Minas Cohesa. **O Operário**, n.139, 15 de janeiro de 1922, p.1.

¹⁷² Ibidem.

¹⁷³ Ibidem.

¹⁷⁴ Pela Política. **O Operário**, n.139, 15 de janeiro de 1922, p.2.

Por isso também, o jornal organiza comícios, publica boletins do P.R.M. e conclama o comparecimento dos cidadãos às urnas, como demonstração de agradecimento e grandeza:

Empenhamo-nos sinceramente pelo comparecimento do maior numero de eleitores ás urnas, para que possamos demonstrar eloqüentemente, com o maior numero de suffragios, que o nosso município sabe não só ser agradecido aos beneficios que directamente recebeu do preclaro presidente do Estado, em boa hora lembrado para a suprema magistratura do paiz [...] como também reconhecer e honrar as qualidades cívicas e a intelligencia do estadista e patriota que é o dr. Arthur da Silva Bernardes¹⁷⁵.

Mostrar que grande parte do eleitorado vota em Arthur Bernardes é também mostrar que o P.R.M local tem força e merece apoio do P.R.M estadual, assim como também os políticos locais que defendem a candidatura de Arthur Bernardes. Como visto no início deste trabalho, é através das urnas que uma facção consegue comprovar sua importância para o partido. E com diversos argumentos, o **O Operário** pretende convencer seus leitores da importância de votarem, e de votarem em Arthur Bernardes.

E a importância do voto é contestada por Silveira Brum, de acordo com o que publica o jornal na matéria “Voto perdido por que?”¹⁷⁶. Em todas as matérias ligadas a política ou eleições, o **O Operário** procura mostrar para seu leitor a importância do voto para o desenvolvimento do país. A validade deste voto é questionada por Silveira Brum, conforme publicou o jornal, em uma tentativa de prejudicar Arthur Bernardes. Brum seria, de acordo com o jornal, o chefe do nilismo local e “o nilismo continua na sua obra de desmoralização republicana e de completa perversão dos princípios democráticos”¹⁷⁷, publicando e espalhando “as maiores calumnias e as mais torpes mentiras, sem que a face dos respectivos folicularios se afogueie”.¹⁷⁸

E a última mentira seria a afirmação de Silveira Brum de que os votos para Arthur Bernardes seriam votos perdidos. “Sabemos que o chefe nilista local, ao abordar um correligionário, que lhe respondeu que não podia attendel-o, por já ter o seu voto comprometido, retrucou-lhe textualmente: -”É pena, porque seu voto vae ser

¹⁷⁵ Pela Política. **O Operário**, n.143, 12 de fevereiro de 1922, p.1.

¹⁷⁶ Voto perdido por que?. **O Operário**, n.144, 19 de fevereiro de 1922, p.1.

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ Ibidem.

perdido.”¹⁷⁹ E o **O Operário** contesta a posição desse chefe nilista, procurando reforçar para o seu leitor que o voto é importante, e que “Somente aos desesperados da sorte que lhes reservam as urnas no dia primeiro de março, ocorre esse pensamento sinistro da suffocação da vontade eleitoral do paiz pela força das bayonetas”.¹⁸⁰

O jornal procura mostrar que quem não acredita na força dos votos, o substitui pela força, pela revolta, e essa é uma postura do nilismo, e não dos eleitores de Bernardes. “Sem votos, sem fé e sem princípios, o nilismo turbulento e dissolvente apella para a mashorca, como se fosse esse o meio legítimo de dirimir competições políticas”.¹⁸¹

E para reforçar a legitimidade do voto contra a turbulência que o **O Operário** afirma que os nilistas tem, em matéria de 01 de março, dia da eleição presidencial, o jornal convoca seus leitores às urnas, confiante na vitória de Bernardes “porque não é possível acreditar-se que a alma brasileira esteja tão pervertida, a ponto de esquecer-se de seus deveres conservadores da honra, do bom nome e da dignidade da nação”¹⁸², e com isso pretende desmoralizar as pessoas que são contra Bernardes e que não vão votar, buscando convencer o leitor de quem não vota não tem honra e dignidade.

Ao longo da matéria procura mostrar as características de Bernardes que o colocam como nome principal para ocupar o cargo de presidente e desmoralizam Nilo Peçanha, retomando sempre as cartas falsas, e caracterizando o como “mendacidade, a hypocrisia, a falsidade, a desordem, a anarchia, a traição, encarnadas no sr. Nilo Peçanha, a mais completa e acabada “camouflage” política do Brasil-republica”¹⁸³, em contrapartida do representante do “principio da ordem e do progresso do Brasil”¹⁸⁴, que é Bernardes.

E na edição seguinte, o resultado da votação mostra que **O Operário** obteve sucesso em sua campanha, com 701 votos para Nilo Peçanha contra 2.554 para

¹⁷⁹ Voto perdido por que?. **O Operário**, n.144, 19 de fevereiro de 1922, p.1.

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² A`S Urnas, pela victoria de Minas!. **O Operário**, n. 145, 01 de março de 1922, p.1.

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ Ibidem.

Bernardes, com uma lista de explicações como mau tempo, grande número de mortos e outros fatos que explicam porque os votos para Bernardes não foram mais numerosos¹⁸⁵.

Na mesma edição, na página três, o jornal traz uma tabela com o resultado do pleito, com votos de cada distrito, com vitória de Bernardes em todos¹⁸⁶.

E apesar do objetivo alcançado, com a vitória de Bernardes no município, a campanha contra Nilo Peçanha continua até que Bernardes seja reconhecido presidente. Até porque após o resultado das eleições, com a vitória de Bernardes com 466 mil votos contra 317 mil votos de Nilo Peçanha, este não aceitou a derrota¹⁸⁷, e propôs a formação de uma comissão para avaliar as eleições, além da Comissão de Verificação, o que não era previsto na Constituição. Diante disso **O Operário** retoma assunto da força do voto (“[...]a nação, no dia 1º de corrente, manifestou, nas urnas livres, a sua repulsa á torva machinação dos falsários[...]”¹⁸⁸), das cartas falsas e volta a criticar o Club Militar, que “[...]afirmou despudoradamente a autenticidade de cartas falsas attribuidas ao dr. Arthur Bernardes[...]”¹⁸⁹.

E por fim o jornal procura mostrar que a população votou acertadamente e que o país está em boas mãos. “Honra ao Brasil e a Minas, que souberam repellir os tartufos e eleger verdadeiros homens para dirigir-lhes os destinos! O Brasil está tranqüilo! Minas está desaffrontada”¹⁹⁰.

As acusações a Nilo Peçanha prosseguem, principalmente nas edições seguintes, mas também ao longo do ano, até Bernardes assumir o cargo de presidente da República. O jornal em suas matérias procura desmoralizar Peçanha e fortalecer a imagem de Bernardes, associando-a à força do mineiro e da República, como o homem que seguirá os lemas de ordem e progresso.

¹⁸⁵ A eleição de 1. **O Operário**, n;146, 7 de março de 1922, p.2.

¹⁸⁶ Resultado do pleito eleitoral de 1º de Março para presidente e vice-presidente da Republica. **O Operário**, n.146, 7 de março de 1922, p.3. Nesta tabela com votos, a distribuição foi a seguinte por distrito: Cidade – 686 votos para Bernardes e Urbano, e 323 para Nilo e Seabra, em Patrocínio, 383 e 28, Santa Rita do Gloria, 330 e 0, Gloria, 237 e 93, Limeira, 406 e 0, Boa Família, 103 e 110, Santo Antonio do Gloria, 114 e 0, Bom Jesus, 143 e 98, Dores da Victoria, 146 e 49, respectivamente, totalizando 2554 para Bernardes e Urbano, e 701 para Nilo e Peçanha.

¹⁸⁷ Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Reação Republicana e a Crise Política dos anos 20**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6., n.11, 1993, p.9-23.

¹⁸⁸ A Repulsa da Nação e de Minas. **O Operário**, n.147, 12 de março de 1922, p.1.

¹⁸⁹ Ibidem.

¹⁹⁰ Ibidem.

A Reação Republicana foi a primeira oposição de fato na disputa das eleições presidenciais. E recebida com espanto pelo jornal, que a considerava uma subversão da ordem.

Infelizmente pouco tardou que a luta em torno da presidência, baixando da altura dos princípios para o terreno das competições pessoais, não degenerasse na mais viva troca de injúrias e calúnias, de que há registro em nossos annes políticos. Os correligionários do sr. Nilo Peçanha, no mais acceso da campanha, não vacilaram em lançar ao presidente mineiro e a todos os que o acompanhavam os mais violentos insultos, apontando-os à opinião publica como não merecedores do cargo a que pretendiam.¹⁹¹

Desta forma o jornal resume as ações de Nilo Peçanha e continua acompanhando o desenrolar das eleições, mostrando os acontecimentos para efetivação de Bernardes no cargo e as atitudes de Peçanha após a derrota.

As páginas de **O Operário** depois das eleições presidenciais vão ceder lugar principalmente para as disputas políticas municipais. Fundado em 1918 após uma divergência política de Itagyba de Oliveira com Silveira Brum, o primeiro funda o jornal **O Operário**. Deste momento em diante, o principal tema em pauta foi a política, e com destaque para as divergências locais, entre os líderes políticos do município de Muriaé.

Essa rivalidade era ainda maior em anos eleitorais, com a necessidade de fortalecimento do grupo no poder.

Por meio do jornal, os proprietários criam um micropoder, que se torna ainda mais importante quando há uma disputa pela liderança municipal e a necessidade de se firmar como real representante do povo e também do PRM. É na imprensa que se respondem as acusações (o que já era realizado durante as eleições presidenciais), feitas pela principal oposição política, representada pelo grupo de Agenor Canedo, que em 1920 volta a publicar o jornal O Muriahé, que havia circulado na cidade na década de 1910. Neste momento, Canedo era representante do PRM na Cidade e enaltecido pelo **O Operário**.

¹⁹¹ A Subversão. **O Operário**, n.151, 09 de abril de 1922, p.1.

A situação muda em 1922. O embate político entre **O Operário** e **O Muriahé**, representantes respectivamente de José Pacheco de Medeiros e Agenor Canedo, pretende recriar a disputa política existente na cidade.

Em um tópico, sob o título “A verdade dos factos”, o “Muriahé”, de quinta-feira ultima, convida nosso director, coronel Pacheco de Medeiros e o nosso companheiro de redacção Orlando Faria, autor destas linhas, a declararem sob suas assignaturas authenticas que “**O Operário**” tem feito contra a política que o sr. Agenor Canedo procura implantar neste município¹⁹².

Em todas as edições durante o ano de 1922, há matérias com acusações a Canedo e em defesa de políticos criticados nas páginas do jornal **O Muriahé**. Um jornal servia de base para o outro elaborar suas criticas. E era através da imprensa também que se defendiam de acusações.

Em uma matéria publicada em 1922, o jornal defende o presidente da Câmara Municipal, coronel Izalino Romualdo da Silva, acusado por Agenor Canedo no jornal **O Muriaé**. Após listar as obras e ações do presidente da Câmara, o jornal questiona como Canedo é capaz de criticar seu aliado, Romualdo.

Pos bem, é a candidatura de um homem desses, cheio de serviços ao município, que o sr. Agenor Canedo entendeu de vetar. E por que? Só pelo prazer de vetar-a, para não deixar s.s. de ser el-supremo. Engana-se, porem, o sr. Canedo. O povo do Muriahé não é um rebanho de Panurgio: tem vontade e hade saber fazel-a valer, nas urnas, no dia 3 de dezembro. O povo sabe distinguir perfeitamente quaes são os seus amigos: se os que fazem discursos innocuos, como o sr. Agenor Canedo, ou se os que realmente trabalham em beneficio da collectividade, como o cel. Izalino Romualdo. O povo não quer saber mais de palanfrorios; o que elle quer é o res, non verba¹⁹³.

E a defesa não é feita apenas com base nas crenças dos jornalistas e defensores do Partido Republicano Mineiro e de seus representantes locais, como o cel. Izalino Romualdo. O jornal, como defensor que se coloca do povo, faz tais afirmações como se fosse espelho daquilo que o povo deseja. Em todas as matérias o jornal reforça que expressa a opinião do povo, em uma tentativa de convencer seu leitor de que realmente representa o povo e suas vontades, e que são estas que o povo deve ter.

¹⁹² Refazendo a verdade. **O Operário**, n. 171, 3 de setembro de 1922, p.1.

¹⁹³ Res, non verba. **O Operário**, n. 174, 24 de setembro de 1922, p.1.

O uso de adjetivos não é poupado com críticas fortes, e total desmoralização da oposição e conseqüentemente, da imprensa utilizada por Canedo.

Em 1923, após a base política de José Pacheco de Medeiros ganhar as eleições, há uma tentativa de acordo, que é rompido, de acordo com o jornal, por Agenor Canedo. E durante toda a década, principalmente em anos eleitorais, **O Operário** acusa seu principal oponente, normalmente em matérias com o título **Para uso externo**:

O sr. Agenor Canedo, no ultimo numero de seu jornal, pela millesima vez, para mostrar seu hyperbolico prestigio, fez referencia a grandiosa manifestação de 12.000 almas, feita a s.s.

Esqueceu-se, entretanto, de frisar que, poucos dias depois dessa mirabolante manifestação, apesar della ou por causa della, s.s. foi derrotado, assim como o seu companheiro de chapa, nas eleições municipaes¹⁹⁴.

Anteriormente à oposição entre Pacheco e Canedo, o **O Operário**, como mostrado, foi criado após uma divergência política entre aquele e Silveira Brum, que foi um político importante no município.

Ao saber da possibilidade de que Agenor Canedo e Silveira Brum houvessem feito um acordo, o jornal não acredita.

Que houve um encontro entre esses senhores, no local referido, é incontestável, por se haver o facto tornado publico e notório. Não sabemos, por não ter sido divulgado, o que se passou ali. Assim não temos elementos para uma affirmatição positiva da veracidade da versão, que foi propalada como corollario desse encontro.

Não acreditamos, por emquanto, na realidade desse accordo.

Sempre estiveram o sr. Silveira Brum e o sr. Canedo separados pelo mais profundo antagonismo político – tão grande, que os fez inimigos pessoaes.

Não é, pois, para se acreditar que, sob a estola do sr. Telêmaco Pompei, tivessem elles ouvido prazeirosamente o conjugo vobis... Não, não é possível.

Não há muito tempo o sr. Canedo zurzia impiedosamente, pelo seu jornal, o sr. Silveira Brum¹⁹⁵.

A incapacidade de acreditar não permite que o jornal realize uma análise mais profunda, e mais uma vez, para mostrar que Canedo e Brum eram inimigos, o **O Operário** reproduz uma matéria publicada no **O Muriahé** em 1920, onde o jornal chama Silveira Brum de ladrão e, para concluir, **O Operário** recomenda aos leitores

¹⁹⁴ Para uso externo. **O Operário**, n.296, 21 de abril de 1925, p.2.

¹⁹⁵ Balão de oxygenio. **O Operário**, n. 168, 13 de agosto de 1922. p.1.

que leiam toda a coleção de O Muriahé de 1920, que comprovará que para Canedo, Brum era o que havia de pior.

Essa postura perante um possível acordo entre Canedo e Brum é uma tentativa de desmoralizar essa possibilidade aos olhos dos leitores, portanto, levar o acordo realmente ao fracasso.

Para a avaliação do jornal,

Verdadeiro este accordo, representa elle o balão de oxygenio a que se soccorre o sr. Canedo para poder respirar.

Verdadeiro, ou falso, o que é certo é que o sr. Canedo em novembro terá a desdita se soffrer a maior derrota política, de que ainda não há memória neste município.

Balão de oxygenio!..... morte certa...¹⁹⁶

A descrença não é apenas pelo fato de Canedo ter sido ou ser oponente de Brum, mas também porque **O Operário** também tinha como grande inimigo Silveira Brum. Considerando-se como representante do povo, do eleitorado, o jornal publica sua opinião sobre este político:

O Sr. Silveira Brum já não poderá ter mais illusões sobre o seu valor político neste município.

A prova a que s.s. submetteu agora o seu prestigio deve tel-o convencido, de vez, que o eleitorado do Muriahé, de forma alguma, contribuirá para alimentar em seu espírito a esperança de voltar a ser o que foi: - senhor absoluto dos cofres municipaes, dissipador incorrigível do erário publico, chefe intolerante, sob a apparencia mellitina e hypocrita da mais santa das criaturas¹⁹⁷.

Mas mesmo sendo contra Brum, o jornal, na mesma edição, também se dirige aos aliados de Brum, na iniciativa de que eles, assim como **O Operário**, não acreditam em tal acordo.

A ser verdadeiro o accordo do Sr. Canedo com o sr. Silveira Brum, desejaríamos muito saber o que pensam a respeito desse entendimento os amigos deste ultimo, principalmente os que foram ameaçados de violências em ordens transmitidas pelo telephone e os que soffreram prejuízo em seu direito com a extorsão de renuncias, feita pelo delegado militar, a mando do sr. Canedo.

Com toda certeza, elles não acreditarão, como nós também, na veracidade desse facto, que a ser exacto, só poderá merecer-lhes a mais decidida repulsa¹⁹⁸.

¹⁹⁶ Balão de oxygenio. **O Operário**, n. 168, 13 de agosto de 1922. p.1.

¹⁹⁷ Nunca mais! **O Operário**, n.146, 07 de março de 1922, p.2.

¹⁹⁸ Sem título. **O Operário**, n.168, 13 de agosto de 1922, p.1.

Ao longo do ano de 1922, todas as edições têm matérias sobre Agenor Canedo e sobre a atuação do seu jornal, **O Muriahé**. Em matérias como na edição número 165, **O Operário** critica Canedo, o que repete nas edições 171, 173, 174, 175 e daí em diante, com mais de uma matéria por edição.

Em 1923, há uma tentativa de acordo entre José Pacheco de Medeiros e Canedo, mas ele não se concretiza e a disputa através das páginas da imprensa permanece.

O que se acompanha na luta política municipal é reflexo da situação política do estado. José Pacheco de Medeiros era oponente de Canedo, mas ambos estavam ligados ao Partido Republicano Mineiro.

E nas urnas, se o resultado é sempre a vitória dos aliados de Medeiros, isto também retrata a força do PRM, pois José Pacheco de Medeiros era o representante do PRM local, o que lhe garantia o prestígio político, que estava atrelado ao PRM. Durante a década de 1920, como era comum em outras cidades, existiam duas facções do PRM no município. Em Muriaé, no início da década, a disputa era entre José Pacheco de Medeiros e Silveira Brum. Após 1922, as facções locais são representadas por Agenor Canedo, antigo presidente do PRM local, e José Pacheco, que a partir de 1922 ocupa o cargo de presidente.

A postura da Comissão Executiva do PRM era apoiar quem vencesse a eleição e, portanto, conquistasse mais votos para os candidatos do PRM para cargos estaduais e federais. O apoio do PRM dependia da vitória local. Com isso, José Pacheco de Medeiros, que passou a vencer as eleições a partir de 1922, contava com o apoio da Comissão.

As disputas políticas entre as facções locais em alguns casos eram levadas para a Comissão Executiva do PRM, e esta decidia o que deveria ser feito. A princípio existe uma tentativa de divisão do poder entre Agenor Canedo e José Pacheco de Medeiros. É possível acompanhar através do jornal **O Operário** que, normalmente, Canedo não seguia as definições dadas pela comissão e não aceitava a divisão de comando com José Pacheco de Medeiros, e o resultado era visto nas urnas, com derrota constante da facção de Canedo.

Nessa disputa, as eleições eram ainda mais importantes, porque era com os votos que o grupo de José Pacheco, e conseqüentemente, **O Operário**, entrava nesta luta, convocando os eleitores sempre que havia eleições, em todas as esferas, tanto municipal, estadual ou federal.

Com isso, o jornal apontava seus candidatos, apresentava suas características e convocava o povo a votar, com matérias e publicação do Boletim Eleitoral do PRM.

Nas eleições de 1922, o jornal publica um manifesto da Câmara Municipal de Muriaé, “[...] que é a maior depositaria da confiança política do eleitorado do município, publica um manifesto, em que concita o eleitorado a votar sem vacilação nas chapas adoptadas pela convenção nacional de 8 de junho e pela do P. R. M.”¹⁹⁹. Logo em seguida é publicado o manifesto, reforçando a necessidade do comparecimento do eleitorado para a vitória dos candidatos do PRM.

E na mesma edição, o **O Operário** convoca os eleitores para um comício, promovido por ele, na praça João Pinheiro, às 7 horas da noite, “[...]um grande comício de propaganda das candidaturas dos srs drs. Arthur Bernardes e Raul Soares, para presidência da República e do Estado, respectivamente.”²⁰⁰. E com isto reforça sua postura política.

O Operário, que tem sido na imprensa deste município, o único sustentáculo das candidaturas por que anseia a alma mineira, espera que logo á noite o jardim da praça João Pinheiro seja pequeno para conter a grande multidão de seus amigos que certamente vão honral-o com o seu comparecimento ao comício.²⁰¹

Na mesma página, para reforçar seu posicionamento, publica em letras maiúsculas a seguinte nota:

VOTAR EM ARTHUR BERNARDES E URBANO DOS SANTOS, PARA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, E EM RAUL SOARES E OLEGÁRIO MACIEL, PARA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DO ESTADO, É DEVER DE TODO MINEIRO.²⁰²

A edição seguinte, de 19 de fevereiro de 1922, é dedicada principalmente à política, trazendo inclusive o resultado satisfatório do comício realizado pelo jornal. “A grande

¹⁹⁹ Pela Política. **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.1.

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ Comício. **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.2.

²⁰² Sem título. **O Operário**, n.168, 13 de agosto de 1922, p.1.

concorrência que teve esse comício – mais de duas mil pessoas – mostra quanto entusiasmo estão despertando entre nós as eleições [...]”²⁰³, e desta forma continua sua manifestação em torno das eleições.

As vésperas da eleição, o povo é chamado mais uma vez às urnas, “Concidadãos! A’s urnas, pela victoria da lei, do direito e da ordem, contra a anarchia, a prepotência e a perversão do regimen.”²⁰⁴

E sempre é realizado o acompanhamento político, das ações dos presidentes, notas em seus aniversários. Nas oportunidades que o jornal encontra para vangloriar e ressaltar as qualidades de seus políticos, assim o faz.

Com o acompanhamento das matérias ao longo dos anos, o que se percebe é que os políticos aos quais o **O Operário** está ligado na política municipal, sempre ganharam as eleições, assim como também o Partido Republicano Mineiro quase sempre conseguiu vencer as eleições disputadas, seja para deputado, senador ou para a presidência da República.

E desta forma, José Pacheco de Medeiros e demais políticos aliados, venciam e dominavam o cenário político local.

No fim do ano de 1922, nas eleições municipais, o jornal publica sua lista de indicados para cada cargo.

O P. R. M. deste município, chefiado pelo nosso director, cel. José Pacheco de Medeiros, recommenda aos suffragios do eleitorado as seguintes chapas:
PARA VEREADORES GERAES
Cel. Izalino Romualdo da Silva,
Cel. Edmundo Rodrigues Germano.
DISTRICTO DA CIDADE
Para vereador especial
Dr. Itagyba de Oliveira²⁰⁵

E assim seguiu a lista, com todos os nomes indicados para os cargos, como juiz de paz e vereadores especiais dos distritos.

Isso acontece durante todos os anos analisados, com publicações de boletins eleitorais, convocação do eleitorado, indicação de políticos para os cargos, e ao

²⁰³ Pela Política. **O Operário**, n. 144, 19 de fevereiro de 1922, p.1.

²⁰⁴ Concidadãos. **O Operário**, n.145, 1 de março de 1922, p.2.

²⁰⁵ O Pleito Municipal. **O Operário**, n. 182, 19 de novembro de 1922, p.1.

longo dos anos, o **O Operário** representou os vencedores, sendo que em todas as eleições José Pacheco de Medeiros, a frente do PRM local, conseguiu eleger os candidatos de seu partido, derrotando o grupo ligado a Agenor Canedo.

A posição do **Jornal de Viçosa**, apesar de se envolver em disputas políticas estaduais e federais, com manifestações aos candidatos do PRM, não tinha o mesmo comprometimento do **O Operário** diante das eleições municipais, fato que sempre foi ressaltado pelo jornal, que se dizia sem vinculação política, ao contrário do **O Operário**.

O **Jornal de Viçosa** aponta suas preferências, mesmo que indiretamente, mas não suscitava seu eleitorado com a publicação de nomes ou de boletins eleitorais. No ano de 1927, diante das eleições para a Câmara Municipal de Viçosa, uma sucessão de matérias indica algumas preferências do jornal, mas sem uma clara e direta indicação.

O presidente da Câmara era escolhido nas eleições municipais. As duas primeiras matérias tinham o mesmo título “O futuro presidente da nossa Câmara Municipal” e a terceira com “Ainda a presidência da Câmara”, matéria que começa com a frase “Não é demais insistir”²⁰⁶ até porque, segundo o jornal, esse não tem “compromissos políticos[...]preferências pessoais [...]”²⁰⁷.

A escolha do jornal gira em torno do fato de desejar que o escolhido seja um candidato da cidade, com base no fato de Arthur Bernardes ter sido presidente da Câmara, e depois dele poucos eram da cidade. Além disso, o motivo apresentado pelo jornal é porque “quem melhor do que um nato cidadão de Viçosa, poderá experimentar[...]desejar a prosperidade desta cidade”²⁰⁸.

Na matéria do dia 22 de janeiro, o jornal aponta que a população também faz a mesma opção do jornal.

A maior parte dos habitantes do município, mesmo aqueles que não estão presos a elle pela fatalidade accidental do nascimento dentro dos seus

²⁰⁶ Ainda a presidência da Camara. **Jornal de Viçosa**, 12 de fevereiro de 1927, p.1.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 15 de janeiro de 1922, p.1.

limites, reconheceu as razões e – a nobreza das intenções que alimentamos neste pleito.²⁰⁹

E as aspirações do jornal são sempre colocadas não como sua opinião, mas como representantes daquilo que o povo quer.

[...] se nota a vontade autônoma e expressiva de eleger o candidato que reúna as qualidades primaciaes de um homem de bem e de um legítimo filho desta terra(...).Pode ser outro Antonio Gomes Barbosa, nascido em Viçosa e aqui criado, amante dessa terra e de sua gente, cioso desse patriotismo regional[...]²¹⁰.

Até então o jornal não traz nenhum nome, apenas alguns fatores que cerceiam a escolha do candidato. Já no dia 26 de março, com uma posição do Diretório Político do Município, o jornal traz o nome do candidato que considera que deve ganhar: “É provável que a escolha do futuro presidente da Câmara Municipal, venha recahir no distinto viçosense, dr. João Braz da Costa Val, ficando assim satisfeitas a vontade e a aspiração do povo desta terra”²¹¹. E prossegue na sua argumentação da excelente escolha que será este candidato. “O nome do dr. João Braz constitue uma optima candidatura e é um orgulho de nossa Viçosa [...] filhos de Viçosa, que terão como presidente de sua Câmara Municipal, um viçosense nato, dos mais distintos e queridos”²¹².

Depois dessas matérias não se tem o exemplar arquivado que traga o vencedor da eleição e o que o jornal disse sobre o resultado, mas com a matéria do dia 21 de janeiro de 1928 com o título “*Câmara Municipal*” e que começa com a frase “Sob a presidência do exmo. Sr. Dr. João Braz da Costa Val”, percebe-se que o candidato escolhido pelo jornal venceu as eleições.

3.7.2 Congresso das Municipalidades

Um tema comum nos dois jornais, e que tinha a mesma abordagem, foi a realização do Congresso das Municipalidades. Nas matérias de 1923, presentes apenas no **O Operário**, a idéia do congresso, que de acordo com esse, foi de Raul Soares, é enfatizada e elogiada pelo jornal. A contribuição dessas matérias é permitir conhecer quais eram os assuntos considerados pelo governo de Minas como prioritários.

²⁰⁹ O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 22 de janeiro de 1922, p.1.

²¹⁰ Ainda a presidência da Câmara. **Jornal de Viçosa**, 12 de fevereiro de 1927, p.1.

²¹¹ O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 26 de março de 1922, p.1.

²¹² Ibidem.

Nas edições de número 200, 201, 203, 205, 206, 209 e 211 do jornal **O Operário**, o Congresso das Municipalidades foi destaque, normalmente trazendo as teses que seriam discutidas. Depois da realização do congresso, em 15 de junho, a edição número 211, de 24 de junho, traz um relato de cada tese discutida.

As teses apresentadas foram em torno dos temas “lavoura e criação/ bens publicos/ estradas de rodagem/ comercio e industria/ caça e pesca/ vida rural/ ensino profissional/ ensino primário/ impostos municipaes/ limites intramunicipaes/ política e administração municipal/ quedas de água/ higyene”²¹³.

Na mesma matéria são apresentadas as questões para debate em cada tese. Em lavoura e criação, as questões são:

- I – Como poderão as municipalidades cooperar com o Estado no combate á saúva, á quem-quem, ás moléstias cryptogamicas e outros flagelos das mattas?
- II – Qual a forma possível de cooperação das municipalidades com o Estado em matéria de conservação e replantio das mattas?
- III – Quaes as medidas que podem ser decretadas pelas municipalidades para protecção das animaes úteis á lavoura e á criação e extinção dos prejudiciaes?
- IV – Podem as municipalidades cooperar, efficazmente, com o Estado na repressão da vadiagem?
- V – Que meios podem ser utilizados para evitar o alliciamento de trabalhadores?
- VI – Como poderão os municípios colaborar com o Estado no combate contra a berne, carrapato, a aphtosa e outros flagellos da criação?
- VII – Qual o meio de que devem lançar mão os municípios para auxiliar a formação de prados artificiaes, a fenação e a encilagem?
- VIII – Como devem as municipalidades colaborar com o Estado para a manutenção de estações de montas, com reproductores de raças apropriadas a cada zona?
- IX – Quaes as medidas de segurança para evitar o perigo de fogo nos campos, mattas e lavouras?
- X – Por que meios e de que forma devem o Estado e o município facilitar a organização do credito rural?²¹⁴

Os temas dessa tese não são assuntos debatidos nos dois jornais, mas apresentam um cenário das preocupações do governo estadual e municipal.

Em outra tese, das Estradas de Rodagem, a discussão será em torno de cinco questões:

- I – Que estradas devem ser consideradas de interesse geral ou municipal?

²¹³ O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.203, 29 de abril de 1923, p.1.

²¹⁴ Ibidem.

II – Qual a forma pratica, pela qual poderão as municipalidades cooperar com o Estado em matéria de estradas?

III – Devem ser lançadas taxas especiais, pelos municípios, para conservação de estradas? Em caso affirmativo, quaes?

IV – Como impedir o transito de vehiculos prejudiciaes as estradas?

V – Qual o meio das municipalidades cooperarem com o Estado para adopção do preceito regulamentar sobre a largura das rodas dos vehiculos?²¹⁵

A discussão sobre as estradas de rodagem era constante nessa época, destacadamente mostrada no jornal **O Operário**. Um dos pontos principais, que também era priorizado pelo jornal, é a conservação das estradas, o que gerava a condenação do uso de transportes que as estragassem.

A mesma preocupação esta presente na conservação do patrimônio público, outra tese do congresso:

BENS PUBLICOS

Qual o concurso que os municípios e o Estado poderão prestar-se reciprocamente na conservação de obras publicas e na defesa dos bens de um e de outro?²¹⁶

Nenhuma das teses foi discutida pelo jornal, sobre sua importância ou relevância, mas o congresso em si foi considerado uma iniciativa necessária para o Estado.

Estamos crentes de que o Congresso das Municipalidades vae marcar uma época decisiva na historia da administração mineira, pela unidade de vistas e de acção que certamente vae ser estabelecida nas relações de município a município e entre estes e o Estado.²¹⁷

Além do **O Operário** destacar a importância histórica que ele considera que o Congresso tem para Minas Gerais, mais uma vez esta posição está atrelada a defesa da República.

Esta é a verdadeira política republicana, por ser a única que interessa de facto á vida progressiva de Minas, que, para evoluir, necessita da conjugação perfeita e regular dos esforços de todos os seus municípios. Ate hoje esses esforços têm sido dispersivos, porque têm sidos tentados isoladamente.²¹⁸

Por este motivo o jornal ressalta a importância do evento, um momento em que todos os municípios estarão unidos em torno de objetivos comuns, o que para **O Operário** é a solução para o progresso da Minas Gerais.

²¹⁵ O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.203, 29 de abril de 1923, p.1.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.209, 11 de junho de 1923, p.1.

²¹⁸ Ibidem.

Os temas discutidos nas outras teses também são apresentados pelo jornal²¹⁹.

Na edição número 211 do jornal **O Operário**, a primeira página inteira é dedicada a relatar a importância do Congresso. O jornal, por falta de espaço, alega não publicar tudo sobre os assuntos discutidos, mas diante das conclusões, afirma que qualquer um:

[...] reconhece logo que o escopo orientador desse Congresso não foi iludido, pois as suggestões ao governo que elles encerraram são de ordem a fornecer ao legislativo e ao executivo vastissimo campo para uma legislação mais conforme aos interesses do Estado e dos municípios[...].²²⁰

As teses não são discutidas pelo jornal, nem as resoluções dos políticos, mas **O Operário** ressalta a importância, que já havia destacado mesmo antes da realização do Congresso.

²¹⁹ As outras teses estão na mesma matéria, O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.203, 29 de abril de 1923, p.1. A tese COMMERCIO E INDUSTRIA trazia duas questões: I – Será conveniente generalizar o estabelecimento de feiras em dias determinados para facilitar ao colono e pequeno lavrador a venda de seus produtos?, II – Quaes os meios ao alcance das municipalidades para animar o estabelecimento de industrias nos respectivos municípios?. Na tese CAÇA E PESCA, com um tema para debate “Quaes as medidas a serem postas em execução pelos municípios para regularização das pescarias e das caçadas?”. Em QUEDAS DE AGUA, duas questões: I – Quaes as medidas que convem sejam tomadas pelas municipalidades para o aproveitamento das quedas de água?, II – Quaes as clausulas acauteladoras dos interesses municipaes que deverão ser inseridas pelo Estado nas concessões de quegas de Água?. Na tese VIDA RURAL, também duas questões: I – Quais as providencias que o Estado e o município devem tomar para tornar attraente a vida rural?, II – Que forma, deve ter a acção conjunta do Estado e do município no sentido de desenvolver o espírito de associação?. Em ENSINO PROFISSIONAL, a discussão é uma “Como poderão as municipalidades cooperar com o Estado em matéria de ensino profissional, especialmente o agrícola?” e no ENSINO PRIMÁRIO, I – Quaes as formas praticas da cooperação das municipalidades com o Estado em matéria de ensino primário?, II – Convirá adoptar nas escolas municipaes os mesmo programmas e methodos de ensino das escolas do Estado?. A tese de IMPOSTOS MUNICIPAES tem sete temas: I – Como evitar que em alguns municípios se continue a cobrar o inconstitucional imposto de transito, não raro disfarçado nas legislações municipaes?, II – Como evitar que os municípios tributem os institutos de ensino?, III – Como corrigir a criação, pelos municípios, de impostos prohibitivos prejudiciaes?, IV – Convêm fixar por lei a taxa máxima municipal dos impostos communs ao Estado e ao município?, V – Como devem cooperar o Estado e o município na prevenção da fraude do imposto de transmissão inter-vivos?, VI – Convêm estabelecer uma sancção ao n. IX art. 74 da Constituição? Qual?, VII – Convêm regularmente a faculdade e os casos de concessão de isenção de impostos municipaes? No caso affirmativo, de que modo?. Na tese LIMITES INTRA-MUNICIPAES, “Como resolver as questões de limites entre os municípios?”. A discussão sobre POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL tem quatro temas: I – Devem ser permittidas as reeleições sucessivas de presidente da Câmara? II – Como separar a administração municipal da política municipal?, III – Como conjugar a acção administrativa dos municípios, sob o critério de vizinhança, em beneficio dos interesses materiaes recíprocos?, IV – Seria conveniente obterem os municípios, por accordo com o Estado, a assistência techina dos engenheiros deste? Sob que condições?. E por último, a tese HIGIENE, com três eixos de debate: I – Como poderão cooperar o Estado e o município na criação e manutenção de serviços de hygiene?, II – E’ possível a uniformização de leis e posturas municipaes referentes á hygiene e á saúde publica?, III – Na organização de planos e projectos de abastecimento de água e esgotos, convem a audiência de órgãos technicos do Estado?

²²⁰ O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n. 211, 24 de junho de 1923, p.1.

Já o Congresso das Municipalidades da Zona da Mata realizado em 1928 em Ponte Nova, que reunia os políticos mineiros da região foi noticiado nos dois jornais, mas com destaque menor do que o de 1923 no jornal **O Operário**.

Os dois ressaltavam a importância deste encontro dos chefes municipais. Para o **Jornal de Viçosa**, “será um acontecimento de elevado alcance social, político e econômico para esta grande e próspera região do Estado”²²¹.

O Operário por sua vez divulga a realização do Congresso e destaca a participação do presidente da Câmara Municipal de Muriaé. “O cel. Edmundo Germano foi convidado a relatar a tese 2ª, da seção 7ª, a ser discutida, com as demais, por ocasião desse Congresso”²²², mas o jornal não informa as teses, o que é mostrado pelo **Jornal de Viçosa**²²³, mesmo assim sem dizer os temas de cada uma.

²²¹ Congresso das Municipalidades. **Jornal de Viçosa**, 21 de abril de 1928, p.1.

²²² Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.425, 29 de abril de 1928, p.1.

²²³ Na edição de 19 de maio de 1928, o **Jornal de Viçosa** traz na primeira página a matéria Congresso das Municipalidades da Zona da Mata com a divisão das teses e o relator de cada:

Secção I

These única – Relator: presidente da Câmara de Juiz de Fora.

Secção II

These 1 – Relator: presidente da Câmara de Manhuassu.

These 2 – Relator: presidente da Câmara de Guarara.

Secção III

These única – Relator: presidente da Câmara de Viçosa

Secção IV

These 1 – Relator: deputado Ribeiro Junqueira.

These 2 – Relator: presidente da Câmara de Ponte Nova.

These 3 – Relator: presidente da Câmara de Rio Branco.

These 4 – Relator: presidente da Câmara de Caratinga

These 5 – Relator: presidente da Câmara de Pomba.

These 6 – Relator: dr. João Bello Lisboa.

These 7 – Relator: presidente da Câmara de Alem Parahyba.

These 8 – Relator: senador Enear Câmara.

These 9 – Relator: presidente da Câmara de Rio Casca.

These 10 – Relator: presidente da Câmara de Raul Soares.

Secção V

These única – Relator: dr. Alfredo Castello Branco.

Secção VI

These única – Relator: presidente da Câmara de Cataguazes.

Secção VII

These 1 – Relator: presidente da Câmara de Leopoldina.

These 2 – Relator: presidente da Câmara de Muriaé.

Secção VIII

These 1 – Relator: presidente da Câmara de Ubá.

These 2 – Relator: presidente da Câmara de Carangola.

Secção IX

These única – Relator: presidente da Associação Comercial de Juiz de Fora.

“Muitas variadas (sic) foram as theses levadas alli a debates, e que soffreram demorados estudos, resultando de tudo que muito proveito terá o Estado de Minas a colher dos trabalhos levados a effeito nessa grandiosa assembléia de Ponte Nova [...]”²²⁴ e assim encerra **O Operário** sua abordagem sobre o congresso em Ponte Nova, sem fazer uma análise como em 1923.

3.7.3 Movimento Tenentista

O tenentismo sempre foi combatido por ambos os jornais, pois ia de encontro ao que defendiam, primeiro por serem defensores de Bernardes e depois por exigirem a manutenção da ordem, sendo contrários a movimentos que de maneira abrupta e revoltosa, procurassem mudar a ordem que atendiam aos seus interesses.

Por falta da edição do **O Operário** na época do levante militar em 5 de julho de 1924, o tema é passível de comparação através de uma matéria sobre o levante militar de 1922, fato que deu origem a todo o movimento.

Ao longo de toda a matéria publicada na edição de 9 de julho de 1922, o jornal explica o movimento revoltoso, mas seu ponto de partida é mostrar que ações desse tipo não são bem vindas e são combatidas rapidamente.

Se por um lado essa effusão é de deplorar-se, em conseqüência da perda de vidas preciosas, por outro lado é de bemdizer-se, por que mostrou que nosso paiz o terreno é completamente hostile á semente damninha da indisciplina e da anarchia.

Há longo tempo que a dissidência vinha trazendo a opinião publica suspensa pelo fervilhar de boatos, que malevolamente espalhava para suavizar sua obra de traição e de perjúrio. Há um longo anno vínhamos todos nós respirando offegantemente essa atmospherá pesada, carregada pela pressão de desejos insopitáveis e de vontades contrariadas.

Embora nunca duvidássemos da prompta repressão de quaesquer desmandos, onde quer que irrompessem, era todavia de lastimar-se que o paiz tivesse sido conduzido a essa ambiência carregada, que só poderia fomentar, como fomentou, a indisciplina e a anarchia naqueles em que a noção do cumprimento do dever não tinha raízes profundas.²²⁵

O que acontece neste episódio, e que é comum em outros temas e nos dois jornais, é que raramente há um acompanhamento do assunto. O jornal afirma que há um ano a atmosfera era pesada, mas o que se percebe é que isto nunca foi relatado de maneira direta em nenhuma matéria. O jornal explica como ocorreu todo o episodio,

²²⁴ Congresso das Municipalidades da Zona da Matta. **O Operário**, n. 432, 13 de julho de 1928, p.1.

²²⁵ O levante militar no Rio. **O Operário**, n. 163, 09 de julho de 1922, p.1.

e aponta o culpado, um dos principais inimigos de Arthur Bernardes e, conseqüentemente, do **O Operário**.

Lastimemos que a politicalha vesga tivesse levado o luto e a orphandade aos lares de muitos brasileiros cuja vida desabrochava, como um sorriso, para a gloria e para o futuro.

O sr. Nilo Peçanha, sciente e conscientemente, é o assassino delles.

Pode ser que o senador fluminense escape ás garras da justiça humana, mas a posteridade há de julgal-o e condemnal-o como covarde e como réprobo, e as gerações futuras hão de amaldiçoar-lhe o nome e execrar-lhe a memória de assassino de moços que desviou da senda do dever.²²⁶

Não resta dúvida da posição do jornal em relação ao episódio, que reforça seu apoio a ordem e sua oposição a Nilo Peçanha.

Da mesma maneira o levante de 1924 será abordado pelo **Jornal de Viçosa**. Como um defensor de Arthur Bernardes e da República, o movimento tenentista, por ameaçar esses dois na visão do jornal, não poderia ser considerado positivo. Para começar a abordar o levante militar de 5 de julho de 1924 em São Paulo, o jornal traz o título “Alto lá, canalhas!”, frase que se repete várias vezes na matéria publicada no dia 26 de julho de 1924.

Nos primeiros parágrafos o jornal pretende mostrar que o povo brasileiro está indignado com esse movimento dos militares.

<<Alto lá, canalhas!>>- é o grito de dor e de revolta que, na hora que passa, parte do coração de cada brasileiro, digno de seu paiz, como vehemente protesto contra o crime nefando, contra o acto de selvagem fratricídio praticado por meia dúzia de cafagestes que se dizem officiaes do exército e que, pretendendo ferir de morte a República, quizeram golpeal-a no coração, golpeando-a na <<terra sagrada que foi o oriente de democracia brasileira>>²²⁷.

Através de seu discurso, busca mostrar que o movimento é um crime nefando, um ato de traição a Pátria, além de desmoralizar as pessoas que participam desse ato, chamando-as de cafagestes. Tudo isso para manter a ordem e o poder da maneira que consideram correta, que é representada pelo governo de Bernardes.

O jornal quer mostrar com essa matéria que são poucas pessoas envolvidas nesse movimento e que o povo brasileiro está totalmente contra, procurando desmoralizar o episódio:

²²⁶ O levante militar no Rio. **O Operário**, n. 163, 09 de julho de 1922, p.1.

²²⁷ Alto lá, canalhas!. **Jornal de Viçosa**, 26 de julho de 1924, p.1.

<<Alto lá, canalhas!>>- exclama a alma nacional..ao lado do governo legal[...].
<<Alto lá, canalhas!>>-brada angustiosamente [...]a pátria ultrajada que, de joelhos e de mãos postas, implora, de todos os seus filhos, o auxilio indispensável aos sofrimentos que lhe dilaceram a existência!²²⁸

A cidade de São Paulo é mostrada como um lugar sagrado (“terra sagrada que foi o oriente de democracia brasileira²²⁹”) que o movimento tenentista “salpica de sangue as ruas da mais culta e prospera cidade do Brasil, berço dos patriarchas immortaes, fundadores e organisadores do regimen²³⁰”. Por São Paulo representar tudo isso, a afronta do movimento tenentista é ainda maior.

Durante toda a matéria, que ocupa a primeira página inteira, o discurso do jornal é pela defesa da República – regime representado principalmente pelo atual presidente, Arthur Bernardes, o qual o jornal apóia –, além de usar adjetivos que desmoralizem os militares envolvidos no levante. Estes são chamados de “filhos degenerados”, “bando de officiaes do exército, indisciplinados”, “soldados sem cultura, sem honra e sem dignidade, que acabam de se apoderar de todo o dinheiro existente nos cofres Inglesa, do Banco do Brasil e do Banco Comercial de S. Paulo²³¹”

Ou seja, os soldados são ladrões e, além disso, se venderam “ao estrangeiro façanhudo e atrevido que, com o intuito de nos dominar, vive por ahi, nos hoteis, nos restaurants, nos carros das vias férreas, criticando severa e abertamente a nossa terra e a nossa gente²³²”, são representantes do interesse estrangeiro, contra a nação brasileira.

Diante disso, das “recentes revoltas – a de agora e a de 1922 – vêm, entretanto, accentuar a necessidade de um mais vivo espírito de disciplina e de um mais forte senso de ordem. O principio de ordem [...] o principio da lei²³³, justifica-se o uso da medidas que garantam a lei. O jornal prepara a população para acreditar que é só através de uma lei mais rigorosa que haverá ordem no país, que reforce a necessidade do estado de sítio que o país vivia, buscando formar uma opinião

²²⁸ Alto lá, canalhas!. **Jornal de Viçosa**, 26 de julho de 1924, p.1.

²²⁹ Ibidem.

²³⁰ Ibidem.

²³¹ Ibidem.

²³² Ibidem.

²³³ Ibidem.

pública favorável a repressão desse movimento, uma opinião pública que se coloque:

na defesa dos interesses de sempre, contra os do momento(...)em favor desse magnífico centro de ordem e trabalho, de actividade salutar e fecunda que é o grande e culto Estado de São Paulo(...)contra esse delírio de <<futurismo>> político, e um tempo ridículo e perigoso(...)ao lado de Deus, da Pátria, da Liberdade e da Família(...)contra os parasitas da Pátria, que querem comer sem trabalhar, anarchisar o Brasil para a realização dos seus loucos, audazes e criminosos intuits. Viçosenses! Gritemos a uma voce: Alto lá, canalhas!, em coro com o Brasil livre, sensato e honesto. Empunhemos armas e vamos espesinhar o inimigo representado pelo militarismo indisciplinado, audaz e parasitario, que quer anarchisar o Brasil! Salvemos a republica ludibriada!²³⁴

Com estes argumentos, que povo católico ficaria a favor de um movimento assim? Quem seria contra a Pátria, a Liberdade, e principalmente, contra Deus? O movimento tenentista não era coisa de Deus para o jornal.

E de acordo com o jornal, Viçosa reagiu realizando diversos comícios após a iniciativa “do illustre Dr Gomes Barbosa, digno agente executivo e presidente da Junta de Alistamento Militar” que organizou o “Batalhão Patriótico²³⁵” na cidade.

Na edição seguinte, do dia 09 de agosto de 1924, a matéria de capa traz o título “A Victoria” sobre o fim do movimento em São Paulo, que governou a cidade durante aproximadamente vinte dias. Segundo o jornal, foram “extinctos os focos de irradicação revolucionaria²³⁶”.

Como afirma Foucault, no discurso uma idéia quer superar outra ou ser dominante em relação à outras formas de se posicionar em relação a algo. Nesse sentido o jornal busca tornar predominante a idéia de que o movimento tenentista não faz bem a Pátria e que a República, tal como estava alicerçada, devia ser mantida, posição defendida em todas as matérias. As pessoas devem se posicionar, de acordo com o jornal, contra esse movimento que acabou causando um retrocesso no país quando, segundo o jornal, “ensaiavamos os passos no caminho da restauração economico-financeira. De súbito, retrogradamos e muito!”²³⁷. Além de tudo, para o jornal o movimento tenentista era uma manifestação contra o progresso.

²³⁴ Alto lá, canalhas!. **Jornal de Viçosa**, 26 de julho de 1924, p.1.

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ A Victoria. **Jornal de Viçosa**, 09 de agosto de 1924, p.1.

²³⁷ Ibidem.

3.8 Meios de transporte

Um dos pontos que demonstravam o desenvolvimento tecnológico e econômico de uma cidade era o transporte. A princípio os trens chamavam a atenção, depois foi o automóvel, com o modelo da Ford, e de maneira mais admirável, a aviação.

O Operário tem uma clara posição favorável ao desenvolvimento dos transportes, principalmente o automóvel. E nesta defesa pelo novo meio de transporte, o ataque principal era ao carro de boi, que representava algo antigo, portanto os agricultores devem ter automóveis e não carros de bois, que são “incomodo, antiquado e dispendioso carro de bois do tempo da Colônia”²³⁸.

Essa cobrança também é feita por causa da necessidade da conservação das estradas, um importante ponto para o progresso do município.

Mas o **Jornal de Viçosa** apresenta uma posição contraditória em relação ao automóvel – porque ao mesmo tempo em que defende a necessidade do automóvel para o desenvolvimento e conservação das estradas, incentivando produtores rurais e comerciantes a adquirirem um automóvel, em algumas matérias coloca o uso do automóvel como um perigo para as pessoas.

Na matéria do dia 14 de outubro de 1926, o **Jornal de Viçosa** aborda o perigo do automóvel, que é uma criação que “[...] mais interesse há despertado na gente do seculo [...]”²³⁹. Sua posição perante esse símbolo da modernidade não é positiva pois para os que não tem essas “[...] infalliveis machinas da morte, a preocupação maior é conseguir uma, no evidente proposito de evitar a acção mortífera das outras [...]”²⁴⁰, com isso busca formar uma opinião contrária ao automóvel, sem que haja benesses em possuí-lo.

A matéria salienta que o mal maior não é o automóvel em si, mas a vertigem da velocidade, que é quase um “[...] phenomeno mórbido [...]”²⁴¹ que tem sido a

maior preocupação das grandes cidades onde há estradas e ruas próprias para o trafego. Imagine-se agora numa cidade como a nossa, de ruas

²³⁸ A conservação das estradas. **O Operário**, n.421, 25 de março de 1928, p.1.

²³⁹ A vertigem da velocidade. **Jornal de Viçosa**, n.8, 14 de outubro de 1926, p.1.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Ibidem.

estreitas[...]onde o automóvel não conhece nem respeita aquelle pequenino e útil aparato que se chama velocímetro.²⁴²

E para terminar de construir um discurso que realmente transforme o automóvel em algo ruim, a matéria finaliza falando da “[...] morte instantânea de um creançinha, esmagada brutalmente sob as pesadas rodas de um automóvel [...]”²⁴³ que ocorreu há poucos dias.

Em relação à aviação, ambos abordavam de maneira animada e esperançosa as novidades do transporte aéreo. A experiência realizada por portugueses em 1922, é retratada com elogios a Portugal e felicitações aos realizadores da travessia aérea de Portugal ao Brasil.

E fraternidade e apotheose tem sido o que os dois aviadores tem encontrado no regaço brasileiro. A vibração intensa da alma nacional, em perfeita comunhão com a laboriosa colônia lusitana, é uma dessas explosões contra as quaes não há entraves possíveis, porque é a irrupção violenta da sinceridade com que o Brasil se associa a Portugal, para proclamar a gloria de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Camões registrou a gloria dos vencedores do Mar Tenebroso e nos immortalizaremos pela nossa admiração, a gloria dos vencedores do espaço indefinido.

Aos intrépidos e arrojados aviadores deixamos nestas linhas o preito da nossa admiração²⁴⁴.

E esta comemoração é um panorama que, de acordo com o jornal, se vê em todo o país:

Em todo o Estado de Minas a noticia da feliz conclusão do raid foi recebida com as maiores demonstrações de alegria.

Na capital, como um outras cidades do interior, houve passeatas, animadas pelos sons vibrantes de bandas de musica e pelo estrugir de foguetes.

Aqui, logo que se teve a agradável noticia, a colônia celebrou-a com salvas de vinte e um tiros e uma immensidade de foguetes, não podendo realizar outras festas, por haver a noticia chegado já muito tarde da noite de sabbado, não tendo havido, portanto, tempo sufficiente para o preparo dos festejos²⁴⁵.

A aviação não só retrata o incentivo que o jornal dá ao desenvolvimento de novas tecnologias, mas também mostra, ao abordar Portugal, os resquícios de um país que luta para se tornar República, mas que não teve uma cisão forte com o regime anterior, representado pela monarquia de D. Pedro II. E diante desta dificuldade, de

²⁴² A vertigem da velocidade. **Jornal de Viçosa**, n.8, 14 de outubro de 1926, p.1.

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ O Raid. **O Operário**, n.161, 25 de junho de 1922, p.1.

²⁴⁵ Ibidem.

incentivar o novo, mas vangloriar o passado, o jornal se remete ao Brasil como colônia. Uma contraposição de um país que briga com costumes e tradições, mas que ao mesmo tempo não consegue se desvencilhar do passado.

Alguns anos depois, o **Jornal de Viçosa** também se mostra um incentivador e reconhecedor das inovações na aviação, que “[...] tão vultuosos serão os benefícios que a aviação trará ao mundo, quando sua estabilidade não for apenas como até agora, pouco mais do que uma hypothese [...]”²⁴⁶. Admite que está em fase inicial, mas já acredita nas suas contribuições, e reconhece as tentativas, “valentes brasileiros que não fraquejaram ante o insucesso”²⁴⁷ e que buscam “atingir o fim da conquista a que se propuzeram animados do desejo de servir a sua pátria, servindo ao mundo”²⁴⁸.

Mas sua opinião muda no ano seguinte, quando a aviação se torna a “A 6ª. moléstia”²⁴⁹. Ela deixou de ser algo confiável porque “O vôo não obedece mais as minúcias técnicas[...]fora de um controle seguro das condições científicas [...]”²⁵⁰ e diante disso o jornal considera que estes imprevistos “jamais trarão à aviação uma via de tráfego manejável e utilizável em padrão eficiente”²⁵¹. E como solução, ou melhor, remédio contra essa sexta moléstia, o jornal recomenda “Juízo – A sciencia não patrocina audácias nem consente ousadias [...]”²⁵².

3.9 Economia

3.9.1 Carne verde

A coincidência de temas, às vezes, não eram temporais, sendo um assunto abordado antes ou depois por um jornal em relação ao outro. O tema do preço da carne verde, como era chamada a carne bovina, aparece nos dois jornais, mas em anos diferentes.

²⁴⁶ De Genova ao Rio pelos ares. **Jornal de Viçosa**, 13 de novembro de 1926, p.1.

²⁴⁷ Ibidem.

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ A 6ª moléstia. **Jornal de Viçosa**, 24 de setembro de 1927, p.1.

²⁵⁰ Ibidem.

²⁵¹ Ibidem.

²⁵² Ibidem.

O Operário, em 1922, além de afirmar que a população enfrenta dificuldades inúmeras para se alimentar bem, de acordo com o jornal, o preço da carne verde, dificulta ainda mais. Na opinião do jornal, a carne verde, mesmo “[...] não sendo de melhor qualidade, é no entanto vendida quasi que pelo dobro do preço em que é exposta á venda em outras cidades [...]”²⁵³. De acordo com o jornal, na cidade “[...] ainda estamos a pagar em Muriahé o kilo de carne verde pelo preço elevado de 1\$200 e 1\$400, quando vemos em Alem Parayba, por exemplo, essa carne está sendo vendida custa \$700 [...]”²⁵⁴.

O **Jornal de Viçosa**, no ano seguinte, aborda pela primeira e única vez, assim como no **O Operário**, o valor da carne. De maneira mais enfática e cobrando uma ação dos responsáveis e da população, o jornal traz o assunto, que está sendo abordado pela imprensa do Rio de Janeiro também.

Na edição do dia 15 de novembro de 1923 na matéria “Para onde vamos?”, o jornal pergunta ao leitor “E nós?[...]como devemos agir”, diante desta situação e oferece a solução, “Cruzar os braços? Não. Gritar, gritar até que sejamos atendidos”²⁵⁵.

De acordo com o jornal não há nenhum motivo para esse aumento a não ser “[...] porque o açougueiro, esquecendo-se do seu contracto com a Câmara, entendeu que deve ser assim, que o nosso zé povinho é trouxa, ou melhor, que somos coronéis.”²⁵⁶.

Uma característica da época, que se pode perceber através do relato de jornal, é que já havia um grande interesse pela carne bovina, pois “[...] somos incorrigivelmente, essencialmente carnívoros [...] a machina da vida não poderá se mover sem o indispensável, sem o único carvão que lhe applica o brasileiro – a carne [...]”²⁵⁷ e diante desse fato conclui que se o açougueiro aumentar o preço, “[...] pagaremos sem hesitar, tim tim por tim tim[...]tudo porque é primo vivere”²⁵⁸.

²⁵³ Carne verde. **O Operário**, n. 155, 14 de maio de 1922, p.1.

²⁵⁴ Idem.

²⁵⁵ Para onde vamos. **Jornal de Viçosa**, 15 de novembro de 1923, p.1.

²⁵⁶ Ibidem.

²⁵⁷ Ibidem.

²⁵⁸ Ibidem.

3.9.2 Opiniões econômicas

Durante o período não há um acompanhamento da economia por parte dos jornais. Casos isolados são abordados, mas em relação a análises econômicas da situação do país, o **Jornal de Viçosa** é o único que apresenta matérias com esclarecimentos mais profundos e detalhados de aspectos econômicos. As matérias, apesar de isoladas, sem uma continuidade, se referem a períodos mais longos do que o momento em que são publicadas.

A situação econômica em 1926 é vista de maneira negativa e preocupante.

Paiz de incalculáveis riquezas naturaes, porem, paupérrimo de iniciativas vastas e sugado por ambições alheias ao dever de gratidão, o Brasil vive hoje, como viveu hontem e quem sabe viverá amanhã, num ambiente aphinxante de depauperamento financeiro, sendo suas energias mas empregadas e impiedosamente mal baratada é toda a acanhada economia de seu povo²⁵⁹.

E uma grande preocupação, que se repete em outras matérias, é apontada como uma das causas das ocorrências de falências, que é o sistema bancário, e dentro dele, o crédito interno. Diante das riquezas naturais do país, entender o motivo das falências. “Porque tantas fallencias num paiz rico, de povo novo e esperanças verdes, sem uma intervenção enérgica e conscienciosa de todo elemento publico? O silencio nesse arrocho é uma connivencia de futuro de más conseqüências [...]”²⁶⁰, e as conseqüências são vistas ao longo da década, mas não foram mais abordadas pelo jornal.

Diante desta situação, o jornal coloca em questão “[...] utilidade do regimen bancário [...]”²⁶¹, que foi tema de discussão em outras matérias, principalmente sobre o sistema bancário na cidade.

Em matéria assinada por Sylvio Loureiro, único caso em todos os exemplares do jornal analisados, alguns meses depois da matéria sobre falências, o Banco de Credito Real de Minas Gerais gera algumas discussões²⁶².

²⁵⁹ No regimen das fallencias. **Jornal de Viçosa**, 21 de agosto de 1926, p.1.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Ibidem.

²⁶² Banco de Credito de Minas Gerais – o seu descaso pelo município de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 02 de outubro de 1926, p.1.

Na matéria, para o diretor do jornal, o Banco “[...] não tem até aqui preenchido os fins a que se destina [...]”²⁶³ sendo que o povo de Viçosa precisa de dinheiro, mas o Banco “[...] continua com as suas operações suspensas, não querendo, de forma alguma, operar na praça de Viçosa [...]”²⁶⁴.

Durante toda a matéria, o autor reclama que a quantidade de dinheiro da agência do Banco em Viçosa é pouca. Não culpa o presidente do Banco por isso, tanto que o chama de “[...] homem de alta competência [...] espírito culto, criterioso e inteligente, de uma honestidade destacável”²⁶⁵, mas afirma que apenas o presidente não pode mudar a situação.

Em parte da matéria o jornal traz o que poderia ser a justificativa do Banco para a falta de crédito para Viçosa:

Sofremos, infelizmente, como todo o paiz, as conseqüências de uma grave crise financeira e que mais se accentua nas praças em que se deu o alargamento do credito. Em Viçosa, como em todos os logares, houve, realmente, esse alargamento de credito única e exclusivamente para meia dúzia de pessoas(...).Mas a culpa desse credito excessivo(...)cabe aos bancos de fora, que, como se sabe(...)operam larga e francamente. Temos certeza absoluta que o Banco de Credito Real, há mais de um anno, restringiu as suas operações por empréstimos²⁶⁶.

O assunto do banco não é retomado, voltando a ser tema de matéria quando se inicia o planejamento para a fundação do Banco Popular de Viçosa, em 1927²⁶⁷. E no ano seguinte, na semana do dia 11 de fevereiro de 1928 o Banco Popular de Viçosa entra em funcionamento e “está com a admiração de todos [...]naturalmente, será o preferido pelo seu povo”²⁶⁸.

3.9.3 Policultura

A preocupação com a economia estava presente nos dois jornais, como vimos, mas durante o ano de 1923, **O Operário**, seguindo o discurso do presidente da Câmara Municipal, Coronel Izalino Romualdo da Silva, que chamou a atenção dos vereadores para o magno problema da policultura, se dedica a alertar e mais,

²⁶³ Banco de Credito de Minas Gerais – o seu descaso pelo municipio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 02 de outubro de 1926, p.1.

²⁶⁴ Ibidem.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem.

²⁶⁷ Banco Popular de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 24 de setembro de 1927, p.1.

²⁶⁸ A instalação do Banco Popular de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 11 de fevereiro de 1928, p.1.

convencer seus leitores, de que a policultura é essencial e necessária, o que não descarta o plantio de café, mas seu ponto principal é não ser totalmente dependente de apenas uma planta.

Por mais tentadores que sejam os lucros advindouros da cultura exclusiva do café, principalmente quando este se acha em alta nas cotações do mercado, não nos cansaremos de repetir que, num município rico como o nosso, cujo solo é propicio a todas as culturas, é erro palmar, para não dizer crime, esse exclusivismo cafeista²⁶⁹.

O principal ponto para defesa da policultura é o estrago que a plantação de apenas um gênero faz ao solo, além disso, a dependência econômica de apenas uma fonte de renda.

De facto, com a policultura, o fazendeiro produz e exporta café, feijão, arroz, milho, canna, leite, suínos, bovinos, etc. se a despesa triplica, como acontece, em compensação a receita decuplica. Dahi a vantagem da policultura sobre a monocultura²⁷⁰.

Além disso, outro fator para persuasão dos leitores é o fato de que a sugestão veio de Izalino Romualdo, um “[...] fazendeiro que sempre praticou a policultura, da qual tem auferido lucros consideráveis [...]”²⁷¹, ou seja, um dos melhores exemplos da que o assunto deve ser levado a sério, mesmo que se viva em um momento de alta do café

Não se deixem iludir os nossos fazendeiros com a alta do café. Essa alta é transitória e, se não estiverem preparados com o apoio de outras culturas, fatalmente hão de sentir o effecto desastroso de uma incúria, quando vier a baixa do artigo em que repousaram exclusivamente a sua esperança. E essa baixa será fatal. Acautellem-se, pois, enquanto é tempo e não se esqueçam da dura lição que receberam no tempo de Floriano²⁷².

Essas oscilações de preços do café foram comuns na década de 1920, por isso a preocupação com o assunto e a apresentação de uma solução. O tema continuou sendo abordado ao longo do ano, em outras edições do **O Operário**, como na matéria **Cultura do algodão**, n.216, 20 de julho de 1923, p.1; **Cultura da canna**, n.217, 05 de agosto de 1923.p.1; **Pela policultura**, n. 218, 12 de agosto de 1923.p.1; e **A policultura**, n.226, 07 de outubro de 1923. p.1.

²⁶⁹ Advertindo... **O Operário**, n. 195, 25 de fevereiro de 1923, p.1.

²⁷⁰ Ibidem.

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² Ibidem.

3.9.4 Café

O grande responsável pelo crescimento econômico da região e base da agricultura da maior parte das cidades da Zona da Mata Mineira, é apresentado, discutido, ou citado raríssimas vezes no jornal. Apenas no **O Operário** há matérias específicas sobre o assunto.

Na matéria publicada em 1922 sobre a situação do café²⁷³, o jornal transcreve dados de uma publicação sobre o café no mundo, com os números de café produzidos em diversas regiões do mundo, o consumo, o gasto de lugares como EUA, África e Europa. Depois traz os dados do Brasil, e conclui com a explicação sobre o estoque no Brasil, também transcrito da publicação: “É certo, porém, a existência de stocks de café, achando-se a metade em portos brasileiros, constituídos pelo café que o governo adquiriu, estando os mesmos amparados.”²⁷⁴

Não é feita nenhuma análise dos dados, nem comentário, simplesmente a transcrição do que o jornal considerou como importante para o seu leitor: saber a situação de consumo e plantio de café no mundo e quanto o Brasil tem disponível.

Em outra matéria, publicada em 1925, o jornal traz a discussão sobre a política de defesa do café realizada pelo presidente do Estado, Mello Vianna. “Discutidos os planos de defesa do café, ficou assentado que o governo dirigisse uma mensagem ao Congresso Mineiro, expondo o plano da valorização, o que, feito, deu origem ao projecto de lei n.50, que está correndo os tramites regulares de discussão”²⁷⁵, e o plano não é discutido porque o jornal justifica que o projeto “[...] já foi amplamente divulgado, motivo por que nos julgamos dispensados de transcrevel-o.”²⁷⁶

A opinião do jornal se restringe a elogiar o trabalho do presidente do Estado, “[...] pela maneira criteriosa por que pretende amparar a lavoura do café [...]”²⁷⁷ e ao presidente da Câmara Municipal de Muriaé, “[...] representante de nossa zona

²⁷³ A situação do café. **O Operário**, n.165, 23 de maio de 1922, p.2.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Defesa do café. **O Operário**, n.308, 18 de agosto de 1925, p.1.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Ibidem.

compareceu á reunião o sr. cel. Izalino Romualdo da Silva, esforçado presidente da Camara Municipal e um dos maiores lavradores deste município.”²⁷⁸

E, assim como a matéria publicada em 1922, no ano de 1928 o jornal traz dados sobre a situação do café de um estudo publicado pelo Serviço de Estatística Geral. O jornal seleciona as informações que considera mais interessantes.

Carangola é o município que tem maior área empregada em cafézaes, ou sejam 32.000 Ha, nos quaes florescem 23.000.000 de cafeeiros em produção além de 1.000.000 de pés novos. A safra efectiva de 1926-1927 foi de 180.000 saccas e a previsão 1927-1928, de 200 000.

Muriahé, com uma área de 22.000 Ha, possui 16.000.000 de pés em franca produção e mais meio milhão de novos, tendo a sua safra de 1926-1927 sido de 130.000 saccas e a de 1927-1928 avaliada em 160.000.²⁷⁹

A produção de Carangola é maior que a de Muriaé e se configurava como maior na região da Zona da Mata. Após a transcrição desses dados, o jornal explica sua conclusão, de que “[...] os nossos terrenos são mais apropriados ou mais convenientes á cultura da preciosa rubiácea.”²⁸⁰

Mas a principal conclusão que o jornal quer passar para seu leitor, é que este, no caso os fazendeiros, devem trabalhar mais.

Tal facto demonstra que o agricultor carangolense tem trabalhado mais que o nosso, e é esta a razão que nos provoca observar aos senhores fazendeiros do município, que Muriahé apresentando terras mais remuneradoras que outras localidades, deveria figurar lógica e naturalmente, no primeiro logar da estatística do café.²⁸¹

O objetivo é convencer o leitor que todas as condições mostram que Muriaé deveria ser o maior produtor de café de Minas Gerais, posição ocupada por Carangola.

A preocupação com o café, como se pode acompanhar, não era constante, apesar de ser o principal sustento da agricultura mineira. As outras áreas da agricultura despertavam maior atenção do jornal.

²⁷⁸ Defesa do café. **O Operário**, n.308, 18 de agosto de 1925, p.1.

²⁷⁹ O café em Minas Gerais. **O Operário**, n.430, 10 de junho de 1928, p.1.

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ Ibidem.

3.10 Educação

O **Jornal de Viçosa** sempre publicou notícias de educação, desde o aparecimento de escolas na cidade até os boletins dos alunos. Nessa época, o Ginásio de Viçosa era avaliado anualmente pelo governo federal e as notas sempre saiam no jornal.

Desde o primeiro exemplar analisado na pesquisa, se publica os assuntos relacionados ao Ginásio. No dia 29 de novembro de 1923, a matéria de capa traz que 80 % dos alunos foram aprovados, o que significa, de acordo com o jornal, que o Ginásio é um “[...]estabelecimento de ensino merecedor de confiança.”²⁸²

Quando um jornal do Rio de Janeiro publica na sua edição do dia 4 de janeiro de 1927 uma matéria com o título “<<A instrução publica em Minas>>”, o **Jornal de Viçosa** traz na sua edição do dia 8 de janeiro de 1927 a matéria “Gymnasio de Viçosa”²⁸³, onde afirma que a publicação do Rio de Janeiro, feita por um correspondente de Viçosa, é tendenciosa e que nela se afirma que os diretores da escola vão sair e o jornal cumpre “dever de declarar pela presente, não ser verídico o tópico”²⁸⁴.

Seguindo em defesa do Ginásio, a matéria constrói um discurso que comprove que a escola é boa, principalmente porque “conseguiram(...)dar o maravilhoso resultado de oitenta por cento(80%) de aprovações, nos exames realizados este anno perante as bancas federaes”²⁸⁵.

Na mesma edição, também na primeira página, o jornal traz uma matéria sobre o resultado obtido por esse “conceituado estabelecimento de ensino, que tão relevantes serviços vem prestando à instrução e ao povo de Minas”²⁸⁶. Essa informação é reforçada pela afirmação “que já começam a chegar numerosos pedidos de matriculas, de diversas localidades”²⁸⁷.

²⁸² Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 29 de novembro de 1923, p.1.

²⁸³ Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 8 de janeiro de 1927, p.1(coluna 4).

²⁸⁴ Ibidem.

²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 8 de janeiro de 1927.(coluna 1)

²⁸⁷ Ibidem.

Na edição do dia 14 de janeiro de 1928²⁸⁸, o jornal traz, como em quase todos os anos, as notas que os alunos tiraram em cada disciplina da escola. A matéria ocupa praticamente toda a primeira página.

No jornal **O Operário** a quantidade de matérias sobre educação é menor do que no **Jornal de Viçosa**. Assuntos como matrícula nas escolas da cidade e aplicação de provas em alguns anos são publicadas no jornal, mas com uma incidência menor do que no **Jornal de Viçosa**²⁸⁹.

As notícias sobre educação no **O Operário**²⁹⁰ apresentam um panorama melhor da educação no município e nos distritos de Muriaé. Ao divulgar a construção de uma nova escola em um dos distritos, o de Santa Rita do Gloria, o jornal elogia a iniciativa do secretário de Interior, Fernando Mello Vianna, mas durante a matéria aproveita para cobrar novas unidades de ensino no município.

²⁸⁸ Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 14 de janeiro de 1928, p.1.

²⁸⁹ Em números, o **Jornal de Viçosa** publicou 37 matérias sobre educação. Em 1923, na edição n.16, de 15 de novembro, página 1, a matéria Exames. No n. 18, de 29 de novembro, três matérias na página 1, Gymnasio de Viçosa, No grupo escolar e Reservistas. Em 1924, no n.26, de 15 de março, Escola de Pharmacia e Odontologia do Gymnasio Ubaense; n.34, 21 de junho, página 1, Matrícula no Grupo Escolar, e na página 2, na Secção Livre: Escola de Commercio – curso guarda livro. Em 1925, n.13, 21 de novembro, Exames. Em 1926, n.2, 31 de julho, Externato Dom Viçoso; n.12, 13 de novembro, página 1, Inauguração oficial do Patronato Agrícola “Arthur Bernardes” e na página 2, Grupo Escolar “Cel Antonio da Silva Bernardes; n.14, 4 de dezembro, O novo director do Grupo Escolar e Escola Normal Nossa Senhora do Carmo; n.15, 11 de dezembro, Escola de Pharmacia e Odontologia de Ubá. Em 1927 estão grande parte das matérias sobre escolas da cidade e região, principalmente por causa do início do funcionamento da ESAV- Escola Superior de Agricultura e Veterinária, atual UFV- Universidade Federal de Viçosa. Nesse ano, são publicadas as matérias: n.17, 8 de janeiro, Gymnasio de Viçosa na coluna 1 e Gymnasio de Viçosa na coluna 4; n.18, 15 de janeiro, Na Escola de Agricultura; n.21, 5 de fevereiro, Patronato Agrícola “Arthur Bernardes”; n.22, 12 de fevereiro, página 2, Collegio Dom Viçoso, n.2, 09 de julho, Na Escola Superior de Agricultura; n.6, 06 de agosto, Escola Superior de Agricultura – O seu regulamento – A abertura das aulas; n. 13, 01 de outubro, Gymnasio de Viçosa; n.14, 08 de outubro, Discurso na festa do Gymnasio de Viçosa; n.15 – 15/10 – Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais; n.17 – 29/10 – Grupo Escolar Cel Antonio da Silva Bernardes; n.18 – 12/11 – Gymnasio de Viçosa e - Curso de Férias; n.20 – 26/11 – Escola Superior de Agricultura e Veterinária; n.21 – 10/12 – p.2- Escola Superior de Agricultura e Veterinária, Escola Normal Nossa Senhora do Carmo e - Patronato Agrícola “Arthur Bernardes”; n.22 – 17/12 – Escola Superior de Agricultura e Veterinária, No Patronato Agrícola “Arthur Bernardes” e Escola Normal Nossa Senhora do Carmo. Em 1928, são três matérias, n.25 – 14/01 – Gymnasio de Viçosa; n.31 – 10/03 – Gymnasio de Viçosa e Patronato Agrícola.

²⁹⁰ Em números, **O Operário** publicou 26 matérias sobre educação. Em 1922, n.137 – 01/01 – Escola Normal São Paulo; n.142 – 05/02 - Escola Normal São Paulo; n. 144 – 19/02 – p.2 - Escola Normal São Paulo; n.145 – 01/03 – p.2 - Escola Normal São Paulo; n.147 – 12/03 – p.2 – Prof J. Claudino; n.148 – 19/03 – p.3 - Escola Normal São Paulo; n.171 – 03/09 – Centenário da Independência; n.185 – 17/12 - Escola Normal São Paulo. Em 1923, N.201 – 15/04 – p.2- Notas Acadêmicas; N.202 – 22/04 – p.2 – Notas Acadêmicas; n.203 – 29/04 – p.3 – Notas Acadêmicas-Conclusão; n.218 – 12/08 – p.2 – Grupo Escolar; n.231 – 11/11- Pela instrução; n.233 – 25/11- Pelo ensino; n.228 – 21/10 – Escola Remington; n.27 – 23/12-p.2- Escola Normal São Paulo e Grupo Escolar. Em 1925, n.288- 11/01 – p.2- O Ensino Primário; n.292 – 08/03 – p.2- Escola Santa Rita; n.297 – 03/05 – Grupo Escolar; junho – p.2- Ensino Obrigatório; n.316 – 22/10 – Pelo Ensino. Em 1928, n.416 – 31/01 – Gymnasio Municipal; n.435 – 05/08 – Collegio São Paulo; n. 451 – 16/12 – Atheneu São Paulo; n.452 – 23/12 – Instituto Profissional; n.453 – 30/12 – Collegio São Paulo.

Há em nossa cidade o bairro do Porto, tão populoso como o da Barra, e com igual distancia deste ao Grupo Escolar. A Barra foi provida de uma cadeira mixta, que está funcionando com optimos resultados, não so pela competência e esforço da respectiva professora, como também pela grande freqüência que tem tido. Pois bem, torna-se preciso que o Estado faça installar no Porto uma escola igual á da Barra. Se isto for feito, teremos satisfeitos os desejos da população urbana que ficará bem servida, porque o Grupo terá a freqüência das creanças da parte central da cidade e essas escolas mixtas terão a das creanças das partes lateraes²⁹¹.

Com isso, de acordo com o jornal, a vontade da população é de que os alunos do centro, ou seja, da área urbana, freqüentem uma escola, e que as demais comunidades devem ter escolas que atendam a população próxima.

Com o mesmo título, Pelo ensino²⁹², em 1925 o jornal analisa a criação de cursos de complementação escolar para aqueles que completaram o ensino primário.

Devendo ser a instrucção primaria principalmente para o povo,urgia que ella se complementasse, de maneira a preparar os alumnos que da escola já sahisses habilitados a ganhar a vida nas profissões ao alcance dos que não se podem instruir em estabelecimentos de ensino superior²⁹³.

A discussão do jornal não leva em consideração a hipótese de permitir que o povo também tenha acesso às faculdades. A solução de cursos que complementem a formação é para o jornal a melhor e, portanto, também deve ser considerada pela população como tal.

Com essa visão do jornal, o ensino seria apenas para as pessoas desenvolverem melhor as tarefas que já exercem, e não para galgarem outras atividades. Para **O Operário**, o “programma complementar de ensino intuitivo e pratico de conhecimentos que o agricultor, o industrial, o commerciante e o artífice precisam possuir, para a boa e efficaz direcção do trabalho de cada um”²⁹⁴. E com essa reforma na educação, o governo “dessem a educação popular a efficiencia e a utilidade que ella precisa ter”²⁹⁵.

Esse tipo de análise da educação não aparece nas matérias do **Jornal de Viçosa**. O tema, apesar de ser noticiado mais vezes no jornal, se prende a mostrar resultados dos exames realizados nos diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

²⁹¹ Pelo ensino. **O Operário**. n. 233, 25 de novembro de 1923, p.1.

²⁹² Pelo ensino. **O Operário**, n.316, 22 de outubro de 1925, p.1.

²⁹³ Ibidem.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ Ibidem.

Em matérias como Escola Remington²⁹⁶, de 1924; Exames²⁹⁷, de 1925; a matéria de página inteira Gymnasio de Viçosa²⁹⁸, publicada em 1928, ou em todas as outras, o jornal traz o resultado de exames, divulga eventos nas escolas, apresentação de trabalhos, mas em nenhuma edição foi encontrada uma matéria que abordasse a situação do ensino na cidade ou no estado.

3.11 Festas Populares

As festas realizadas na cidade também apareciam nas páginas dos jornais, tanto as festas em locais abertos, como os eventos que se realizavam nos clubes. Os principais temas são as festas religiosas, que eram mais constantes nos jornais, os bailes de carnaval e de aleluia, e festa em datas comemorativas como dia do Trabalho e Natal.

Ao longo da década, o **Jornal de Viçosa** publicou 47 matérias sobre eventos festivos, incluindo também circo, teatro e cinema. **O Operário**, com 23 matérias nos anos analisados neste trabalho, abordou os mesmos temas²⁹⁹.

As festas religiosas eram tratadas da mesma forma nos dois jornais. A descrição da programação, as pessoas presentes e os padres. Em matéria publicada sobre a festa em homenagem a São Paulo, **O Operário** detalha os acontecimentos da festa, que foi marcada por missa, procissão e fogos de artifício. O destaque é para o padre.

A' tarde houve procissão, e em seguida ao recolhimento desta, orou brilhantemente o revdmo. sr. conego João Baptista da Silva, vigário de Alem Parayba, que produziu um sermão eloquente, alargando-se em considerações felizes sobre a vida do grande apóstolo, e revelando-se conhecedor perfeito do segredo da oratória sacra³⁰⁰.

²⁹⁶ Escola Remington. **Jornal de Viçosa**, 25 de outubro de 1924, p.1.

²⁹⁷ Exames. **Jornal de Viçosa**, 21 de novembro de 1925, p.1.

²⁹⁸ Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 14 de janeiro de 1928, p.1.

²⁹⁹ No **Jornal de Viçosa**, das 47 matérias analisadas nesse tema, grande parte eram de festas religiosas, com 21 matérias. Sete foram publicadas sobre o Carnaval, incluindo a coluna Ridendo. As notas sobre cinema, teatro e circo foram oito. E a coluna Diversões, com assuntos variados, foi publicada oito vezes. Na tabela em ANEXO, estão detalhadas as matérias. **O Operário** também apresentou uma proporção similar. Das 23 matérias, oito eram sobre as festas religiosas, e sobre o carnaval, festas populares e cinema-teatro-circo, foram 5 de cada grupo. A descrição das matérias também estão no anexo.

³⁰⁰ Festa de São Paulo. **O Operário**, n.142, 05 de fevereiro de 1922, p.1.

O principal ponto era a qualidade da oratória dos padres, assim como também no **Jornal de Viçosa**. As comemorações do Divino Espírito Santo, com festejos realizados em setembro, também são comemorados da mesma forma, com missa, procissão, fogos de artifício.

A pesar do tempo chuvoso, realizou-se no domingo, com grande concorrência de fieis, a missa cantada, sendo ao Evangelho, a tribuna sacra ocupada pelo notável orador cônego Dr. Antonio Pinto que com extraordinária eloquência, proferiu um dos melhores sermões ouvidos em o nosso Templo, confirmando assim a recomendação que trouxe, de ser um dos melhores oradores sacros, conhecido no Rio de Janeiro³⁰¹.

Os detalhes da festa mostram que o **Jornal de Viçosa** considera importante a participação de fieis, assim como **O Operário**, pois ambos trazem que as festas atraíam muitos fieis. “Com a assistência de crescido numero de fieis”³⁰², **O Operário** procura confirmar a importância do evento.

São Paulo é o santo padroeiro de Muriaé, e as comemorações que se vêm na cidade não ocorrem em Viçosa. No **Jornal de Viçosa** o destaque é para festas de Santa Rita, padroeira da cidade.

As outras festas também tinham destaque dos jornais. A festa do trabalho, no dia 01 de maio, é abordada pelos dois jornais, com elogios para os operários, mas **O Operário** tem uma maneira diferente e mais detalhada de abordar o assunto. Ambos procuram mostrar que os operários querem manter a ordem, que tem o apoio da população e também do jornal.

Em matéria publicada em 1925, a Festa do Trabalho³⁰³, o jornal quer mostrar para o leitor que esta do lado dos operários e que a iniciativa dos operários é pacífica, além de cívica.

Um grande numero de operários promoveu uma passeata cívica, abrilhantada pela Lyra dos Paladinos, tendo o nosso “Jornal” sido saudado em nome da classe operaria pelo distinto advogado Eurípides Mendes do Nascimento.

A festa promovida pelos operários correu na melhor ordem possível, não se registrando nenhum incidente³⁰⁴.

³⁰¹ Festa do Divino. **Jornal de Viçosa**, 10 de setembro de 1927, p.1.

³⁰² Ibidem.

³⁰³ 1º DE MAIO. **Jornal de Viçosa**, 02 de maio de 1925, p.1.

³⁰⁴ Ibidem.

A classe operária na década de 1920, de acordo com os jornais, era controlada pelos membros da elite. No caso do **Jornal de Viçosa**, o fato de um advogado fazer parte das comemorações dos operários, mostra que o significado que se dá para o termo não é o que se usa atualmente.

Isso também é percebido pelo jornal **O Operário**. O próprio jornal, um veículo do PRM, de propriedade de membros da elite de Muriaé, com coronéis, advogados e médicos como redatores e colaboradores, mostra que a visão de operário não está ligada a camadas da população mais pobres.

Em matéria publicada em 1922 sobre a festa do trabalho, para o jornal **O Operário**, o evento é uma demonstração de progresso, “[...] tradicional comemoração, tal qual se faz nos centros adiantados [...]”³⁰⁵.

O jornal quer passar a idéia de que o evento tem o apoio da maioria da população. “Em torno dessa louvável idéia, aventada por um punhado de operários, está o entusiasmo de toda a classe que em um gesto único de solidariedade aderiu ao sueto desse dia, para maior brilhantismo do programa [...]”³⁰⁶, com isso o jornal quer passar para o leitor que a comemoração tem a adesão de toda a classe operária.

A classe operária, vista pelo jornal como “[...] ordeira e laboriosa[...]”³⁰⁷, e busca reafirmar que a população está do lado dos operários. Com isto o jornal também procura garantir que as comemorações que serão realizadas no dia 1º de maio sejam bem sucedidas.

Estamos certos do êxito dessa solemnidade cívica que se effectuará amanhã, tanto mais que os operários desta cidade contam com as sympathias de toda a população que jamais lhes negou applausos nessas expansões tão legítimas quão imponentes e expressivas³⁰⁸.

Com isto, o jornal incentiva a população a participar da festa, e também garante que a manifestação tem o apoio de toda a população. No caso dos dois jornais, não se procura apenas noticiar a festa, mas convencer o leitor de sua legitimidade e importância.

³⁰⁵ Festa do Trabalho. **O Operário**, n.153, 30 de abril de 1922, p.1.

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ Ibidem.

Em outro assunto, a posição é a mesma, incentivar a população a participar. A chegada de circos nas cidades foi noticiada algumas vezes. De acordo com os jornais, tanto **O Operário** quanto **Jornal de Viçosa**, o circo era uma diversão para a elite.

Ambos noticiaram a chegada de um Circo Peruano. Em 1922, **O Operário** traz a seguinte notícia:

Estreou quinta feira nesta cidade, com um grande successo o afamado "Circo Peruano".
Os seus trabalhos agradaram sobremodo a nossa culta população, e promette-nos essa esplendida companhia para breve outros tantos triumphos.³⁰⁹

O jornal passa a idéia de que o circo é bom porque agradou a culta população. O mesmo circo é notícia no **Jornal de Viçosa**, em 1927. "Segundos fomos informados o Circo Peruano è constituído de artistas de grande fama e possui pallhacos e tonnys de primeira ordem. Se não chover, haveremos de applaudir o pessoal do Peruano[...]"³¹⁰.

Mas é na matéria publicada em 1925 no **Jornal de Viçosa** que é possível constatar que assim como **O Operário**, o circo deveria ser um entretenimento para a elite. O Circo Seyssel, de acordo com o jornal, "é um pavilhão montado com muito gosto e luxo"³¹¹. Apesar disso o jornal afirma que as "[...] funcções do circo Seyssel não tem sido muito concorridas, entrentanto os artistas teem recebido os applausos de que são merecedores [...]"³¹².

Ao longo da matéria o jornal fala da qualidade de todos os artistas do circo, e afirma que eles já conquistaram a platéia, como o palhaço, "[...] o Henrique, o sympathico <<Clown, o joven artista, delicado e lhano que soube tornar-se querido da platea e merecidamente credor dos seus applausos[...]"³¹³.

³⁰⁹ Grande Circo Peruano. **O Operário**, n.172, 10 de setembro de 1922, p.3.

³¹⁰ Circo Peruano. **Jornal de Viçosa**, 29 de outubro de 1927, p.1.

³¹¹ Circo Seyssel. **Jornal de Viçosa**, 19 de dezembro de 1925, p.1.

³¹² Ibidem.

³¹³ Ibidem.

3.11.1 Carnaval

No país que diz o ditado, o ano só começa depois do carnaval, o acompanhamento que os jornais fazem desta festa nos mostra que desde a década de 1920 as comemorações são destaque e esperadas.

A diferença é que o **Jornal de Viçosa**, nos anos de 1924 e 1926, onde há edições no período do carnaval, nos traz que não há, de acordo com o jornal, uma mobilização para a realização das festas, que de acordo com as matérias, podem até não acontecer. “E O CARNAVAL? Será este anno festejado, em Viçosa, o carnaval? Ninguém sabe”³¹⁴.

A coluna carnavalesca Ridendo é publicada um mês antes da data do carnaval, e só na semana antes, o jornal afirma que haverá o carnaval, mas sem muita animação, o que era constatado através dos blocos, que se organizavam:

Os “Araras”, segundo me constou, pretendem vir alegrar o nosso povo, mas continuam frios, sem entusiasmo. Entretanto, procuram demonstrar que vão fazer o carnaval.

Se não for garganta...

Os “Ferrões” não se exibem este anno. Este popular <bloco>, por um conjuncto de circunstancias permanece mudo e quieto.³¹⁵

O carnaval acontece, mas em outro ano, 1926, mais uma vez a época é noticiada com descrença, mas é nos clubes locais que a festa ocorre. “Resolveu o Viçosa Club, festejar o carnaval em Viçosa, sendo os festejos, embora modestos [...]”³¹⁶, e o destaque das comemorações eram as batalhas de confete e de lança perfume. Por acontecer em local fechado, para o **Jornal de Viçosa**, o sucesso do carnaval se dá de acordo com as pessoas que freqüentam as festas.

O Viçosa Club bem atesta o nosso progresso.

Freqüentado pelos representantes da nossa melhor sociedade, o club desenvolve-se de uma maneira extraordinária. Constituído dos nossos melhores elementos, por isso mesmo o club gosa de uma sympathia geral e é merecedor por todos os títulos do amparo e concurso de todos os viçosenses.³¹⁷

³¹⁴ Ridendo- columna carnavalesca. **Jornal de Viçosa**, 09 de fevereiro de 1924, p.2.

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ Carnaval. **Jornal de Viçosa**, 13 de fevereiro de 1926, p.1.

³¹⁷ Ibidem.

Em Muriaé o auge do carnaval também eram as batalhas de confete e de lança perfume, mas a programação e organização do evento era anunciada com destaque desde o começo do ano, mostrando a animação e mobilização da população. Diferente de Viçosa, os blocos se reuniam na rua, principalmente na Praça João Pinheiro, e não em clubes.

[...] na Praça João Pinheiro, que será illuminada á *giorno* e ornamentada tal qual se faz nos dias de grande gala...

A banda musical Muriahé-Club tomou o serio compromisso de abrilhantallas, executando, no Coreto do Jardim, os seus irresistiveis sambas, tangos e marchas todas as noites de sabbado, domingo, segunda e terça-feira "gordas".

Comparecerão ás batalhas muitos blocos, cordões e ranchos para concorrer aos prêmios valiosos que serão distribuídos ao ultimo dia.³¹⁸

E o carnaval é, além de momento de confraternização e alegria, o momento de esquecer de outros problemas:

Durante a semana finda os mais dedicados á comissão bateram ZABUMBAS

Em todos os pontos da cidade, anunciando o Carnaval que vem ahi com a forza de um sol que nasce, também, para todos, fazendo-nos esquecer do preço da banha...

Bravo rapaziada!³¹⁹

E assim ocorre a cobertura do carnaval. Para o **O Operário**, é um momento de festejos, organização de blocos e ornamentação da cidade e, além disso, um evento que faz a população esquecer de alguns problemas.



Ilustração 4 - Carnaval de rua em Muriaé nos anos 1920. Fonte: Arquivo Público de Muriaé.

³¹⁸ Notas carnavalescas – as folias deste anno. **O Operário**, n.142, 05 de fevereiro de 1922, p.2.

³¹⁹ Ibidem.

O jornal é um incentivador do carnaval, realizando também um concurso do folião de maior prestígio, com cupom no jornal.

[...] cujo coupon temos abaixo destas columnas para o leitor encher e enviar-o á nossa redacção. [...]

A pergunta é a seguinte: qual o folião de maior prestígio?

O vencedor receberá um mimo offerecido por nossa folha.³²⁰

O carnaval é destaque nos anos de 1922 e 1923, Nos outros anos, seja por falta de arquivo das edições ou mesmo por falta de abordagem do tema, o carnaval não foi acompanhado pela imprensa nas duas cidades.

3.12 Esporte

Um tema pouco trabalhado nos jornais, o Esporte se resume aos jogos de futebol entre cidades da região. Enquanto no **Jornal de Viçosa** em praticamente todos os anos há notícias de jogos disputados³²¹, o assunto só aparece no **O Operário** em 1922 e depois em 1928³²².

De acordo com o **Jornal de Viçosa**, o futebol era uma diversão, um motivo de festa, e procura demonstrar que as pessoas se emocionavam com os jogos. “O domingo esportivo constituiu um facto memorável na vida de Guaraciaba dados o entusiasmo e alegria verificados naquelle pitoresco logar. O jogo correu animadíssimo, despertando emoções, sendo os foot ballers muito applaudidos”³²³.

Na matéria sobre esporte do **O Operário**, o jornal relata o jogo, que foi o “[...]primeiro encontro entre os dois “clubs” locais[...]”³²⁴, da cidade de Muriaé. Assim como no **Jornal de Viçosa**, as matérias sobre esporte relatam os jogos, com um resumo do jogo. “Os louros da Victoria couberam á *equipe* do “Nacional” que vê assim cercado de êxito o nobre empreendimento dos rapazes que o fundaram,

³²⁰ O Carnaval está ahí!... **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.3.

³²¹ Ao longo dos anos, em algumas edições aparecem a coluna Pelo Sport: em 1923, na página dois, das edições de 26 de agosto, 09 de setembro e 01 de novembro; e em 1928 na edição de 19 de maio, na página 1. Em 1924 são publicadas duas matérias sobre jogos de futebol, em 05 de abril e 10 de maio. No ano seguinte, com o título Sport, duas matérias publicadas, uma em 18 de abril e 11 de julho, e em 1927, na edição de 29 de outubro. No mesmo ano, em 1927, duas com o título Notas Esportivas, publicadas em agosto, dia 06 e 20. E por fim, em 1928, três matérias sobre futebol, em 03 e 24 de março, e 19 de maio.

³²² No total foram encontradas quatro matérias sobre esporte, 3 sobre futebol, em 30 de julho de 1922, 15 de janeiro de 1928 e 21 de outubro de 1928; e uma sobre Box, em 09 de setembro de 1928.

³²³ Notas Esportivas. **Jornal de Viçosa**, n.7, 20 de agosto de 1927, p.2.

³²⁴ Football. **O Operário**, n.414, 15 de janeiro de 1928, p.2.

levantando o nível sportivo de nossa cidade e pugnando pelo nosso progresso”³²⁵. O esporte não era apenas uma diversão, mas o jornal procura passar para o leitor que também era um sinal de progresso do município.

E uma única matéria foi encontrada sobre outro esporte. Esta foi publicada no **O Operário** em 1928, sobre uma luta de Box³²⁶, que apenas traz quem participou da disputa e o vencedor. Isso pode representar um interesse do leitor por este tipo de esporte.

3.13 O progresso por aqui

As abordagens de temas locais eram feitas de formas diferenciadas e com enfoques específicos em cada jornal. O **Jornal de Viçosa** era um periódico mais dedicado ao dia a dia, aos fatos da semana. Já **O Operário** normalmente abordava todos os temas com um enfoque político, reforçando a atuação política dos seus aliados, que normalmente eram os chefes políticos locais, como presidente da Câmara Municipal.

O ideal de progresso girava em torno de alguns temas como luz elétrica, água, estradas e saneamento básico. Cada localidade que tinha luz elétrica instalada, cada fazenda que conseguia instalar um sistema de água, ou cada nova estrada que o governo estadual ou municipal construía, era o sinal de progresso que as cidades buscavam.

O progresso significava investimentos nessas áreas, e em alguns casos os automóveis demonstravam o avanço do município. Não eram temas discutidos largamente, mas sempre que aconteciam eram noticiados.

Por não haver uma filiação política declarada pelo **Jornal de Viçosa**, o que se percebe ao longo dos anos, é uma postura mais atuante na cobrança por mudanças e melhorias na cidade, em todos os assuntos relacionados à população.

³²⁵ Football. **O Operário**, n.414, 15 de janeiro de 1928, p.2.

³²⁶ BOX. **O Operário**, n.438, 9 de setembro de 1928, p.2. Transcrição da matéria:

“Realizou-se a 27 do próximo passado mais um encontro pugilístico entre pesos-pesado, cuja pugna deu-se no Minas-Cinema local, havendo antes uma preliminar.

Foram contendores os pugilistas Dolyrio e Argentino, cabendo a Victoria, por pontos, ao ultimo, conforme designação do juiz Armando”.

Tendo o sr.dr.presidente da Câmara Municipal convocado uma sessão extraordinária da mesma Câmara, para o dia 9 de dezembro próximo, para se deliberar sobre medidas de caracter urgente e de interesse immediato do município, julgamos com o direito de solicitar da nossa Câmara providencias para a substituição do calçamento a macadame da rua dr.Arthur Bernardes para o de paralelepipedos, interpretando assim o desejo dos moradores desta rua³²⁷.

Como sempre afirmou em seus textos, o jornal defendia o interesse do povo, e cobrava em cima desta justificativa. A exigência da troca do calçamento é feita porque considera que será melhor para a população porque é uma rua de muito movimento e com estabelecimentos comerciais.

Ademais um grande beneficio prestará o novo calçamento. Sendo a rua um pouco estreita, o grande movimento de automóveis nella existente, produz grande quantidade de pó, que muito prejudica os estabelecimentos commerciaes, ao passo que, substituído o calçamento actual pelo de *paralelepipedos*, alem de embelezal-a e engrandecer a cidade aos olhos dos nossos visitantes, constituirá um beneficio publico³²⁸.

E dessa forma deixa a sugestão para a Câmara Municipal. Esta solicitação só foi atendida em 1927, de acordo com a edição de 8 de outubro de 1927, onde o jornal afirma que “[...] está quase terminado o serviço do calçamento da cidade a paralelepípedo”.³²⁹

Na edição seguinte, com o mesmo titulo, o tema de reivindicação do jornal, novamente à Câmara Municipal, é da “[...] grande quantidade de cães que ás soltas, pelas ruas, com suas violetadas ameaçavam a saúde publica [...]”³³⁰. A reclamação foi feita anteriormente, mas de acordo com o jornal “[...] nenhuma providencia foi tomada para a exterminação da cansoada [...]”³³¹. Foi feito um projeto para a regulamentação da concessão da licença para possuir esses animais, mas o projeto foi derrubado porque para o jornal “[...] alguns dos senhores edis sendo caçadores extremosos julgaram que a nova lei municipal vinha cassar as suas caçadas [...]”³³².

Estas cobranças de mudanças do dia a dia tinham uma freqüência maior no **Jornal de Viçosa**, e já no **O Operário**, mesmo que alguns pontos fossem ressaltados como importantes, a cobrança era feita de maneira diferente, ressaltando que a Câmara

³²⁷ Sem título. **Jornal de Viçosa**, 29 de novembro de 1924, p.1.

³²⁸ Ibidem.

³²⁹ Pela cidade. **Jornal de Viçosa**, 8 de outubro de 1927, p.1.

³³⁰ Pela cidade. **Jornal de Viçosa**, 15 de outubro de 1927, p.1.

³³¹ Ibidem.

³³² Ibidem.

Municipal estava fazendo o que estava ao seu alcance. Essa diferença ocorre porque o **Jornal de Viçosa** mantinha um posicionamento em relação aos fatos aparentemente sem intenção de favorecer facções ou partidos políticos, e o que já acontecia no **O Operário**, devido ao seu engajamento político.

CONCLUSÃO

No caminho do progresso, mas em estradas diferentes

A década que se caracterizou pelas tentativas para consolidação da República, foi a época que viveu sua decadência. Anseios diferentes, alterados pelo tempo, moldam a visão dos muriaenses e viçosenses dos anos 1920.

A República, que já não conseguia mais se legitimar, seja através do sistema coronelista, da política dos governadores ou da política café com leite, ainda esbarrou na ânsia que a população tinha de que o novo regime fosse um regime para todos e a esta altura já estavam cansados de esperar. A mudança feita para se manter tudo como estava, ou seja, o sistema monárquico dando lugar ao republicano, mas com os mesmos atores políticos, com o tempo foi se caracterizando como inviável.

Inviabilidade mostrada pelos tenentes, movimento que enfrentou o poder dos líderes republicanos e que levou o país a viver sob estado de sítio. Ou mesmo antes, a disputa política, como nunca se tinha visto na República, entre Arthur Bernardes e Nilo Peçanha.

Todos buscavam conquistar seu espaço nesta República que se apresentava como a solução; a crença em uma ordem e progresso que fosse para todos, muito mais o segundo do que o primeiro. E o que se vê nas páginas de **O Operário** e **Jornal de Viçosa**, é o que era vivido na Zona da Mata Mineira e no país, a crença no progresso, mesmo sendo necessário romper com o estabelecido.

No caso do jornal **O Operário**, esse rompimento era mais evidente. Não que essa mudança exija alterações drásticas, era sim uma mudança ordenada, controlada, para romper com a idéia de colônia e de dependência econômica. E no controle dessas mudanças, para o jornal sempre deveriam estar os líderes políticos que apoiava.

A base agrícola, até então sustentação do país com o café, era reconhecida pelos jornais, mas ambos viam de maneira positiva o desenvolvimento da indústria, a chegada da eletricidade e exigiam essas mudanças. **O Operário** sempre enalteceu o progresso de Muriaé. Mas em relação ao café, insistia na policultura, por entender que a exclusiva dependência à um produto causava prejuízo para a economia e

desenvolvimento da região. Em alguns momentos, a base cafeeicultora também era em si um fator que não demonstrava progresso. Isso não a colocava como entrave, apenas sua defesa era contrabalançada pelos anseios de novos produtos e formas de riqueza.

Há pouca referência à Zona da Mata, mas os dois jornais reconhecem o destaque de Juiz de Fora, apesar da cidade Rio de Janeiro ser o principal exemplo a ser seguido, e o estado de São Paulo ser admirado. A preocupação maior era como cada cidade poderia se desenvolver e progredir, o que era desejado para todo estado, mas o sentimento local era maior. Essas cidades eram citadas como exemplos, mas a preocupação girava em torno de como Muriaé, ou Viçosa, deveriam construir seu futuro.

Havia a exaltação do que era moderno no **Jornal de Viçosa**, mas isso era acompanhado, muitas vezes, de precaução. **O Operário** normalmente comemorava e incentivava a modernidade e o progresso, sem receio, até porque Muriaé era uma cidade com mais destaque do que Viçosa, em termos econômicos.

Todas as matérias procuram dar um efeito de verdade, através de um discurso que convença o leitor de que aquilo é a realidade. O discurso dessa imprensa de 1920 é prioritariamente escrito, com pouco uso de imagens, mas sempre expressam um ponto de vista com objetivo de persuadir o outro ou o coletivo. É uma produção que se situa em um contexto de confrontação, principalmente no jornal **O Operário**, porque uma idéia, aquela publicada no jornal, quer superar outra – publicada no jornal **O Muriahé**, por exemplo – ou ser dominante em relação a outras formas de se posicionar em relação a algo. Há uma relação ativa do discurso com a realidade, pois a linguagem significa a realidade no sentido da construção de significados, que devem mostrar ao leitor qual idéia é superior, qual discurso é verdadeiro. Isto é muito mais explícito no jornal **O Operário**, que durante a década de 1920 vive em confronto com adversários políticos.

Não era fácil manter uma ligação partidária entre todos os fazendeiros em um município, pois eram muitos e dispersos na cidade. Outro fator que contribuiu para isso é que o eleitorado urbano era menos submisso ao poder de um coronel, o que dificultava uma hegemonia. Nessa ligação, estreitamento dos elos entre os fazendeiros, o eleitorado, é que entra o poder do governo estadual, o poder de coesão, que evita a disputa a nível municipal, apresentando e apoiando os seus

candidatos. E, além disso, os jornais, como legitimadores de um discurso, atuam na construção dessa união em torno das idéias dominantes.

O que fica claro é que em locais onde há uma disputa política, e não apenas eleitoral, o engajamento e importância da imprensa como formador de opinião, é ainda maior. As eleições, os eventos, os congressos, as mais simples notícias, são usadas pelo **O Operário** como arma política, como argumento para exaltação ou condenação de um político, enquanto no **Jornal de Viçosa** eram simplesmente fatos do cotidiano e do dia-a-dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Márcio Resende Ferrari. **Economia da Mata Mineira: passado e presente – dois casos de análise econômica**. Juiz de Fora: 1993.

AMARAL, Roberto. Imprensa e controle da opinião pública (informação e representação no mundo globalizado). In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.(Coleção Comunicação).

AMORIM, Cassiano Caon. **Leituras Geográficas da Zona da Mata Mineira**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

ARRUDA, Maria A. N. **Metodologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BAHIA, Juarez. **Jornal, papel e história**. São Paulo: Editora Ática, 1990, 2 vols.

BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. **Os donos do Rio – imprensa, poder e público (1880-1920)**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro, 2).

BARROS, Nicélio. **História regional, café e indústria: A zona da Mata de Minas Gerais**. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais eletrônicos da ANPUH. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/>.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BIGNOTTO, Newton (org.). **Pensar a República**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2002.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. vol 1.

BLASENHEIM, Peter. **A regional history of Zona da Mata in Minas Gerais- Brasil (1870-1906)**. Stanford, 1982 (Dissertação de Mestrado).

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como objeto e instrumento de trabalho**. São Paulo, Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História, FFLCH, USP, 1975(mimeo).

CANO, Wilson. **Padrões diferenciados das principais regiões cafeeiras (1850-1930)**. Estudos Econômicos, maio/ago, 1985, São Paulo, 15(2): 291-306.

CAPELATO, Maria Helena Rolim, PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino – imprensa e ideologia: o Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Alfa OMEGA, 1980.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

_____. **Os arautos do liberalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CARDOSO, F.H. **O Brasil Republicano**, vol 1: Estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 8).

CARONE, Edgar. **A República Velha I** (Instituições e classes). 4.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1978, P.299.

CARRARA, Ângelo Alves. **A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo: (1839 -1909)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **Em louvor de Vitor Nunes Leal**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, n.1, 1980, p. 5-9.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual**, in Symposium on “Nation-Building in Latin América: Conflict Between Local Power and National Power in the Nineteenth Century” in honour of the retirement of Raymond Buve, Leiden, 20-21 April, 1995;

CASTRO, Maria Ceres P. Spínola. **Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926**. Belo Horizonte: UFMG, Associação Mineira de Imprensa, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

CESAR, Guilhermino. **Minas Gerais: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DESTRO, José Augusto de Souza. **Café e pecuária em Juiz de Fora – 1896-19301**. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada - Vol.1 | Nº 1 - Jan-Jul – 2006.

DRUMMOND, José Augusto. **O movimento tenentista: a intervenção política dos Oficiais Jovens (1922-1935)**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DULCI, Octávio Soares. **As elites mineiras e a conciliação**: a mineiridade como ideologia. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, ANPOCS/Cortez, 1984.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: historiografia e história. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, 3.ed. 1977 (História Geral da Civilização Brasileira, tomo III, vol.2, Sociedade e Instituições 1889-1930).

FERRAZ, Maria C. F. **Contribuições do pensamento de Michel Foucault para a Comunicação**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, vol XXVIII, n.2, julho/dezembro de 2005.

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (O Brasil Republicano, v.1).

FERREIRA, Marieta. **A Reação Republicana e a crise política dos anos 20**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6., n.11, 1993, p.9-23.

FORJAZ, Maria Cecília S. **Tenentismo e Política** – tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Tenentismo e Aliança Liberal (1927-1930)**. São Paulo: Editora Polis, 1978.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, Título original: Discourse and social change.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRISTCH, Wynston. Apogeu e crise na Primeira República (1900-1930), In: ABREU, Marcelo de Paiva (org). **A ordem do progresso** – cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

GIROLETTI, Domingos Antônio. **Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Belo Horizonte: UFMG. 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal de Minas Gerais, 1976.

GOMES, Ângela de Castro (coord). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002.

IBGE, Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920, v.IV (1aparte) – **População**: população do Brasil por estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Directoria Geral de Estatística, Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1926.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajatória Política do Brasil 1550-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Agricultura em Minas na República Velha**. Revista de Estudos Econômicos, São Paulo, 15 (2), p. 241-261, maio/ago 1985.

JOSÉ, Oiliam. A Propaganda Republicana em Minas. Edição da Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, 1960, págs. 92/ 93.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro. Forense, 1948.

_____. **O Coronelismo e o coronelismo de cada um**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, 1980, p. 11-14.

LIMA, Sandra. **História e Comunicação**. São Paulo: EBART, 1989.

LORENZO, Helena C. D, COSTA, Wilma P (org). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

MAGALHÃES, Bruno de Almeida. **Arthur Bernardes -Estadista da República**. Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio Editora, 1973 (Coleção Documentos Brasileiros, 159).

MARTINS FILHO, Amílcar Viana. **A economia política do café com leite**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.

MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do Leste** - estudo de uma região: A Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

_____. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Negócios de famílias**: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira: 1780-1870. Bauru: EDUSC, Juiz de Fora: FUNALFA, 2005.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias**: 1889-1943. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. **Região e regionalização**: um estudo da formação regional da Zona da Mata de Minas Gerais. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada - Vol.1 | Nº 1 - Jan-Jul. - 2006

PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.(Coleção COMUNICAÇÃO, v.2).

QUEIROZ, Maria Isaura de. In: CARDOSO, F.H. O Brasil Republicano, vol 1: **Estrutura de poder e economia** (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 8).

REVISTA Comemorativa do sesquicentenário de Muriaé 1855 – 2005. Muriaé: Prefeitura Municipal de Muriaé, 2005.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**, Florianópolis; Editora Insular, 1997.

SANT'ANA, Terezinha Azis Alexandre. **Viçosa: meu município**. Viçosa: s/e, 1984.

SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS (5: 1977: Belo Horizonte). **A República Velha em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS (6: 1987: Belo Horizonte) **A revolução de 1930**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes** – análises e depoimentos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978 (Coleção Retratos do Brasil, v.25).

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República**, Estudos Históricos, vol. 8, n.15, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Teatro das oligarquias: uma revisão da “política café com leite”**, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2001. (Horizontes Históricos).

WIRTH, John D. **O Fiel da Balança- Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Portugal: Editorial Presença, 2001.

FONTES

Fontes citadas

1º DE MAIO. **Jornal de Viçosa**, 02 de maio de 1925, p.1.

A 6ª moléstia. **Jornal de Viçosa**, 24 de setembro de 1927, p.1.

A conservação das estradas. **O Operário**, n.421, 25 de março de 1928, p.1.

A eleição de 1. **O Operário**, n;146, 7 de março de 1922, p.2.

A instalação do Banco Popular de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 11 de fevereiro de 1928, p.1.

A Repulsa da Nação e de Minas. **O Operário**, n.147, 12 de março de 1922, p.1.

A situação do café. **O Operário**, n.165, 23 de maio de 1922, p.2.

A Subversão. **O Operário**, n.151, 09 de abril de 1922, p.1.

A vertigem da velocidade. **Jornal de Viçosa**, n.8, 14 de outubro de 1926, p.1.

A Victoria. **Jornal de Viçosa**, 09 de agosto de 1924, p.1.

A'S Urnas, pela victoria de Minas!. **O Operário**, n. 145, 01 de março de 1922, p.1.

Advertindo... **O Operário**, n. 195, 25 de fevereiro de 1923, p.1.

Ainda a imprensa sem critério. **O Operário**, n.415, 22 de janeiro de 1928, p.1.

Ainda a presidência da Camara. **Jornal de Viçosa**, 12 de fevereiro de 1927, p.1.

Alto lá, canalhas!. **Jornal de Viçosa**, 26 de julho de 1924, p.1

Aos nossos leitores. **Jornal de Viçosa**, 19 de janeiro de 1924, p.1.

Balão de oxygenio. **O Operário**, n. 168, 13 de agosto de 1922. p.1.

Banco de Credito de Minas Gerais – o seu descaso pelo município de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 02 de outubro de 1926, p.1.

Banco Popular de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 24 de setembro de 1927, p.1.

BOX. **O Operário**, n.438, 9 de setembro de 1928, p.2.

Carnaval. **Jornal de Viçosa**, 13 de fevereiro de 1926, p.1.

Carne verde. **O Operário**, n. 155, 14 de maio de 1922, p.1.

Circo Peruano. **Jornal de Viçosa**, 29 de outubro de 1927, p.1.

Circo Seyssel. **Jornal de Viçosa**, 19 de dezembro de 1925, p.1.

Comício. **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.2.

Concidadãos. **O Operário**, n.145, 1 de março de 1922, p.2.

Congresso das Municipalidades da Zona da Matta. **O Operário**, n. 432, 13 de julho de 1928, p.1.

Congresso das Municipalidades. **Jornal de Viçosa**, 21 de abril de 1928, p.1.

Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.209, 11 de junho de 1923, p.1.

Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.425, 29 de abril de 1928, p.1.

De actualidade. **O Operário**, n.419, 28 de fevereiro de 1928, p.1.

De Genova ao Rio pelos ares. **Jornal de Viçosa**, 13 de novembro de 1926, p.1.

Defesa do café. **O Operário**, n.308, 18 de agosto de 1925, p.1.

Escola Remington. **Jornal de Viçosa**, 25 de outubro de 1924, p.1.

Exames. **Jornal de Viçosa**, 21 de novembro de 1925, p.1.

Explicação necessária. **O Operário**, n.141, 29 de janeiro de 1922, p.1

Festa de São Paulo. **O Operário**, n.142, 05 de fevereiro de 1922, p.1.

Festa do Divino. **Jornal de Viçosa**, 10 de setembro de 1927, p.1.

Festa do Trabalho. **O Operário**, n.153, 30 de abril de 1922, p.1.

Football. **O Operário**, n.414, 15 de janeiro de 1928, p.2.

Grande Circo Peruano. **O Operário**, n.172, 10 de setembro de 1922, p.3.

Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 14 de janeiro de 1928, p.1.

Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 29 de novembro de 1923, p.1.

Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 8 de janeiro de 1927, p.1(coluna 4).

Gymnasio de Viçosa. **Jornal de Viçosa**, 8 de janeiro de 1927.(coluna 1)

Idéias que vingam. **O Operário**, n.157, 28 de maio de 1922, p.1,

Sem título. **Jornal de Viçosa**, 01 de julho de 1924, p.1.

Sem título. **Jornal de Viçosa**, 1 de julho de 1926, p.1

Sem título. **Jornal de Viçosa**, 31 de janeiro de 1925, p.1.

Liga Operária. **O Operário**, n. 426, 13 de maio de 1928, p.1,

Minas Cohesa. **O Operário**, n.139, 15 de janeiro de 1922, p.1.

No regimen das fallencias. **Jornal de Viçosa**, 21 de agosto de 1926, p.1.

Notas carnavalescas – as folias deste anno. **O Operário**, n.142, 05 de fevereiro de 1922, p.2.

Notas Esportivas. **Jornal de Viçosa**, 06 de agosto de 1927, p.2.

Notas Esportivas. **Jornal de Viçosa**, 20 de agosto de 1927, p.2.

Nunca mais! **O Operário**, n.146, 07 de março de 1922, p.2.

O café em Minas Gerais. **O Operário**, n.430, 10 de junho de 1928, p.1.

O Carnaval está ahí!... **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.3.

O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n. 211, 24 de junho de 1923, p.1.

O Congresso das Municipalidades. **O Operário**, n.203, 29 de abril de 1923, p.1.

O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 15 de janeiro de 1922, p.1.

O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 22 de janeiro de 1922, p.1.

O futuro presidente da nossa Câmara Municipal. **Jornal de Viçosa**, 26 de março de 1922, p.1.

O julgamento do Club Militar. **O Operário**, n. 137, 01 de janeiro de 1922, p.1.

O levante militar no Rio. **O Operário**, n. 163, 09 de julho de 1922, p.1.

O momento político. **O Operário**, n.259, 11 de junho de 1924, p.2.

O Pleito Municipal. **O Operário**, n. 182, 19 de novembro de 1922, p.1.

O Raid. **O Operário**, n.161, 25 de junho de 1922, p.1.

Para onde vamos. **Jornal de Viçosa**, 15 de novembro de 1923, p.1.

Para uso externo. **O Operário**, n.296, 21 de abril de 1925, p.2.

Pela cidade. **Jornal de Viçosa**, 15 de outubro de 1927, p.1.

Pela cidade. **Jornal de Viçosa**, 8 de outubro de 1927, p.1.

Pela Política. **O Operário**, n. 143, 12 de fevereiro de 1922, p.1.

Pela Política. **O Operário**, n. 144, 19 de fevereiro de 1922, p.1.

Pela Política. **O Operário**, n.139, 15 de janeiro de 1922, p.2.

Pelo ensino. **O Operário**, n.316, 22 de outubro de 1925, p.1.

Pelo ensino. **O Operário**. n. 233, 25 de novembro de 1923, p.1.

Pelo Sport. **Jornal de Viçosa** , 09 de setembro de 1923, p.1.

Pelo Sport. **Jornal de Viçosa**, 01 de novembro de 1923, p.1.

Pelo Sport. **Jornal de Viçosa**, 19 de maio de 1928, p. 1.

Pelo Sport. **Jornal de Viçosa**, 26 de agosto de 1923, p.2

Refazendo a verdade. **O Operário**, n. 171, 3 de setembro de 1922, p.1.

Res, non verba. **O Operário**, n. 174, 24 de setembro de 1922, p.1.

Ridendo- columna carnavalesca. **Jornal de Viçosa**, 09 de fevereiro de 1924, p.2.

Sem título. **Jornal de Viçosa**, 29 de novembro de 1924, p.1.

Sem título. **O Operário**, n.168, 13 de agosto de 1922, p.1.

Sport. **Jornal de Viçosa**, 11 de julho de 1925, p.1.

Sport. **Jornal de Viçosa**, 18 de abril de 1925, p.1.

Voto perdido por que?. **O Operário**, n.144, 19 de fevereiro de 1922, p.1.

APÊNDICE

Fontes consultadas

Tabela 1- Jornal de Viçosa - Edições de 1923

Nº	ANO: 1923 – 10 edições
Ano I – n.7	12 de agosto
8	19 de agosto
9	26 de agosto
10	09 de setembro
13	30 de setembro
14	01 de novembro
16	15 de novembro
17	22 de novembro
18	29 de novembro
20	31 de dezembro
Faltam os números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 15, 19. TOTAL= 10	

Tabela 2 - Jornal de Viçosa - Edições de 1924

Nº	ANO: 1924 – 13 edições
Ano I – n.21	19 de janeiro
22	19 de janeiro (erro – 26/1)
23	9 de fevereiro
24	16 de fevereiro
25	23 de fevereiro
26	15 de março
27	22 de março
28	05 de abril
29	12 de abril
30	10 de maio
32	24 de maio
33	7 de junho
34	21 de junho
Faltam os números: 31, 35. Depois entra no ano II, edições números 1 a 11. TOTAL= 13	

Tabela 3 - Jornal de Viçosa - Edições de 1925

Nº	ANO: 1925–24 edições
Ano II – 15	31 de janeiro
16	14 de fevereiro
18	28 de março
19	4 de abril
20	18 de abril
21	2 de maio
22	16 de maio
23	23 de maio
24	12 de junho
Ano III – 1	1 de julho
2	11 de julho
3	25 de julho
4	1 de agosto
5	8 de agosto
6	29 de agosto
7	5 de setembro
8	19 de setembro
9	26 de setembro
10	3 de outubro
11	17 de outubro
12	7 de novembro
13	21 de novembro
15	19 de dezembro
Faltam as edições: 12, 13, 14, 17, 25, 26. No ano III, falta o número 14. TOTAL= 7	

Tabela 4 - Jornal de Viçosa - Edições de 1926

Nº	ANO: 1926 – 23 edições
Ano III - 16	16 de janeiro
17	30 de janeiro
20	6 de março
21	27 de março
22	17 de abril
23	1 de maio
24	8 de maio
25	15 de maio
26	1 de julho
Ano IV - 2	31 de julho
3	14 de agosto
4	21 de agosto
6	18 de setembro
7	2 de outubro
8	14 de outubro
9	23 de outubro
10	30 de outubro
11	6 de novembro
12	13 de novembro
13	27 de novembro
14	4 de dezembro
15	11 de dezembro
16	25 de dezembro
Faltam as edições números: 18 e 19. No ano IV, faltam os números 1 e 5. TOTAL= 4	

Tabela 5 - Jornal de Viçosa - Edições de 1927

Nº	ANO:1927-37 edições
Ano IV - 17	8 de janeiro
18	15 de janeiro
19	22 de janeiro
20	29 de janeiro
21	5 de fevereiro
22	12 de fevereiro
23	19 de fevereiro
25	05 de março
26	12 de março
27	19 de março
28	25 de março
28	2 de abril
30	9 de abril
32	30 de abril
35	28 de maio
36	4 de junho
37	11 de junho
38	18 de junho
Ano V - 2	9 de julho
6	6 de agosto
7	20 de agosto
8	27 agosto
9	2 de setembro
10	10 de setembro
11	17 de setembro
12	24 de setembro
13	1 de outubro
14	8 de outubro
15	15 de outubro
16	22 de outubro
17	29 de outubro
18	12 de novembro
19	19 de novembro
20	26 de novembro
21	10 de dezembro
22	17 de dezembro
24	31 de dezembro
Faltam as edições números: 24, 31, 33, 34, 39. No ano V, faltam os números 1, 3, 4, 5, 23. TOTAL= 10	

Tabela 6 - Jornal de Viçosa - Edições de 1928

Nº	ANO: 1928 –9 edições
Ano V - 25	14 de janeiro
26	21 de janeiro
30	3 de março
31	10 de março
32	17 de março
33	24 de março
36	21 de abril
37	28 de abril
40	19 de maio
Faltam as edições números: 27, 28, 29, 34, 35, 38, 39. TOTAL= 7	

Tabela 7- O Operário - Edições de 1920

Nº	ANO: 1920 – 23 edições
57	11 de janeiro
58	18 de janeiro
59	25 de janeiro
60	08 de fevereiro
61	15 de fevereiro
62	22 de fevereiro
63	29 de fevereiro
64	07 de março
65	15 de março
66	21 de março
67	03 de abril
68	11 de abril
69	18 de abril
70	25 de abril
71	09 de maio
72	23 de maio
73	30 de maio
74	06 de junho
76	20 de junho
77	27 de junho
78	11 de julho
79	18 de julho
80	25 de julho
Faltam os números:75, 81 a 136. TOTAL= 56	

Tabela 8 - O Operário - Edições de 1922

Nº	ANO: 1922 – 43 edições
137	01 de janeiro
139	15 de janeiro
141	29 de janeiro
142	05 de fevereiro
143	12 de fevereiro
144	19 de fevereiro
145	01 de março
146	07 de março
147	12 de março
148	19 de março
149	28 de março
150	02 de abril
151	09 de abril
152	23 de abril
153	30 de abril
155	14 de maio
156	21 de maio
157	28 de maio
158	04 de junho
159	11 de junho
160	18 de junho
161	25 de junho
162	02 de julho
163	09 de julho
164	16 de julho
165	23 de julho
166	30 de julho
167	06 de agosto
168	13 de agosto
169	20 de agosto
171	03 de setembro
172	10 de setembro
173	17 de setembro
174	24 de setembro
175	1 de outubro
176	8 de outubro
177	14 de outubro
178	22 de outubro
179	29 de outubro
181	07 de novembro
182	19 de novembro
184	7 de dezembro
185	17 de dezembro
Faltam os números: 136, 138, 140, 154, 170, 180, 183, 186. TOTAL= 8	

Tabela 9 - O Operário - Edições de 1923

Nº	ANO: 1923 – 46 edições
187	02 de janeiro
188	07 de janeiro
189	14 de janeiro
190	21 de janeiro
191	28 de janeiro
192	04 de fevereiro
193	11 de fevereiro
194	18 de fevereiro
195	25 de fevereiro
196	04 de março
197	11 de março
198	18 de março
199	25 de março
200	8 de abril
201	15 de abril
202	22 de abril
203	29 de abril
204	6 de maio
205	13 de maio
206	20 de maio
207	27 de maio
208	3 de julho
209	11 de junho
210	17 de junho
211	24 de junho
212	1 de julho
213	8 de julho
214	15 de julho
216	20 de julho
217	5 de agosto
218	12 de agosto
221	02 de setembro
222	9 de setembro
223	16 de setembro
224	23 de setembro
225	30 de setembro
226	7 de outubro
227	14 de outubro
228	21 de outubro
229	28 de outubro
230	4 de novembro
231	11 de novembro
232	18 de novembro
233	25 de novembro
234	2 de dezembro
237	23 de dezembro

Faltam os números:215, 219, 220, 235, 236. Total= 5
--

Tabela 10 - O Operário - Edições de 1924

Nº	ANO: 1924 – 3 edições
257	25 de maio
259	11 de junho
275	12 de outubro
Faltam os números: 238 a 256. De 276 a 286. Total= 28	

Tabela 11 - O Operário - Edições de 1925

Nº	ANO: 1925 – 19 edições
288	11 de janeiro
291	18 de fevereiro
292	8 de março
293	18 de março
294	31 de março
295	5 de abril
296	21 de abril
	3 de maio
297	10 de maio
298	17 de maio
299	26 de maio
301	14 de junho
	Jun
305	19 de julho
306	26 de julho
308	18 de agosto
314	27 de setembro
315	13 de outubro
316	22 de outubro
Faltam os números: 287, 289, 290, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 312, 313, de 317 a 325. Total= 22	

Tabela 12 - O Operário - Edições de 1927

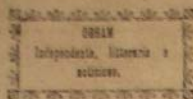
Nº	ANO: 1927
329 (provavelmente)	30 de janeiro
Faltam os números: 326, 327, 328, 330 a 411 Total= 84	

Tabela 13 - O Operário - Edições de 1928

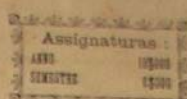
Nº	ANO: 1928–40 edições
414	15 de janeiro
415	22 de janeiro
416	31 de janeiro
417	09 de fevereiro
418	18 de fevereiro
419	28 de fevereiro
420	11 de março
421	25 de março
422	1 de abril
423	14 de abril
424	22 de abril
425	29 de abril
426	13 de maio
427	20 de maio
428	27 de maio
429	3 de junho
430	10 de junho
431	22 de junho
432	1 de julho
433	13 de julho
434	28 de julho
435	5 de agosto
436	17 de agosto
437	27 de agosto
438	9 de setembro
439	16 de setembro
440	23 de setembro
441	30 de setembro
442	7 de outubro
443	14 de outubro
444	21 de outubro
445	28 de outubro
446	4 de novembro
447	11 de novembro
448	18 de novembro
449	2 de dezembro
450	9 de dezembro
451	16 de dezembro
452	23 de dezembro
453	30 de dezembro
Faltam os números: 412, 413, Total= 2	

Tabela 14 - O Operário - Edições de 1929

Nº	DATA – ANO: 1929- 1 edição
462	3 de março
Faltam os números: 454 a 461. De 463 a 502. Total= 46.	



O OPERARIO



Director - DR. ALVARO TEIXEIRA DE MELLO

ANNO II

S. Paulo do Muriaé, 11 de janeiro de 1920

NUM. 57

Remorses e nova era

Já, agora, o sr. Silveira Bram não tem mais para quem apellar pois, ainda lhe restava um pouco de esperança pela má ou boa acolhida do grande chefe em palacio, em conferencia politica com s. excia. o illustre sr. Presidente do Estado.

Mas, o ex-chefe não arranjou, pelo que se sabe, porquanto, tudo vai em santa paz e Petropolis, hoje é o remanso tranquillo daquelle que por espaço de 16 annos mandou como feitor de uma terra que sempre lhe fora venturosa e proposita.

Lá, na tranquillidade da rica capital de verão, talvez na Avenida dos infelizes, o sr. Bram sentirá o quanto é doloroso ser má e hypocrita para com aquelles que sempre o ajudaram.

Lá, no aconchego dos seus, verá, de longe, o quanto vale ser ruim e o quanto vale illudir os pobres lavradores que viviam a prestar-lhe grandes favores nas eleições.

Lá verá passar-lhe pela mente as desgraças muitas que fez e o mal que sempre espalhou pelo municipio.

Lá, verá as miserias da sua politica assassina, vil e cobarde; verá a sombra do grande batalhador que foi João Martins, o jornalista corajoso, gloria de um tempo de luctas honestas e suas.

Verá as miserias que commetten contra José Eutropio, a mascula vibração desta terra, penna gloriosa, talento primoroso, filho illustre deste municipio, cultor exímio da penna, das lettras e da musica, alma grande e generosa, coração sempre formoso e dado ao Bem.

Verá, como visões homericas, a lvaiação da liberdade nas proximas eleições municipais deste municipio.

Verá a paz, o progresso, a ordem, a legalidade, o trabalho, a honra, a justiça!

J. C.

Cartões de visita só na Casa Magalhães

Dr. Freitas Filho

Está na cidade o sr. dr. João Freitas Filho, nosso distincto conterraneo e delegado do P. R. M. local junto ao Governo do Estado.

Col. Agenor Canedo

Regressou a esta cidade o sr. cel. Agenor Canedo, prestigioso presidente do P. R. M. local.

S. S. tem sido muito visitado pelos seus innumerados amigos.

O cel. Tranquellino Avelino de Freitas e sua prezada esposa d. Ambrosina Teixeira de Freitas, tiveram a gentileza de nos communicar o contracto de casamento de sua filha Maria da Conceição Freitas com o sr. Luiz de Marca. Aos distinctos noivos, nossos parabens.

Do sr. Carmeluti Harmendani, adeantado commerciante em Ponte Nova, recebemos delicado cartão de Boas Festas.

Cousas do Tempo...

O tempo nunca deixou de ser o retrato fiel das cousas passadas.

Agora, o que vemos, deixa-nos muitas vezes a matutar em cousas varias e exquisitas.

Ainda, não ha muito, todo o municipio vivia debaixo das redeas do infeliz Silveira Bram e da sua grey.

Entretanto, os que lhe propiciavam ventura e mandonismo eterno, nesta cidade e rico municipio, hoje, como que arrependidos e desconhecendo o ex-chefe, viram-lhe as costas e acodem satisfeitos ao grito da renovação politica e se acolhem debaixo da nova bandeira de paz, ordem e tranquillidade.

Assim, si todos os muriaéenses fizessem o mesmo, dentro em breve, teriamos felizes dias de calma, cousa que de ha muito não tinhamos o prazer de gozar na quietude do lar e da familia.

Bens ventos desçam sobre nós...

Jôta

Chapadão

A Newton Laz

Alto da serra da Catiara, nessa fria manhã do primeiro sabbado de setembro, quando um sol sem vida a custo rompia o nevoeiro denso.

Ventos infernaes, vindos de muito longe, da cordilheira da Matta da Corda, das margens distantes do Paranahyba, varriam as tristes ruas de Chapadão, esse lugubre povoado atirado em um alto de serra abrupto, longe de toda e qualquer civilização, que morro a muitas e muitas leguas de distancia.

Chapadão é um amentoadado informe de casas brancas, de feição colonial e aspecto selvagem, atiradas a mais do mil metros de altitude.

Nesse povoado vagamente perdido em pleno coração do sertão, alcandorado no alto das montanhas, batido por mãos ventos—a alma da gente tem impressões de cousas fundas, tem tristezas somnolentas de noites hiemaeas.

Estamos no largo da Matriz. Ao centro destaca-se a egreja, com o seu perfil antigo, evocador de epocas distantes. Aos lados, casas de pau a pique, espalhadas aqui e além, numa absoluta despreocupação de symetria. Um chariz de agua limpida e deliciosa, onde creanças nuas se banhavam, porcos foçando em um corrego lamacento, arvores frondosas a cuja sombra se abrigavam gentes de outras eras, completavam a paisagem rurigena.

Erz dia de festa.

Grupos de sertanejos, gente que parecia cahida da lua, em trajes inconfundiveis, evocativos, conversavam dando grandes gargalhadas.

Uma philarmonica barulhenta, algumas motociclettes circulando per entre a multidão, um vago e delido cheiro de fumo goyano, as palavras zebu e gado ouvidas com frequencia, reclamações contra a estrada de ferro de Goyaz, algumas leguas distante, eis uma photographia dessa terra longinqua, incrivelmente atrazada, envolta a essa hora nas brumas somnolentas da manhã.

Era de ver o violento contraste entre essas casas rusticas e o magnifico automovel Ford que me conduzia.

Caminhei por uma rua, onde, de espaço a espaço, por sobre os muros das casas, grandes rosas vermelhas desabrochavam em coloridos quentes.

Ao fim da rua algumas cruzes toscas indicavam a necropole.

Olhei em volta.

Lá em baixo, Catiara, a estação mais proxima da Goyaz, a 977 metros de altitude, de onde parte a linha de automoveis para Patos, em uma extensão de 94 kilometros.

Para os outros lados a intermina campina, desfeita na nevoa, perdida no infinito...

O sol já estava quente e as rosas começavam a emmurcheer, quando deixámos este logarejo ignorado do resto do mundo.

A linha vermelha, infinita, torricolanta da estrada de automoveis, perdia-se na distancia.

O automovel, resfolegou, tremou e, numa nuvem de pó, mergulhou na campina.

Partiramos.

Dermecval Lyrio.

Patos, setembro—1919.

O distincto pharmaceutico Alberto Tiburcio Rodrigues e sua gentilissima esposa d. Porcina Dias Rodrigues, communicaram-nos o nascimento de seu filho Ibsen occorrido em Poços de Caldas a 30 de mez p. passado.

Felicidades.

O sr. cap. Raul da Rocha Barros proprietario da conceituada Casa Rocha, teve a gentileza de nos offerecer uma linda folhinha de desfolhar.

Gratos.


Dr. João de F. Junior
— Medico —
Atende chamados para
fôr e qualquer hora.
Rua da Estação- Tel. 45

TUBERCULOSE

é difficil de curar-se. O prudente é evitá-la tomando-se nos primeiros indícios da Frequencia Pulmonar a afamada

Emulsão de Scott

Indiscutivelmente o melhor preparado de Óleo de Fígado de Bacalhão. Suaviza os bronchios e os pulmões e aumenta poderosamente a nutrição de que se necessita para combater a moléstia.

Sem Alcool.  É o melhor preparado para a moléstia.

Cousas mineiras ...

As cotações do Exmo. Sr. Dr. Alvaro Teixeira de Mello.

O jovem Paulo Olival está n'um "sêbo" (namôro) passageiro com uma das formosas rosas do set desta terra; já fallam muito que, o distincto academico de medicina, desta vez, "botará fumaça" (casar-se) com a diva que é mui formosa.

Entretanto, as más línguas falam que elle está como Deus quer as almas" (estar sem dinheiro) e por tal motivo se não casará; ora, elle tem "grude nas unhas" (ser expert) e não ficará indeciso ante o problema que lhe está preocupando, depois não está no caso de "estar no sabão" (amar sem ser amado) é só elle "chorar as magoas" (pedir alguma coisa) ao papae, elle não é "empregado do desvio" (vagabundo), a meui na não é "moça enjoada" (cheia de dengues) o casorio é bom e ella é do "pessoal do primeiro beiro" (gente fina) o jovem a ama é amado e não quer "bater com o nariz na porta" (ver goradas as suas pretensões) e depois o papae della "tem muitas letras a descontar" (filhas para se casar ...)

Isto de "estar batendo matraca" (sem dinheiro) não vem ao caso, muitos se casam "esfaguçando" (pedindo dinheiro emprestado) aos amigos, é elle fazer o mesmo...

O que não vale a pena é "contar potôcas" (dizer mentiras) como estou fazendo e "destabecar" (dizendo asneiras), eu mesmo me reconheço às vezes "dado de toer" (insupportavel) e enojado" (enjoadado ...)

Jayme Cysneiros.

FESTA DE S. SEBASTIÃO

Conforme noticiamos em o nosso numero pasado, terao inicio hoje, as rezas em homenagem ao glorioso martyri S. Sebastião, que serão presidiadas pelo revmo. padre Bemfica, na Igreja da Barra, desta cidade.

Já se tornou tradicional naquella populoso bairro a festa de S. Sebastião, que ali sempre se revestiu de brilho excepcional.

A Comissão ficou assim constituída:

FESTEIROS

— José Miguel Dornellas, phreo. Alvaro Monteiro de Castro, Januario Natal, Domingos Ameal e Pedro Luciano de Paula.

Thesoureiro — Francisco de Paula Rogerio.

Secretario — Marins Dornellas Pereira.

PROCURADORES

Eugenio Godinho, Lindolpho José Dias, José Alves de Miranda, Francisco José Dias, Pedro Alves da Silva, João Thomazzini.

Mordomo do Mastro — Abilio Cesar de Oliveira.

Alferees da Bandeira — Sebastião Amaro Filho.

AVISO:—As juizas nomeadas para concorrerem com prendas para os leilões, serão scientificadas por circulares.

A Comissão, por nosso intermedio, pede o auxilio de todos os fieis para o maior brilhantismo dos festejos.

Dr. Alvaro Teixeira de Mello

Accoita causas civeis, orphnologicas e criminaes.

Rua Municipal — Teleph. 57 MURIAHE

Dr. Astolpho Dutra

No dia 7 do corrente, chegou a Cataguazes em carro especial, ligado ao expresso o dr. Astolpho Dutra, eminente presidente da Camara dos Deputados.

O distincto parlamentar veiu acompanhado de suas gentiúsimas filhas e permanecerá em Cataguazes, enquanto durarem as ferias parlamentares.

O sr. dr. Anyσιο Cardozo, advogado de reconhecido talento, está entre nós desde alguns dias e nesta cidade pretende abrir o seu escriptorio.

ITAGYBA de OLIVEIRA e DERMEVAL LYRIO

Advogados

RUA MUNICIPAL

Jayme Cysneiros realizará em dias deste mez, no Cinema, ás 8 horas da noite, a sua annunciada festa litteraria dissertando sobre *O Dezer*.

A sua festa, ansiosamente esperada, terá, cremos, desusada concorrência.

Haverá parte musical variada, dirigida pelos eximios professores Nenem Storino e Nestor Lima, este, na flauta.

O trabalho do sr. Jayme Cysneiros despertará vivas sympathias.

Na peroração do mesmo, o nosso amigo, evocará o nome dos mineiros mortos, perorando, por ultimo, brilhantemente, n'uma evocação sincera aos actuaes homens de valor da nossa querida terra.

Na apothose ao "Tiro de Guerra 181, no fim da festa, o jovem jornalista, fará patriótica saudação á Bandeira Nacional com o Tiro formado no palco.

Comparecerá uma das bandas musicaes.

A festa, será, sem duvida, uma noite de arte e gozo litterario.

EDITAL N. 1

Juizo de paz e casamentos da cidade de São Paulo do Muriahe

Faço saber que pretendem se casar perante a lei civil Pedro dias Ladeira e Etelvina da Conceição, elle filho legitimo de Manoel Dias Ladeira e de Candida Germana de Jesus, natural deste municipio, com 25 annos de idade, solteiro, com profissão de lavrador e residente neste districto; ella, filha legitima de José João de Oliveira e de Maria da Conceição, natural deste municipio, com 16 annos de idade, solteira, de profissão domestica e residente neste districto.

Apresentaram os documentos exigidos pela lei, devidamente processados; si houver impedimento legal que os iniba de casar-se um com o outro, accuse-o para os fins de direito. E para conhecimento de todos, lavra-se o presente edital para ser affixado na forma da lei e logo do costume.

Cartorio de paz do Muriahe, 3 de janeiro de 1920. — O official do Registro Civil. — LADISLAU PEDRO DE PAULA ANDRADE.

EDITAL N. 2

Juizo de paz e casamentos da cidade de São Paulo do Muriahe

Faço saber que pretendem se casar perante a lei civil José Correa Lopes e Benyinda Maria da Conceição, elle filho legitimo de Miguel José Correa e de Rita Francisca de Jesus, natural deste districto, com 22 annos de idade, solteiro, com profissão de lavrador e residente neste districto; ella, filha legitima de Manoel Luiz Correa e de Maria Damascena da Conceição, natural deste districto, com 21 annos de idade, solteira, de profissão domestica e residente neste districto.

Apresentaram os documentos exigidos pela lei, devidamente processados; si houver impedimento legal que os iniba de casar-se um com o outro, accuse-o para os fins de direito. E para conhecimento de todos,

lavra-se o presente edital para ser affixado na forma da lei e logo do costume.

Cartorio de paz do Muriahe, 5 de janeiro de 1920. — O official do Registro Civil. — LADISLAU PEDRO DE PAULA ANDRADE.

Editaes

O Dr. Lydio Alerano Bandeira de Mello, Juiz de Direito da comarca do Muriahe, Minas Geraes, na forma da lei, etc.

Faço saber aos que o presente edital virem ou della noticia tiverem, que, por este juizo está sendo processado o inventario dos bens deixados pela finada d. Candida Amelia de Cerqueira, que era casada com José Corrêa da Silva, em que serve de inventariante o cel. Antonio Antonino Conde; ficam pois os interessados, viuo José Corrêa da Silva e os herdeiros Maria e Marianna, esta ultima menor pubere, citados para assistirem a partilha dos referidos bens, designados para o dia 14 de fevereiro proximo futuro, ás 11 horas, em cartorio, assim como para os demais actos do processo até final julgamento, ficando igualmente citados todos aquelles que tenham direito, aos ditos bens, sob as penas da lei. Para conhecimento de todos, mandei passar este que será affixado no lugar do costume e publicado pela imprensa local. Muriahe, 12 de janeiro de 1920. En. José Pacheco de Medeiros, escrivão, o subscreevo.

Lydio Alerano Bandeira de Mello.

2a. Praça com o praso de 8 dias

O Dr. Lydio Alerano Bandeira de Mello, juiz de direito da comarca do Muriahe, Minas Geraes, na forma da lei, etc.

Faço saber a todos que o presente edital de 2a. praça com o praso de 8 dias virem ou della noticia tiverem que, no dia 16 do corrente mez de janeiro, ás 13 horas, á porta do edificio do Forum desta cidade, serão vendidos em hasta publica a quem mais dêe e maior lance offerecer sobre o preço da avallação, abaixo declarade, feito já o abatimento legal de 10 %, os bens que foram penhorados a D. Anna Fartis de S. José, por si e como tutora nata de seu filho menor Pedro Alcantara de Souza, e como representante de seu finado marido Manoel Thomaz de Souza, na acção executiva que lhe move a firma Gervasio Vicente & Comp. os quaes bens são os seguintes:

tes: Imoveis—Uma casa no arraial de Dores da Victoria, assoalhada e coberta de telhas, com seis portas na frente que dá para a rua, com armação para negocio, confrontando por seus dois lados com predios do espólio do dito finado Manoel Thomaz de Souza, e quintal respectivo até o rio Muriahé, 3:600\$000; uma outra anexa à pruceira com sete portas e quatro janellas na frente, tambem com armação para negocio, sendo assoalhada e coberta de telhas, com as mesmas confrontações, 2:700\$000; uma outra, coberta de taboinhas, com uma porta e uma janella, velha, terrea, confrontando com os predios do dito espólio, Sebastião França e pelos fundos com o rio Muriahé, 125\$000; uma casa para tulha, assoalhada e coberta de telhas, com uma janella na frente, confrontando com os predios do mesmo espólio, com quintal que se prolonga até o dito rio, 450\$000. **Semoventes**—Um burro de carga, arreado com bolças e balaies, de nome Carinhoso, 342\$000; outro burro de carga, arreado com bolças e balaies, de nome Diamante, 342\$000; outro de carga de nome Caboclo, arreado com bolças e balaies, 342\$000; outro dito arreado com bolças e balaies, de nome Marinheiro, 342\$000; uma besta de nome Rola, de carga, arreada, 342\$000; outra besta de carga, tambem arreada, de nome Nobreza, 342\$000; uma besta arreada com bolças e balaies, de nome Lembrança, 342\$000; uma dita russa, de nome Moeda, tambem arreada com bolças e balaies, 342\$000; uma outra pelo de rato, de nome Moeda, arreada com bolças e balaies, 342\$000; um burro de carga, com balaies e bolças, de nome Brasileiro, 342\$000; um outro de carga, arreado com bolças e balaies, de nome Pequinha, 342\$000; uma besta de nome Violeta, com balaies e bolças, 342\$000; uma outra de nome Parazita, tambem arreada com bolças e balaies, 342\$000; um burro de sella de nome Expresso, 360\$000 e um outro tambem de sella de nome Pachola, 360\$000. **Somma** 12:051\$000. Quem, pois, nos ditos bens quizer lançar, deverá comparecer no dia, hora e lugar acima designados. Para conhecimento de todos, mandei passar este, que será affixado no lugar do costume e publicado pela imprensa local. Muriahé, 7 de janeiro de 1920. Eu, José Pacheco de Medeiros, escrivão, o subscricvo.

Lydio Alerano Bandeira de Mello
(Estava devidamente sellado).

2a. PRAÇA com o prazo de 8 dias.

O dr. Lydio Alerano Bandeira de Mello, juiz de direito da comarca do Muriahé, Minas Geraes, na forma da lei, etc.

Faço saber a todos que o presente edital de 2a. praça com 8 dias de prazo virem ou delle noticia tiverem que, no dia 16 do corrente mez de janeiro, às 13 horas à porta do edificio do Forum desta cidade, serão vendidos em praça publica a quem mais der e maior laço offerecer sobre o preço da avaliação, abaixo declarado, feito já o abatimento legal de 10% os bens que foram penhorados á dona Anna Fartiz de S. José, por si e como tutora nata de seu filho menor Pedro Alcantara de Souza, e como representante de seu finado marido Manoel Thomaz de Souza, na acção executiva que lhe move Amancio Freitas, os quaes bens constam dos seguintes: Uma situação de dois alqueires de terras, no distrito de Dores da Victoria, deste termo, dividido com Leonardo Theodoro de Almeida, Manoel Theodoro da Silva, com terras do mesmo espólio de Manoel Thomaz de Souza e outros, a 270\$000 o alqueira—540\$000; 3.000 pés de café, mais ou menos, velhos, a \$450 o pé—1:350\$000; 2.000 pés de café, velhos, a \$270 o pé—540\$000; uma casa coberta de telhas, com trinta palmos de frente, terrea, 360\$ uma casa no arraial de Dores da Victoria, com uma porta e uma janella na frente, coberta de telhas, assoalhada, dividindo com predios do espólio já referido e com o rio Muriahé, 540\$000; um rancho para tropa, coberto de telhas, 90\$000; um eugenho de madeira, movido por animaes, 180\$000; **Semoventes** — Um boi de nome Estrella, 315\$000 outro boi de nome Velludo, 315\$000; outro boi de nome Pagé, 315\$000; outro dito de nome Gualbarde, 315\$00; outro boi de nome Japão, 315\$; outro dito de nome Camurça, 315\$000; outro boi de nome Mimoso, 180\$00 e ainda outro de nome Canario, 180\$000. **Total**—5:850\$000. Quem pois, nos ditos bens quizer lançar deverá comparecer no dia, hora e lugar acima designados. E para que chague a noticia ao conhecimento de todos, mandou passar este, que será affixado no lugar do costume e publicado pela imprensa local. Muriahé, 7 de janeiro de 1920. Eu, José Pacheco de Medeiros, escrivão, o subscricvo.

Lydio Alerano Bandeira de Mello
(Estava devidamente sellado).

VENDE-SE

Na villa de S. Manoel, Minas, por preço razoavel, duas casas de vivenda, sendo uma na rua Coronel Miranda, com commodos para familia de sobrado e padaria montada, ponto de 1ª ordem para qualquer ramo de negocio; e outra, sobrado, no largo da matriz, com boas e espaçosa commodidades para familia e para negocio.

Para ver e tratar com o seu proprietario Felipe José Continho, na mesma villa.

S. Manoel, 26 de novembro de 1919.

VENDE-SE um sitio com 5 alqueires de terras, superior, boa aguada, tendo lavouras velhas e novas, na Comarca da Palma.

Tratar com seu proprietario Sebastião Manoel Vieira, em Cachoeira Alegre.

VENDE-SE em Santa Rita, um sitio com 12 alqueires de terras superiores, por 1:200\$ Inform. nesta redacção.

NOTAS PROMISSORIAS a 5\$000 o cento nesta typographia.

Pilulas de Jaracatiã
FERRUGINOSAS ARSENIADAS

Preparado do
Phco. Mario Monteiro de Castro

Approvadas pela Directoria Geral de Saude Publica sob o num. 927.

Nome registrado na Junta Commercial sob o num. 415.

Applicados no tratamento da Opilção, Anemias em geral, Cansaço, Amarellão, Chlorose, Perturbações menstruaes, Flores brancas (leucorrhœa), etc.

Actuam como optimo descongestionante uterino, dando resultados surprehendedentes nas amenorrhéas (suspensão), dysmenorrhéas (mestruação dolorosa) etc.

O seu effeito como tonico é excellente e com o seu uso as cores voltam, o appetite augmenta bem como as forças e o peso; em summa, sente-se mais alegre e mais disposto para o trabalho.

Usadas com resultado nas perturbações do fígado e baço, actuando como descongestionante destas visceras.

MODO DE USAR: ADULTOS—Tomar 3 a 4 Pilulas por dia *Crianças (de mais de 6 annos) tomar 1 a 2 Pilulas por dia.*

DIÉTA—Evitar de comer fructas verdes, alimentos mal cozidos, etc. Habitar em casa bem arejada.

As pessoas opiladas deverão antes de começar usar as Pilulas do Jaracatiã Ferruginosas Arseniadas, tomar um vermifugo qualquer, em cuja composição entre a essencia de chenopodio (Santa Maria).

S. Paulo do Muriahé, 16 de Julho de 1919.

Hmo. Sr. Phco. Mario Monteiro de Castro.

Attesto que tomei o seu preparado, Pilulas de Jaracatiã ferruginosas arseniadas, e fiquei completamente bom dos padecimentos que eu tinha taes como: zozada nos ouvidos, falta de appetite, ardor no estomago, prisão de ventre, bumbeca nas pernas e falta de disposição para o trabalho. Hoje sinto-me forte, tenho boa cor e disposição para qualquer serviço. Sati-fetissimo com o resultado que colhi, pois, já estava sofrendo ha muito tempo, melhorei com vosso heroico preparado Pilulas de Jaracatiã Ferruginosas. Faço este para fazer uso que approuver.

Do Aug. Crub. Obrg.
SANCLER VIEIRA DA LUZ.

Serraria S. José cysneiros & Irmão

Compradores e exportadores de madeiras do paiz
brancas e de lei, em tôras, pranchas,
dormentes, vigamentos, taboados, etc.

ESCRITORIO : Varzea -- BARRA -- TELEPHONE N. 35

S. Paulo do Muriahé - Minas

PHARMACIA CASTRO

Nesta bem montada pharmacia aviam-se receitas com toda a escri-
pulo e promptidão a qualquer hora.

Encontram-se productos chimicos de todas as procedencias e a preços
minimos.

Pharmaceutico — ALVARO MONTEIRO DE CASTRO
Rua da Barra—Muriahé—Minas

Grande fabrica de gelo e de lacticinios

AGRIPINO G. VEADO

GELO o melhor da Zona da Matta: Man-
teiga e leite pasteurizado, qualidade superior

A fabrica está aparelhada para fornecer qualquer quantidade
de gelo, de manteiga e de leite.

Entrega a domicilio, e aceita assignaturas mensaes ou semanais,
para fornecimento de gelo e de leite para qualquer ponto da cidade
Aceitam-se tambem assignaturas mensaes para qualquer ponto
da estrada de ferro.

O acondicionamento do leite é feito em garrafas hygienicas.
modelo especial.

Praça João Pinheiro
Muriahé—Minas

Salão Progresso

Variadissimo sortimento de perfumarias finas, tinturas
para cabellos, loções, cremes,
sabonetes, extractos, escovas, navalhas, pentes, etc

Completo sortimento de armarinhos

Roupas brancas, fazendas finas, brins, casemiras
chapeos de sol
e de cabeça, artigos de escriptorio, etc.

SALATHIEL ARRUDA

PALACETE VENTURA S. Paulo do Muriahé -- Minas

REFINAÇÃO MINEIRA

Ferreira & Christiano

Sucessor de MANOEL DE SOUZA TAVARES

Tem sempre em deposito grande quantidade de assucar
refinado por preços sem competitor.

Praça Barão do Rio Branco, — TEL. 29
Muriahé - Minas



SAPATARIA ARNALDO

Arnaldo Fernandes Beréco

Nesta bem montada sapataria encontra-se
sempre grande quantidade de todos artigos
concernente á arte. Está por isto apta a bem
servir com esmero capricho e presteza aquelles
que a procuram.

Trabalhos garantidos * MURIAHÉ-MINAS

Officina Mechanica,

Serralheria e Fundição

Movida a electricidade

MENEZES & LAVIOLA

Nesta bem montada officina fazem-se e concertam-se Engenhos
de ferro para canno, trabalhos para Descascadores, Ventiladores,
Bruidores, para café e arroz, Transmissões, Cevadeiras e prensas
para mandioca, Gradil para jardins, Sacadas, Fogões e tudo con-
cernente á arte.

TELEPHONE 39 -- S. Paulo do Muriahé - Minas

BAR DA ESTAÇÃO

Os proprietarios desta optimo estabelecimento comunicam á sua numerosa frequencia, que
acabam de receber um variado sortimento de Queijos Italianos, Doces, Tindas, Conservas, Massas
alimenticias, Cigarras finas, Charutos, Fructas secas, etc.

Depositarios do afamado e saboroso café S. PAULO

Entregam a domicilio -- Preços módicos -- VENDAS A DINHEIRO

Ernani Storino & Comp.

S. Paulo do Muriahé -- Rua da Estação

Quereis vestir elegante ?

Procurae a Alfaiataria Cascelli de

CASCELLI & IRMÃO

É a unica que garante servir á sua frequencia com esmero capricho e presteza.

Rua S. Paulo — Em frente a pharmacia Mario
Muriahé—MINAS

Lindo sortimento de cartões de visita e Blocks de puro linho só na

*** Casa "Magalhães" ***

O OPERARIO

Orgam dos interesses do povo.

Editor - J. de Magalhães.

Director - J. Pacheco de Medeiros

Redactores - F. Nelson e Orlando Faria.

Pela polycultura

A mensagem do sr. presidente do Estado assigna-lha um facto de capital importancia economica, para o qual devemos chamar a attenção dos nossos leitores, principalmente daquelles que exercem a sua actividade na agricultura. Esse facto consiste na falta de correspondencia entre o valor do volume da exportação e o valor real do producto exportado.

A explicação do phenomeno reside no aviltamento da moeda nacional, aviltamento esse oriundo de diversas causas, dentre as quaes sobressahe a do desequilibrio trazido ao mundo pela conflagração européa.

Querendo tornar esse facto mais claro, vamos dar um exemplo pratico. Um lavrador vende 1.000 arrobas de café e recebe por elle 27:000\$000. Esse dinheiro que é constituído por uma grande massa de notas de mil reis, vale, entretanto, na realidade, apenas cerca de cinco contos de reis.

Ahi está mais um facto que vem mostrar a necessidade da polycultura.

Por volumosa que seja a exportação deste ou daquele genero, o seu valor real é apenas a quinta e meia parte do valor do dinheiro papel pelo qual foi vendido.

Sabemos que os lavradores lutam com difficuldades de braços, mas estamos certos de que o governo do benemerito sr. dr. Raul Soares, saberá tomar providencias acatrelatorias dos interesses da lavoura, afim de cessarem esses e outros entraves á sua marcha evolutiva.

Afim de proceder aos estudos da reconstrução da ponte da Barra, acha-se na cidade o sr. dr. Luiz Villela, competente engenheiro da 15.ª circumscripção do Estado.

Dr. Arthur Bernardes

Transcorreu no dia 8 deste o anniversario natalicio do eminente sr. dr. Arthur da Silva Bernardes, presidente da Republica.

Figura de assignalado relevo no scenario politico do Estado e do Paiz, o anniversario de s. excia. constitue um verdadeiro acontecimento nacional, que determina aos brasileiros uma excellente oportunidade para verificarem a serenidade de animo com que o illustre mineiro vae nortear a sua passagem pela presidencia da Republica.

Saído de uma vilíssima campanha em que seus feroces e desleaes adversarios não lhe pouparam nem um só instante a dignidade politica, nem a sua honra privada, o nosso querido coestadano tem sabido recalcar em seu coraçao bem formado os resentimentos oriundos dessa ingrata jornada, feita a poder de falsidades e de falsificações.

Espirito recto, tendo a nitida comprehensao de seus deveres, o dr. Arthur Bernardes tem sabido honrar a curul em que se assenta, mostrando, assim, que não erraram os que, como nós, pela imprensa, se baieram pela sua candidatura.

E' com o maximo contentamento que «O Operario» registra a ephemeride do anniversario de s. excia. a quem apresenta suas cordiaes e effusivas felicitações.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o edital da Camara Municipal, que hoje publicamos em outro local desta folha.

UMA DISTINÇÃO AO CLERO

O acto do governo brasileiro que fixou no respectivo Protocollo o logar dos cardeaes entre os principes de sangue, successores do soberano, teve agradável repercussão nos circulos dirigidos á Santa Sé, segundo se vê dos telegrammas publicados nos jornaes da capital federal.

«O Observatore Romano», órgão do Vaticano, commentando este acto, compraz-se vivamente com a libertação do governo brasileiro, a qual demonstra a alta importancia e consideração em que é tida no Brasil a igreja catholica.

O mesmo órgão exalta o Brasil como uma grande nação catholica latina, cuja capital, pelas suas excessivas belezas naturaes e surpreendentemente desenvolvimento commercial, industrial e ethico adquirido nos ultimos annos, é uma das mais encantadoras do mundo.

O Brasil acaba de dar hoje, diz o «Observatore Romano», uma nova prova de superior espirito de liberdade e de um objectivo sereno nas concessões de sua politica moderar de

Dr. Raul Soares

Completo mais um anno de util e preciosa existencia, no dia 7 do corrente, o exmo. sr. dr. Raul Soares de Moura, benemerito presidente do Estado.

Uma das personalidades de maior destaque social e politico no scenario da Republica, o sr. dr. Raul Soares teve, naquelle dia, ensejo de receber de todos os cantos do Paiz as manifestações mais inequivocas de amizade e solidariedade de milhares de brasileiros que sabem apreciar-o devidamente.

A data do anniversario de s. excia., dada a extraordinaria repercussão que teve, constituiu um verdadeiro acontecimento brasileiro. De festa intima, transformou-se em acontecimento nacional.

Não é de admirar que assim seja, porque quem tem passado pela vida em phase veriginosamente victoriosas, ha de necessariamente conquistar a admiração, o respeito e a estima dos seus coevos.

Filho do seu esforço, da sua recindão, da sua cultura e da sua indomavel energia, o dr. Raul Soares tem, em todos os cargos que ha occupado, revelado qualidades que desde logo o sagraram estadista genuinamente republicano, sinceramente empenhado em servir a Patria, que elle deseja ver grande prospera e feliz.

Associando-nos ás homenagens que lhe foram tributadas, apresentamos a s. excia. as nossas cordiaes saudações, que fazemos acompanhadas dos nossos anhelos pela sua constante felicidade pessoal.

sua legislação e permitindo, numa serie ininterrupta de annos, harmonica e pacifica, a collaboração do poder civil com o religioso, como testemunham as relações cordiaes que sempre existiram, e cada vez mais amistoras, entre o Brasil e o Vaticano.

«O Observatore» continua o seu editorial exaltando o progresso do Brasil e a sua actividade civil que caminha parallelamente com a vida catholica.

Aquelle órgão recorda que existem no Brasil 52 dioceses, sete prelaturas e tres prelaturas apostolicas, e põe em destaque o acolhimento que teve nesse paiz a missão pontificia encarregada de assistir aos festejos commemorativos do Centenario da Independencia Brasileira.

Termina o «Observatore» comprazendo-se com a harmonia do Brasil relativamente ás exigencias da vida moderna e nos elevados valores espirituales, concentrando para maior incremento da Republica e a sua grande afirmação no concerto das nações do mundo.

NOTAS SOCIAES

Anniversarios.

FIZERAM ANNOS:

A 7 deste, a exma. sra. d. Emorakda Vianita Ferreira Cezar, competente professora do Grupo Escolar desta cidade e digna esposa do sr. Bathoel Ferreira Cezar, industrial nesta cidade;

— nesse mesmo dia, a exma. sra. d. Laura Aveilar Monteiro de Castro, distinta consorte do nosso prezado amigo sr. cap. Alberto Monteiro de Castro, representante nesta zona da conceituada firma Silvino Fernandes & Cia, da Capital Federal.

A 9, o sr. cel. Francisco José de Oliveira Vermelho. Figura das mais prestigiosas do P. R. M. de Muriahe, politico de valor, cuja palavra é sempre ouvida com acatamento e respeito cidadão que é bem credor da estima e da veneração da nossa sociedade, o anniversario vê o seu nome cercado de um grande numero de amizades verdadeiras, por cuja razão, foi grandemente llicitado ao ensejo da passagem do seu anniversario.

— a 9 ainda, a interessante creança Zilda, filhinha do nosso amigo sr. dr. Guilherme de Abreu Lima. A Zilda recebeu muitas caricias e beijos de suas gentis amiguinhas por este acontecimento;

— a 10, o sr. Nicolino Minerinni, commerciante nesta cidade;

— nesse mesmo dia, o sr. Themistocles Eutropio, escrivão de paz do districto de Boa Familia;

— a 11, o sr. dr. Mario Urubaly Macedo, abalizado professor nesta cidade, onde dirige com alta proficiência o Athenaeu S. Paulo, de sua fundação e a Escola Normal.

Cavalleiro distinctissimo, por um conjunto de brillantes predicados que formam o seu grande espirito de lutador, prestando á causa do ensino nesta zona, relevantes serviços, pela tenacidade e pela dedicação com que tem sabido manter os dois estabelecimentos acima nomeados, o dr. Mario Macedo tornou-se figura de maximo relevo no meio social, o qual lhe prestou as maiores provas de sua estima e consideração á passagem do seu anniversario, hontem verificada.

— a 11, tambem, a gentil senhorinha normalista Maria Antunes, professora da Escola Normal e uma das mais distintas representantes do bello sexo muriahéense.

Completo mais um anniversario a 4 deste o menino Guilherme filho do sr. Simão Feres, activo commerciante em nossa praça. Commemorando esta data, os paes do anniversariante reuniram em sua casa diversas pessoas de suas relações, offerecendo-lhes lauto jantar, no correr do qual foram cumprimentados pelo prof. Carvalho em nome dos convidados.

Hospedes e viajantes

Esteve na cidade no correr desta semana o nosso joven conterraneo Colombo Arreguy, residente em Caratinga, onde redige apreciado semanario.

— Visitou a nossa cidade o sr. cel. José Paranhos de Campos, collector federal, em Santa Luzia do Carangola.

— Regressou da capital Federal o sr. cap. Osorio de Paula Ferreira, estimado commerciante de nossa praça.

— Vimos na cidade, no correr desta semana finda o sr. cap. Martinho

Rafinaria de assucar

Os srs. Lopes & Pereira, abastados commerciantes em nossa praça, acabam de adquirir em Ubá uma importante refinaria de assucar, para ser montada nesta cidade.

Os seus machinismos, que serão movidos a electricidade, já se acham despachados e aqui estarão dentro de curto praso.

O sr. cap. Astolpho Brum de Paula, acaba de montar nesta cidade á rua dr. Alves Pequeno, uma importante casa commercial, a qual tomou o nome de «Bazar Muriahé».

Costa de Almeida, conceituado commerciante no districto de Limeira.

— Viajou para a capital federal o sr. cap. José Pinheiro Guedes, commerciante nesta praça.

Enfermos

Acha-se de cama, sob os cuidados profissionaes do sr. dr. Guilherme de Abreu Lima a exma. sra. d. Maria Ferrari, esposa do sr. Façor Ferrari, industrial nesta cidade.

Acha-se doente ha quatro mezes o nosso distincto amigo e correligionario sr. cap. Francisco Joaquim Lobo de Rezende, intelligente fazendeiro em Boa Familia, o qual vem lutando neste periodo de tempo com aguda molestia, assistido pelos habéis clinicos drs. Marques Ladeira e Henrique Alves Pereira, residentes em Mirahy.

Apresentando ao enfermo as nossas visitas, desejamos o seu prompto restabelecimento.

Fallecimentos

Verificou-se a 7 deste o fallecimento da exma sra. d. Conceição Archanja Ventura, digna consorte do sr. cap. Manoel Ventura, capitista residente nesta cidade.

O enterro da dittoza senhora, realizou-se no dia immediato com grande acompanhamento.

Ao sr. cap. Manoel Ventura e a toda a familia enlutada, apresentamos sinceros pezaros.

Falleceu na fazenda Musicy, no districto de Santa Rita do Gloria, no dia 6 do corrente, o joven José Pedro dos Santos, cuja morte foi geralmente sentida. Quisera o extinto de real estima entre os seus concidadãos, como filho obediente e moço trabalhador que era.

Os seus funeraes tiveram grande concorrência, patentecendo-se assim a estima em que era tido.

Pezaros á sua familia.

Em Itaperuna, E. de Rio, falleceu a exma. sra. d. Avelia Mattos Abreu, esposa do sr. Marcirio de Andrade Abreu e cunhada do sr. cap. Jeronymo de Andrade Abreu, avaliador judicial deste termo.

A dittoza senhora, que com sua familia se transferia ha pouco, para aquelle municipio, era muito estimada, em Boa Familia, onde residia por muitos annos.

A familia da extincta apresentamos os nossos pezaros.

O numero 3

3 são as pessoas do S. S. Trindade. 3 são as Egrejas: militante, triunfante e purificante. 3 horas orou Jesus no horto de Gethsemani. 3 foram os dicipulos amados que assistiram á sua oração: Pedro Thiago e João. 3 foram os tribunaes por onde passou Jesus: o de Caifaz, de Pilatos e de Herodes. 3 vezes negou Pedro a Jesus. 3 vezes cabiu Jesus antes de chegar ao Calvario. 3 horas dorou a agonia de Jesus. 3 santas mulheres estavam junto a cruz: Maria Magdalena, Maria Cleofas e Maria Salomé. 3 são os lugares destinados ao homem na vida futura: céu, inferno e purgatorio. 3 são as categorias do tempo: eternidade para Deus; evon para os anjos e tempo para o homem. 3 são os inimigos da alma: mundo, diabo e carne. 3 são os reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. 3 são as sciencias que delles tratam: mineralogia, botânica e zoologia. 3 partes compõem o corpo humano: cabeça, tronco e pernas. 3 são os estados do homem: casado, solteiro e viuvo. 3 são os acontecimentos do homem: nascer, sofrer e morrer. 3 são as partes da arvore: raiz, caule e ramos. 3 são os estados do corpo: solido, liquido e gazoso. 3 são as dimensões dos corpos: comprimento, largura e espessura. 3 são os sabios conselhos: prudencia no animo, vergonha no rosto e silencio na lingua. 3 são os preceitos do direito. *honestat vivere, neminem ledere suum, cuique tribuere.* 3 são as virtudes theologicas: Fé, esperansa e caridade. 3 foram os reis que adoraram a Jesus: Baltazar, Gaspar e Melchior. 3 foram os presentes que lhe offereceram: ouro, incenso e myrrha. 3 são os continentes: antigo, novo e novissimo. 3 eram as horas da mythologia: segundo Hesiodo: Eonomia, Dicea, Irene, isto é, a Boa Ordem, a Justiça e a Paz. 3 eram as estações na mythologia grega: Primavera, o verão e o inverno. 3 nomes tinha Diana: na terra, Diana ou Artemis; no céu, a Lua ou Phebe; no inferno, Hecate. 3 eram as Parcas: Clotho, Lachisis e Atropos. 3 eram as juizas dos infernos: Rhadamaulho, Eaco e Minos. 3 eram as "Graças", filhas de Jupiter: Aglæ, (brilhante); Thalia (verde-jante) e Euphrosina (alegria da alma). 3 eram as Furias mais conhecidas: Fisisphone, Megera e Alecto. 3 cabeças tinha o "Cerberro" o semimella do palacio de Plutão. 3 eram as Harpyas: Colono, a obscuridade; Aello, a tempestade; Ocyete ou Ocythoe, a Rapida no vôo. 3 eram os templos dedicados a Venus: Paphia, na ilha de Paphos e Cytheria, na ilha de Cythera.

(Continúa no proximo numero).

Grupo Escolar

Fez no dia 7 do corrente 11 annos que foi instalado nesta cidade o Grupo Escolar Silveira Bram.

Estabelecimento de ensino, proficentemente dirigido pelo sr. professor José Gonçalves Couto, que é auxiliado por um esforçado e competente corpo docente, o Grupo Escolar, cada anno, que se passa, conquista novos louros e firma mais solidamente a reputação justissima de educandario modelo, de que goza ha muito tempo.

Assignalando esse facto, O Operario transmite ao corpo docente e discente dessa casa de instrucção os seus parabens.

O jardim da Infancia, incorporado, foi naquelle dia, saudar o Grupo Escolar, que na pessoa do seu director, foi felicitado pelo intelligente peiz Olavo Tostes, havendo uma interessante menina, cujo nome nos escapou, entregue ao sr. Couto um ramalhete de flores naturais.

O Atheneu S. Paulo e a Escola Normal, por uma commissão de alumnos tambem felicitaram o Grupo Escolar, havendo orado a senhorinha Maria da Purificação Gonzaga.

A todos, sensibilizado, o sr. professor Couto agradeceu.

PAPEL para cartas, em caixas, desde 2\$500, encontra-se nesta typ.

Camara Municipal

EDITAL

O cel. Izalino Romualdo da Silva, presidente da Camara Municipal, faz saber a todos os interessados que, a partir do dia primeiro de setembro proximo vindouro, somente o sr. José Isidoro Pereira poderá fazer e fornecer caixões de defuncto no perimetro urbano desta cidade, de accordo com o contracto lavrado na Secretaria desta Camara, em 13 de junho deste anno, com o sr. Sebastião Guimarães, contracto esse que, por termo de 19 de julho findo, foi transferido ao dito sr. José Isidoro Pereira, que tem seu escriptorio á praça João Pinheiro. Assim, todos os interessados, a partir daquela data, (1.º de setembro p. vindouro) deverão entender-se com o alludido senhor, que é obrigado a mostrar a todos as tabelas constantes do referido contracto e a telas em logar visivel no seu escriptorio, para que possam ser examinadas com facilidade pelo publico. Para que a noticia chegue ao conhecimento de todos mandou passar o presente edital, que eu, Francisco Nelson Monteiro de Castro, secretario, escrevi.

Muriahé, 6 de Agosto de 1923.

Izalino Romualdo da Silva.

LOJA "LABOR FORÇA E VIRTUDE"



SESS. MAG.

Ficam convidados os M. Mac., do Quad., para uma sessão Mag., de elei., a realizar-se em 10 do corrente.

Muriahé, 1 de agosto de 1923.

O Secr., Mesquita

EDITAL

DE CITAÇÃO COM PRAZO DE 30 DIAS.

O Dr. Lydio Alerano Bandeira de Mello, Juiz de Direito da comarca do Muriahé, na forma da lei, etc.

Faço saber aos que o presente edital de citação com o prazo de 30 dias virem, que delle noticias tiverem, que pelo cap. Waldemar Antonio Penna, lavrador, residente e domiciliado no districto desta cidade, foram-me dirigidas as petições do teor seguinte:— "Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito: Diz o cap. Waldemar Antonio Penna, promovente da divisaõ e medição da fazenda denominada "Martina", sita no districto desta cidade e que divide com terras de Camillo Martins, por dois lados com as do promovente, com algumas braças de cerca de arame e com quem mais do direito, que se dizem tambem condoninos do alludido immovel dividendo os srs. José Manoel Soares, Helena de tal, Antonio Nacif Nader, Maria da Conceição, Joaquim Vicente, Renato Gonçalves, casado com Bernardina, Isabel Conceição, com 18 annos, residentes no immovel e nesta cidade e João Evangelista Lacerda, Maria do Espirito Santo e Bernardina Antonia da Conceição, viuva de Martinho José da Silva e José Claudino da Rocha, residente no municipio de Capatinga, neste Estado. Nestas condições, requer a V. Excia. se digne de mandar citar os residentes neste municipio, por mandado e os ausentes e desconhecidos, caso existam alguns, nas suas proprias pessoas, os maiores, ou nestas conjuntamente com seus representantes si tuberes, ou na de seus representantes se menores ou casados, e nomeadamente de Bernardina Antonia da Conceição, por si e como representante de seus filhos menores de 16 annos, Joseph, e José Sebastião e como assistente de Isabel de Conceição, de 18 annos, por edital, com o prazo que V. Excia. marcar, para na primeira audiencia deste Juizo, depois de feitas e accusadas suas citações, virem se louvar em agrimensor, arbitradores e seus supplentes que procedam ás diligencias de divisaõ da fa-

zenda em questão, as de demarcação dos respectivos quinhões e abonarem as despesas pro-rata ficando desde logo citados para todos os termos do processado até final sentença e sua execução e ainda para nenhuma innovação fazerem no immovel dividido, sob as penas legais. Protesta o supplicante haver as custas da acção a que são obrigados os condoninos pro-

cedendo a parte que tiver direito nos fructos communs e a indemnização dos prejuizos causados depois de contestação de lide. Pede que D. e A. esta lide dada á causa o valor de 310\$.500 e protesta se por todos os generos de provas, sem nenhuma exclusão.— E. R. Meé. Muriahé, 5 de Junho de 1923. P. p. Alvaro Teixeira de Mello". (Achava-se devidamente inutilizada uma estampilha estadual de \$500 de folhas.) Despacho desta petição.) Na forma respectiva. Muriahé, 6 de Junho de 1923. L. A. Bandeira de Mello". (Distribuição) "N.º 622. off. — Mhé 6—6—1923. Maia" em virtude do que se passou este edital com o prazo de 30 dias, a contar da sua publicação no "Minas Geraes" pelo qual cito, chamo e requiro o comparecimento a este Juizo dos condoninos ausentes e desconhecidos, caso existam alguns, nas suas proprias pessoas, si maiores, ou nestas conjuntamente com seus representantes, si tuberes, ou na de seus representantes si menores ou casados, e declaradamente de Bernardina Antonia da Conceição, viuva de Martinho José da Silva por si e como representante de seus filhos menores de 16 annos, Joseph, José e Sebastião e como assistente de Isabel da Conceição, de 18 annos, e bem assim aos condoninos João Evangelista Lacerda, Maria do Espirito Santo e José Claudino da Rocha, de 18 annos, todos, para na minha primeira audiencia, depois de feitas e accusadas suas citações, virem se louvar com o requerente em agrimensor, arbitradores e seus supplentes que procedam ás diligencias de divisaõ da fazenda em questão, as de demarcação dos respectivos quinhões e abonarem as despesas pro-rata, ficando desde logo citados para todos os termos do processado até final sentença e sua execução e ainda para nada innovarem no immovel dividido, sob as penas da lei, ficando outrossim scientes de que as audiencias deste Juizo são dadas aos sabbados ás 12 horas, na sala propria do edificio do forum, desta cidade, no dia immediato anterior, quando feriado o sabbado. E para que chegue a noticia ao conhecimento de quem interessar possa, mandei passar este edital que será afixado no logar do costume e publicado pelo organo official dos poderes do Estado e por duas vezes, em um jornal local. Dado e passado nesta cidade de S. Paulo do Muriahé, aos 24 de julho de 1923. Eu, Antonio Leite Dornellas, escrevente juramentado, o escrevi Eu, José Pacheco de Medeiros, escrivão e subscreevo.

Lydio Alerano Bandeira de Mello.

(Estava devidamente selado).

Contenido
Era ut supra
O 2.º escrivão

J. Pacheco

EXPEDIENTE

Assignaturas:
Por anno 10\$000
Por 6 mezes 6\$000

Publicações:
Ineditorias e annuncios,
conforma combinação.

Nenhuma responsabilidade cabe ao O Operario, pelas opiniões emitidas em notas ou artigos, devidamente assignados.

Não se devolvem originaes, quer de materias relativas ao jornal, quer das referencias a obras, mesmo quando não forem publicados.

A parte commercial desta folha está a cargo do editor, com quem devem os interessados entender-se.

Qualquer falta ou irregularidade, que haja, no recebimento deste jornal, de prompto deve ser comunicada á redacção, para as devidas providencias.

Sobrado á VENDA

Por preço muito razoavel vende-se o grande sobrado na Barra, onde se acha installada, actualmente, a cerâmica do Sr. Manoel Gomes Tavares Filho.

Trata-se no Banco Hypothecario, nesta cidade.

EDITAL N.º 61

Juizo de paz e casamentos da cidade de S. Paulo do Muraihé

Faço saber que pretendem se casar perante a lei civil Symphonino José do Nascimento e Maria Galdina de Jesus, elle filho legitimo de Marcolino José do Nascimento e de Candida Maria de Jesus, natural deste districto, com 22 annos de idade, solteiro, com profissão de lavrador, e residente neste districto; ella, filha legitima de Antonio Gomes de Figueiredo e de Maria Marcelina de Jesus, natural deste districto, com 21 annos de idade, solteira, de profissão domestica, e residente neste districto.

Apresentaram os documentos exigidos pela lei, devidamente processados e houver impedimento legal que os tolha de casar-se um com o outro, accuso-o para os fins de direito. E para conhecimento de todos, lavra-se o presente edital para ser affixado na forma da lei e ler-se o costume.

Cartorio de Paz do Muraihé, 8 de agosto de 1923. O Official do Registro Civil — LAZISLAU PEDRO DE PAULA ANDRADE.

Situação á venda

VENDE-SE, distante 5 kilometros da estação de Patrocínio, E. do Rio, 30 alqueires de terras geometricas superiores, 100 X 100 braças, pequena parte cercada, mato e capoeirão com madeira e muita lenha, começo de lavoura nova de café, 20 a 30 mil pés, boa casa de moradia e 4 para colono, caxia e horta para travessia do rio, começo de sítio de dormente e lenha com 2 kilometros mais ou menos da linha terra.

Vende-se só o caixão, ou com grão e carros de trabalho, cercas, etc., por preço de occasião. Informações com o proprietario do Hotel dos Viajantes, em Patrocínio.

Dr. Alves Neves

DOENÇAS DA NUTRIÇÃO

(Asthma, Rheumatismo, Gotta, Obsidade, Eczema, Diabetes, Debilidade, Neurasthenia, Arthrisimo)

Tratamento moderno e por processo especial. — Cons. 1 ás 3 horas.

Rua Dr. Carmo Netto, 58, Rio de Janeiro.



Ford
DE UNIVERSALGAR

O melhor e mais barato do universo.

Ensina-se a guiar gratuitamente a quem nos comprar um.

AGENTES NESTA CIDADE:

Santos & Ligeiro.

Fazenda á venda

VENDE-SE a fazenda de "Santa Clara", situada no districto da Limeira, com 48 alqueires de terras, 6 boas cascas para colonos, todas assanilhadas e cobertas de telhas e taboalhas, optima casa de morada assabradada, boa agua para o serventaria, posto cercado de araz e fepado, excellente ponto para negocio e para compras de café; possui agua sufficiente para asento de uma machina de café. Está produzindo a mesma mil e tantas arrobas de café, tendo entre novos e vellos 80 mil pés de café.

Para ver e tratar com o seu proprietario.

Olimaro Antonio Rebello.

Hotel Emilio Baranez

61 — Rua VISIRA FAZENDA — 61
Rio de Janeiro

Dista 2 minutos da Exposição das Barcas e Avenida Central.

Muito avelo orden e promptido

Chegando-se na Praia Formosa ou Central, toma-se os bondes para praça 15 ou Barcas, que irão direitinho ao hotel.

Direcção da familia do proprietario.

Diaria com todo conforto 10\$

Quem allí se hospedar uma vez, não abandonará mais.

\$800

É o preço da "CINE PAPEL" com o retrato dos celebres artistas americanos. Encontra-se nesta typographia.

O OPERARIO

Optima venda

OCCASIAO UNICA

VENDE-SE 4 casas situadas á Rua Desembargador Canedo, com installações completas de agua, esgotos e luz. Tem anexo terreno para construção de mais uma casa com 1 alqueire de terra em pasto todo cercado com 5 fios de arame dando uma boa renda. O motivo desta venda devido a familia ter de tratar de outros negocios. Trata-se com o Sr. Geraldo Grilli.

Dr. José A. Miranda Ludolf

Advogado

Accia causas civis, commercias e criminaes, nesta e nas comarcas vizinhas.

Escritorio — Rua Municipal 19,
TEL. 1012. 1122

Loteria do Estado de Minas Geraes

Unica no universo que distribue 80% em premios.

Primeira extracção no dia 2 de Agosto proximo.

100.000\$000

Pedidos de bilhetes ao agente geral

PLINIO TAVARES.

S. Paulo do Muraihé

Rs. 500\$ de premio!

Passar os 36 quartos da casa do SABÃO PITEIRA sem voltar a nenhum.

Acabaram-se as molestias da pelle!



Vende-se em todas as farmacias.

Machinas para café

Srs. Silva & Cia. fabricantes das afamadas machinas "Camargo" e do Classificador "Catador Salles", para beneficio e re-beneficio de café, veem offerecer as suas machinas aos senhores lavradores desta zona, bem como todo e qualquer mecanismo para lavoura, como sejam moendas para canna, moinhos para fábá, machina de matar formiga, etc.

Os interessados poderão se dirigir a Capital de S. Paulo, Rua Liberto Badurá 123.

COMPRA-SE um piano de boa marca que não esteja estragado. Informações na redacção deste jornal.

ESCOLA NORMAL S. PAULO

Equiparado á Escola Normal Modelo de Belo Horizonte

Externato mixto

Cursos: de admissão, normal, de musica e de pintura.

INFORMAÇÃO — Para os exames de admissão e de segunda epocha e para a matricula os candidatos devem apresentar os seus requerimentos á Secretaria da Escola do dia 20 ao ultimo de Fevereiro.

Atheneu S. Paulo

FUNDADO EM 1918

INTERNATO para o sexo masculino
EXTERNATO para ambos os sexos.

Cursos: primario, de admissão e gymnasial

INFORMAÇÃO — Do curso gymnasial só funcionarão este anno o 1.º e o 2.º anno segundo os programmas do Gymnasio Nacional (Collegio Pedro II). No proximo anno de 1924 será installado todo o curso gymnasial para o que já foram iniciadas as obras de augmento e adaptação do prédio em que funcionam os dois estabelecimentos de ensino.

1) Os exames das materias que se terminam no 2.º anno, serão prestados este anno em Barbacena ou no Rio de Janeiro.

CORPO DOCENTE: Mario Ururahy Macedo, Dr. José Agostinho de Mattos, Prof. F. Nelson Monteiro de Castro, Phco. Edmo Durão de Miranda, normalista Clira Antunes, Maria Antunes, Carmen Sabbo, Juracy Coutinho e Marciano Rodrigues da Silva Netto.

Para qualquer informação dirigir-se ao Director

MARIO URURAHY MACEDO

COLLEGIO

"Immaculada Conceição"

FUNDADO EM 1923

INTERNATO para o sexo feminino.

EXTERNATO para ambos os sexos accedendo-se meninos até 10 annos.

CURSOS preliminar, primario, complementar e de admissão.

As aulas funcionam em dois turnos: das 7 ás 11 e das 12 ás 4 da tarde.

Para mais informações peçam Estatutos.

DIRECTORA — Maria Brandão Lobato Silva.

Rua Barão do Monte Alto n. 14

S. Paulo do Muraihé

X. P. L.

Jornal de Viçosa

DIVERSOS REDACTORES E COLLABORADORES

Redacção e Officinas Rua Dr. Arthur Bernardes, 46 ————— Direcção de Sylvio Loureiro

ANNO II

CIDADE DE VIÇOSA, 31 DE JANEIRO DE 1925

N. 15

DR. ARTHUR BERNARDES

A's 9 1/2 horas da manhã do dia 14 deste mez, acompanhado de sua exma. familia, chegou ao pittoresco Sylvestre suburbio desta cidade, o exmo sr. dr. Arthur Bernardes, illustre presidente da Republica.

S. Excia. permaneceu, entre no's, durante 14 dias precisamente, tendo regressado ao Rio no dia 28 do corrente, em trem especial da Leopoldina.

O dr. Arthur Bernardes quiz, com a sua vinda ao nosso meio, procurar descaço e rever os seus velhos amigos de Viçosa, tendo escolhido para sua permanencia, o doce recanto de Sylvestre.

Durante a sua curta permanencia nesta terra, S. Excia. teve, mais uma vez, occasião de receber inequívocas demonstrações de apreço, a que faz jus, não só de todo o municipio como de outros lugares, merecendo especial menção a visita que recebeu de cerca de 200 pessoas que, em trem especial, vieram de Ubá, significar-lhe pessoalmente a sua admiração.

Viçosa mais uma vez ufana, com a visita do seu dilecto filho, descobre-se, reverente, para agradecer ao eminente Chefe da Nação a honra que teve com sua visita, aliás, muito significativa.

Recebemos devida participação do contracto de casamento do sr. Osmar Campos com a normalista Virginia Jardim.

Agradecemos

Do sr. Antonio Caetano Ferreira da Silva, fazendelro capitalista residente no districto desta cidade, recebemos amavel convite para assistirmos a inauguração da luz e força electricas com que acabam de dotar a sua magnifica propriedade agricola.

Os nossos agradecimentos.

Regressou de sua viagem ao municipio de Caratinga, o nosso amigo pharmaceutico Mario Dutra dos Santos.

Enviamos ao nosso amigo Anthéro Barroso Junior e á sua exma. esposa, os parabens pelo nascimento de seu interessante filhinho.

Associação Commercial de Viçosa

Reune-se hoje em sessão ordinaria, ás 7 horas da noite, a directoria da Associação Commercial de Viçosa.

Dr. Sandoval de Azevedo

A nossa cidade foi honrada, em dias do corrente mez, com a visita do exmo. sr. Dr. Sandoval de Azevedo, illustre secretario do Interior deste Estado.

Acompanharam sua excia. os srs. drs. Negrão de Lima, seu official de gabinete tenente José Persilva, official á sua disposição e deputados Washington Pires, Agenor Alves e Celso Machado.

S. excia. nos distinguiu com o seu cartão de cumprimentos e despedidas, o que muito agradecemos.

Transferiu sua residencia para a districto do Herval, o sr. Lucas Evangelista da Costa, tendo nos apresentado as suas despedidas.

Dr. Didur de Freitas Castro

Concluiu brilhantemente o curso medico na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, o jovem Dr. Didur de Freitas Castro, filho do nosso conterraneo dr. José Felipe de Freitas Castro.

Ao novo medico endereçamos os nossos cumprimentos, desejando muitas felicidades na sua profissão.

Realisou-se nesta cidade, no dia 20 do corrente, com extraordinaria concurrencia de fieis, a tradicional festa de S. Sebastião.

Camara Municipal

Reuniu-se em sessão ordinaria nos dias 14, 15, e 16 do corrente a nossa Camara Municipal, sob a presidencia do exmo. sr. dr. Antonio Gomes Barbosa e com o comparecimento dos vereadores dr. João Braz da Costa Val, cel. Antonio Padua de Bittencourt, Agenor Alvim de Souza e Silva. Bemvindo dos Anjos Machado, Alceu Lopes de Faria e Ernesto Lopes Soares.

Foram votadas as seguintes leis: encampação da estrada de automoveis que liga a sede do districto do Herval a do de Coimbra;

venda em hasta publica do predio do extinto conselho districtal de Coimbra,

constrcção de duas pontes em Araponga;

aceitando a doação da estrada de automoveis feita a Camara pela Empresa de Cajury;

Instalação de water closets e victorios publicos em varios pontos da cidade;

fixação do preço da venda de carne verde;

elevação da multa por infração de posturas municipaes;

augmentando os vencimentos dos funcionarios municipaes e

elevando a 3,600\$000 a subvencção annual concedida a typographia da "Cidade de Viçosa"

Aos nossos leitores

Devido a falta de papel, somos forçados a diminuir o formato do nosso jornal, isto provisoriamente.

Logo que de entrada no mercado o papel apropriado, continuaremos a editar o nosso periodico no seu primitivo formato.

A benevolencia dos nossos assignantes desculpará a nossa falta involuntaria

Carnaval

O carnavalahi vem...

Os "Trombeteiros" vão festejar-o com grande animação. O sr. Mario Barros, esforça-se para apresentar diversos carros de fina confecção e quer por que quer festejar este anno, o carnaval. Esta' incançavel e não perde tempo.

Esperemos o final.

Os nossos amigos Francisco Santiago e Pedro Pereira Sobrinho, organisaram um club carnavalesco em S. Miguel do Anta onde reina grande entusiasmo.

Avante, foliões!

SENHORITAS MIGUEZ

A nossa cidade hospeda desde alguns dias as distinctas senhoritas Miguez, competentes professoras na Capital Federal. Vizitamol-as.

Com sua exma. familia fixou residencia nesta cidade o sr. Jesus Lotti de Mello, tendo se estabelecido com uma casa commercial a' Praça do Rosario.

Vimos na cidade o tenente Manuel Bento Moreira, escrivão do districto de S. Vicente do Grama

Assumi as funções de superintendente da Companhia Força e Luz Viçosense, o nosso conterraneo, engenheiro dr. José Machado de Mello.

Professor Alipio Peres

Esteve alguns dias nesta cidade o illustre professor Alipio Peres, thesoureiro da E. F. Noroeste do Brasil.

O distincto hospede, recebeu nesta cidade, muitas visitas não só dos seus amigos como tambem dos seus ex-alunos do Gymnasio e Escola Normal, por elle fundados.

Ao nosso distincto amigo capitão Modesto Lopes de Faria Reis e à sua exma. snra. levamos os nossos pesames pelo fallecimento de sua filha senhorinha Zizi, occorrido em S. Miguel do Anta. em dias do corrente mez.

Ao snr. José Lopes Coelho e à sua exma. senhora enviamos os nossos pesames pelo fallecimento de seu filhinho José, occorrido no dia 23 do corrente.

DEPUTADO OSCAR LOUREIRO



Esteve algumas horas nesta cidade o deputado federal Oscar Augusto Loureiro, irmão do nosso director, tendo ja' regressado ao Rio de Janeiro.

DEPUTADO CORDOVIL PINTO COELHO

Accompanhado de sua exma. familia esteve n'esta cidade, tendo nos dado a honra de uma rapida visita, o nosso amigo deputado dr. Cordovil Pinto Coelho.

Cel. RAFAEL DA SILVA

ARAUJO
Esteve n'esta cidade o nosso velho amigo coronel Rafael da Silva Araujo, advogado e pessoa de real destaque na politica do municipio de Caratinga.

Pelo fisco

Termina no dia 15 do mez de fevereiro o prazo para a entrega da formulas para o effeito do imposto sobre a renda.

A Collectoria Estadual, recebe no mez fevereiro as importancias dos impostos de industria, profissão e bebidas alcoolicas

ELEIÇÕES DISTRICTAES

Está designado o dia 15 do p mez de fevereiro para as eleições dos cargos de vereadores especiaes dos districtos de Pedra do Anta e São Miguel.

Diverssões

Cine-Theatro Paladinos

HOJE—SABBADO—HOJE
Continuação do soberbo film em 15 series por W. Duncan
Mysterio da Meia Noite

AMANHÃ—DOMINGO
O mejestoso film tambem em series pelo corajoso e querido astro ANTONIO MORENO

Vingança Silenciosa

BREVEMENTE
O consagrado film que obteve grandes successos nos cinemas do Rio de Janeiro.

VINHO CAPITOSO

CINEMA-VIÇOSENSE

HOJE—SABBADO—HOJE
Continuação do empolgante e atrahente film em series da victoriosa fabrica Almendra-film

Protegido de Satanaz

AMANHÃ—DOMINGO
Mais outra pellicua de grande aparato e ornada com um conjunto de artistas de destaque no mundo cinematographico, intitulado

O Setimo Dia

Dia 3 de Fevereiro a super-produção, em 7 actos

Mocidade Cega

Pela consagrada estrella

Maria Carr

—BRVE—

Roleaux

CANETAS TINTEIROS

Na Papelaria Santa Helena

Fomos visitados pelos distinctos amigos Jesus de Almeida, Jesus de Queros Costa, Arlindo Gomes Cardoso, Capitão Augusto Penna, José Gomes Sampaio, Rafael Jacovine, José Guedes de Bittencourt, Horacio Baptista de Miranda, Manoel Zaidan e Manoel Araujo Guimarães.

Contracto de casamento

Do nosso distincto amigo Francisco Barbosa da Paixão honrado commerciante no districto de Araponga, recebemos communicação do contracto de seu casamento com o senhorinha Maria Nomes de Castro.

Fazemos votos pelas felicidades dos noivos.

Os nossos amigos

Prestaram auxilio para a manuntenção do nosso jornal que não tem ligação politica e nem recebe dos governos o menor favor, pagando as suas assignaturas correspondentes ao segundo anno, os distinctos amigos

Benevides de Souza Freitas, Alvaro de Souza, Honorino de Resende, Antonio José da Silva Teixeira, Saturnino Martins Rodrigues, Alfredo Castro de Resende, José Lopes Dias, Pedro de Abreu e Silva, Benvenuto dos Anjos Macedo, Orindo de Oliveira Lopes, Pedro Alves Ladeira, Antenor Castro de Resende, José Guedes de Bittencourt, Alpinolo Souza, Augusto Gonçalves Fontes, Dr. André Dumortout e Alfredo Gomes.

(Continua)

Capitão Heraclito da Costa Val

Com sua exma. familia chegou hontem á esta cidade o nosso velho amigo capitão Heraclito da Costa Val, digno funcionario publico Estadual.

Vizitamol-a

PROPHILAXIA RURAL

A primeira conferencia do sr. director do Hospital Regional

O exmo snr. dr Mario Barreto, digno director do Hospital Regional da Zona da Matta, nesta cidade realiso no dia 8 do corrente, no Cine Theatro Paladinos a sua primeira conferencia de propagação da Prophylaxia Rural, á ella tendo comparecido grande numero de pessoas representando todas as nossas classes.

Iniciamos hoje a publicação do exordio da conferencia do illustre medico, trazendo assim ao conhecimento dos nossos leitores, um facto que desperta todo o interesse, visto tratar-se de uma medida protectora da saude publica.

Minhas senhoras, dignissimos colegas, meus senhores.

Dirigindo-me hoje ao publico, pela primeira vez, em Viçosa, que, mineira na tradição e na expressiva eloquencia das grandes energias, toda ella agora se empolga e se levanta e sente rejuvenescida a imperiosidade do triumpho do direito e a victoria da justiça, injusto que as minhas palavras não lembrassem estes gestos do forte patriotismo, e como representante de um serviço de hygiene não os applaudisse n'esta communhão natural de solidariedade, que todo cidadão, todo homem, educado nos deveres civicos, elava e proclama e divulga e fez publico sem receio de qualquer injustiça, julgando de liscnja a minha convicção e de engrossamento o meu grito e meu protesto contra as hypertrophias pessoas dos perturbadores da ordem, que aniquilam o paiz e objectam ás finalidades da Prophylaxia Rural, como necessidade absoluta, um novo pregamma: o de dizer ao povo que só a ordem é compativel com a coordenação do progresso de nossa terra e que o respeito á vontade civil é a synthese da grandeza do Brazil! Nós o povo com a lei, dentro da lei é que somos o paiz; o seremos, educados em moldes rípidos e severos de impellitua prohibidade, o coração do Brazil, a alma viva da terra, em que nascemos que estabelecemos pelo trabalho honesto, fecundo e intelligente e pelo bom cumprimento dos deveres, que nos são impostos, os alicerces fundamentais e as bases solidas da vida nacional.

Onde o povo não chega nem existe o traço da sua inteira collaboraçãõ não está a nação, que clama de todos nós um esforço decisivo absolutamente efficaç, contra estes surtos caracteristicos e anonyms, vivendo entre o molito e a desordem, entre a violencia e o saque, e entre a brutalidade e a cobardia completa da falta de uma definição compativel com a honra e a dignidade das altitudes em que se arrastaram criminosamente revo-

lucionarios, sem ideias que vixem o povo, á nós e ao Brazil inteiro, bastante assoberbado de compromissos e necessitando de methodisação de um grande numero de problemas, dizendo de parto com a sua prosperidade do seu desenvolvimento economico!

Pois que á homens, ás machinas vivas do trabalho, expressão maxima do florecimento do paiz, eu me dirijo e fallo, como dignatario de um cargo, em que função maior é estabelecer-lhes a saude, preparar-lhes a hygiene em prol de melhores proventos pessoas e gerias de economia interna — mal notavel seria que na Prophylaxia Rural os nossos ensinamentos de propagação, os nossos deveres de divulgação não procurassem tambem o soerguimento dos caracteristicos moraes das populações, soccorridas pela multiplicidade dos recursos, hygienicos hodiernos, através a mais republicana e mais democratica creação da Republica!

O chenopodio para a Uncinariose, o mercurio para a syphilis a quinina para o Impaludismo, curando os portadores d'estas doencas, endemicas no paiz inteiro seriam e serão semente esteril no terreno da personalidade, se os auxilios da Saude Publica não tornarem conhecidos os grandes remedios moraes, os novos estímulos da individualidade civica definida, sadia e profundamente capaz!

É preciso que renascamos todos dentro da nossa Renascença: homens de verdade nacionalmente brasileiros, retemperados e caldeados nas grandes elevações moraes do respeito á lei; na intolerancia absoluta á transigencia dos deveres e das responsabilidades; no culto intenso, perseverante do labor da terra promissora; na consagração dos actos honestos; na virtude admiravel das prohibidades intangiveis; no amor á familia, na dignidade da Patria, que pede toda collaboraçãõ universal; mas, saberá repellir o insulto da conquista e a intervenção silenciosa e grosseira dos aventureiros!

Continúa

Estiveram em a nossa redacçãoos distinctos amigos Angelo Jacovine, Manoel Bernardes Ramos, Arlindo Brandão de Resende, Luiz Braz Ferreira, João Baptista Correia, Antonio Brandão de Rezende, Ernesto Lopes Soares, José Pereira Bitarães, Theonillo Carneiro, Eduardo Lopes Baião, Carlos Penna, Gabriel José Brumano, José Antonio de Oliveira, José Galdino Mamão, Amadeu de Souza Freitas, José Paulino de Rezende, Pedro Alves Ladeira, Luiz Baptista da Silva, Sebastião Lopes Valente, José Rodrigues Milagres, João Rigueira, Egidio da Silva Pontes

Postaes

Na Papelaria Santa Helena

Folhinhas

Fomos obsequiados com lindas folhinhas de desfolhar pelos nossos amigos Mello e Comp., Joventino Octavio de Alencar & Comp., Manoel Pereira Coelho, José Gomes Brandão, Dario Lopes de Faria Araujo & Martinho, José Pires Dantas, Soares, Cardoso & Comp, João José de Araujo, Francisco dos Santos, Henrique Pinto Ferreira, Costa Val & Filho, Fortunato Teixeira, João Schettine Sobrinho, João Faustino de Almeida, Alpino de Souza, João Martins Junior, Sigismundo Ferreira, Ferreira, Vianna & C, Gabriel José Brumano, Arlindo Gomes Cardoso, Angelo José, Andrade & Comp., Eularino Teixeira, Carmello Jacovine, Oriando Honorio de Freitas, Gordinho Braune & C, Joaquim Antonio Nunes & Com, Companhia Lytographica Ypiranga e S. Rigueira & Comp.

Os nossos agradecimentos

Anniversarios

Completo mais um anno de vida, no dia 12 do corrente a exma. sra. d. Clara, digna esposa do nosso amigo Capitão Alfredo Pinto Teixeira.

—Fizeram annos no dia 18 do corrente os srs. José Euclides, Dirceu San'Anna e Mario Loureiro.

—Transcorreu no dia 19 do corrente, o anniversario natalicio do noosa amigo advogado José Canuto Torres.

—Passou a 21 do corrente a data natalicia do nosso amigo coronel Francisco Jose' Alves Torres, honrado tabelião do 1.º officio.

—A 22 do corrente festejou o seu anniversario natalicio o nosso amigo deputado Emilio Jardim de Resende

—Festejou no dia 19 do corrente o seu anniversario natalicio a senhorinha Maria Lopes Simplicio filha do noosa amigo João Simplicio Lopes

Parabens.

TENENTE OCTAVIANO B. DE CASTRO

Por acto do governo Federal, foi promovido a 2º tenente do exercito o noosa amigo Octaviano B. de Castro, instructor militar do Gymnasio de Viçosa.

Os nossos parabens

Com sua exma. familia viajou para a Capital de S. Paulo, o sr. Nicolau Martiño, proprietario da Thesoura Infalivel.

Viajou para Ouro Preto o nooso amigo dr. Arnaldo Carneiro Vianna esforçado director do Gymnasio de Viçosa

"AGENCIA CHEVROLET"

Vae ser installada á Praça do Rosario d'esta cidade uma agencia 'Chevrolet' a cargo do sr. Luiz Lopes Gomes, unico agente autorisado n'este municipio

VIMOS na cidade o dr. Washington Vaz de Mello.

Secção Livre

DESAPPARECEU da propriedade do Snr Francisco Rodrigues Leal, na noite de 7 para 8 d'este uma Besta ruana, com marca 5 no lado do queixo esquerdo, uma lista branca na testa pendendo mais ao lado direito, está egualando, 6 palmos francos de altura, clina branca, bem marcheira, muito mansa tendo uma falha em um dos cascos dos pés.

Gratifico a quem dê informações certas com 100\$000

Proprietario — Francisco Rodrigues Leal.

VENDE-SE em boas condições um gabinete dentario, completo e novo.

Informações n'esta redacção (3-1)

VENDE-SE á Pensão Familiar, Mobiliario novo e conservado

Ver tratar com o seu proprietario João Paulino de Mello á Avenida Santa Rita.

VENDE-SE um moinho para fubá marca "Gloria."

Ver e tratar em Teixeiraes com Snr. Sigismundo Ferreira.

VENDE-SE Um motor electrico foça de 3 H P., novo.

Informações n'esta Redacção.

Papelaria Santa Helena



ESTABELECIMENTO GRAPHICO DE 1.^A ORDEM

Typographia, Papelaria, Livraria, Trichromia,
Alto relevo, Gravuras etc. etc.

Officina Typographica montada com todo o GOSTO

Tem sempre em deposito o mais completo sortimento de papeis em todos os generos, como sejam: papel aspero, assetinado para obras pautado e riscado para obras, facturas e contas correntes; papeis brancos e de cores para contas, talões, letras, rotulos, mappas, annuncios etc.; papeis para capa: marmore, couro, changrm, imitando couro, duas faces etc; cartão branco e de cores, em folha ou cortado por formatos determinados; cartões de visita, memoranduns, em branco ou pautados, notas, facturas e cartões com clichês impressos. etc.; papel de seda e papel impermeavel de todas as cores; papel para embrulho e saccos de papel de todos os formatos

Nas suas bem montadas officinas executam-se com presteza, nitidez, perfeição impressos de qualquer qualidade, a uma ou mais cores, como sejam: Facturas, Notas, Circulares, Memoranduns, Letras, Recibos, Ordens, Bilhetes Postaes, Folhinhas, Contas Correntes, Preços, Participações de Casamento, Nascimento e Baptisado, Felicitações, Convites de Missa e de Enterro, Cartões de Visita, brancos, tarjados e de phantasia, e enfim, todo e qualquer trabalho typographico por maior e mais complicado que seja.

Secção completa de Papelaria, objectos escolares
e para escriptorio.

ARTIGOS PARA PRESENTES

Livros collegiaes, para o commercio e livros fiscaes

Material Photographico da Kodak

VIDE O NOSSO CATALOGO

Editora do "Jornal de Viçosa"

Direcção de SYLVIO LOUREIRO

Rua Dr. Arthur Bernardes n. 46

VIÇOSA. MINAS

Jornal de Viçosa

DIVERSOS REDACTORES E COLLABORADORES
DIRECÇÃO DE SYLVIO LOUREIRO

Anno V

ASSIGNATURAS
Anno 10\$000
Numero avulso 200 réis

PUBLICAÇÃO SEMANAL
CIDADE DE VIÇOSA, (Minas), 11 de Fevereiro de 1928

Redacção e officinas
Rua Dr. Arthur Bernardes N. 46

Num. 28

Banco Popular de Viçosa

Para certos espiritos, não sei se diga demasiadamente pessimistas, se demasiadamente perversos, os institutos de credito bancario representam ou um laço armado para engazupar os nescios e incautos, ou uma verdadeira ameaça aos lugares onde funcionam.

Aos olhos, porém, dos que attingem ás coisas e aos homens só pela sua utilidade social, os bancos, quando criteriosamente dirigidos, constituem um dos factores mais preponderantes do progresso humano. E' a estes espiritos, portanto, a quem dirijo estas linhas. E' a estes, os unicos obreiros da grandeza social, a quem eu vou dizer que Viçosa está de parabéns, porque conta, ha quasi uma semana, com mais um estabelecimento de credito bancario, que irá, sem duvida, cooperar para a sua independencia economico-financeira.

Não me foi conferida a honra de um convite, já não quero dizer para um dos accionistas, mas para assistir á inauguração do «Banco Popular de Viçosa». Entretanto, como muitos despeitados, não me fiz nem me farei inimigo dessa util instituição, ainda que os seus incorporadores, aos quaes quero bem, como tal me reconheçam. Ao contrario, exercendo nessa bizarra iniciativa uma nova fase de prosperidade para este populoso municipio, que é meu pelo coração, não me colloco e jamais me collocarei, sob pretexto nenhum, na galeria daquelles espiritos demolidores a que já me referi e que a sociedade, infelizmente, tolera. Não. Sou e serei um dos mais sinceros apologistas do «Banco Popular de Viçosa», e—affirmo—o solememente—no dia em que a sorte me sorrir, não hesitarei em procurá-lo para lá depositar as minhas economias. Nada mais justo.

Levada, infelizmente, ao descredito por individuos desclassificados, que são, na sua totalidade, *mondongos*, ou, antes, *mondongos* que se occupam do mistério de caixeiros—viagantes, Viçosa não podia dar melhor

prova da inteireza moral e financeira de seus filhos, com a fundação do seu Banco. Porque isto equivale a um bofetão vibrado pelos viçosenses ás faces dos seus irresponsaveis detractores.

As crises de numerario, oriundas do retrahimento das operações bancarias, surpreendem quasi sempre não só os banqueiros mais cautos e experimentados, mas tambem os clientes mais honestos e activos, os quaes não podem, muita vez, sahir do *impasse* em que os negocios os collocaram. Foi o que se deu entre nós e em muitas cidades de Minas, ao sobrevir este periodo critico para os institutos de credito, periodo que chegou a taldar tristemente os horizontes financeiros do Brasil.

Na lucta formidavel que cada vez mais se acirra entre o capital e o trabalho, sobretudo depois da grande guerra, os institutos de credito, pelos quaes é moldado o «Banco Popular de Viçosa», são como que uma especie de medrador plastico. Não suprimem o capital, mas lhe retiram a direcção exclusiva dos negocios, abolido a parte que a esse titulo e sob a forma de lucro lhe é assegurada nas outras organizações. Por outro lado, não extinguem a propriedade particular, mas a generalisam, enviando ao seu lado uma propriedade collectiva. E ao mesmo tempo substituem a concorrência pela solidariedade e concorrem para a eliminação dos intermediarios.

Repousando exclusivamente sobre o credito pessoal, esses institutos não visam lucro mas apenas desconhecimento do credito, e contribuem em alta escala para maior aproximação das classes a que servem, desenvolvendo nellas o espirito de solidariedade.

Dos dois typos que existem, de bancos populares e agricolas, o allemão e o italiano, tem sido exactamente este, na formula proposta por Luzzatti, o que vai ganhando terreno em toda a parte. E o mais antigo dos bancos deste typo, em Minas, tal-

vez não conte ainda um anno de existencia. Entretanto, nesse curto lapso de tempo, é assustador o desenvolvimento dessa benemerita instituição.

As classes activas do municipio de Viçosa sentiam-se incompletas com a falta de um estabelecimento de credito que se constituísse o ponto de irradiação de sua crescente prosperidade. E nenhuma iniciativa mais proveitosa para o momento do que o Banco Popular, estribado no esplendido systema de cooperativismo de credito, cujos resultados têm sido surpreendentes em todo o Brasil. E' que, moldados no principio da modestia e da discreção, os Bancos Luzzatti, longe de apregoarem a ostentação e a riqueza, firmam o seu reconhecido prestigio, tão somente, no caracter de popularidade de suas operações.

Incentivando os pequenos depositos, ensinando o povo a amellar as suas economias, facilitando o credito agricola e commercial, esses estabelecimentos de credito vão dia a dia se impondo como elementos de absoluta necessidade entre as classes productoras e laboriosas.

E outro programma não é o do «Banco Popular de Viçosa», que pretende ser um centro de credito para os que trabalham e contribuem com a sua parcella de esforços em proveito da collectividade. Porque, sendo o seu principal objectivo acoroçoar as classes activas do municipio, facilitando-lhes, tanto quanto possível, o credito que por vezes lhes falta no tempo mais opportuno, amparará, sem duvida, dentro do seu programma intelligente de trabalho, os modestos commerciantes e industriaes. E quantos destes, á mingua de um ligeiro auxilio, têm naufragado em plena actividade, quando a taboa de salvação de um pequeno credito poderia ampará-los!

Acalenta-me a esperança de que o «Banco Popular de Viçosa», incentivado, sob a egide

Imprensa Partidaria

Dr. Mario Barreto

Surgiu em Bello Horizonte um novo jornal, cujos fundamentos de independencia na analyse administrativa do Estado de Minas Geraes, tem merecido uma generosa accitação.

Ouçõ referi-o por todo o publico leitor interessado no reavivamento das energias fracionaes, que Minas reúne em torno de iniciativas eficazes para a sua almejada prosperidade.

De outro lado, accorda a maioria, em que, pela primeira vez, a opposição se arregimenta e apresenta ás populações com idéas impressas, através a imprensa de grande curso; as

intelligente do Dr. Emilio Jardim, por todas as classes do municipio, não terá, como sóe acontecer com todas as iniciativas desta terra, a existencia desafortunada das coisas efemerias. Porque os seus incorporadores e dirigentes, homens criteriosos e dotados de uma invejavel capacidade de trabalho, não terão duvidas em levar de vencida os obstaculos que por acaso surjam na trajetoria traçada na vida do novel instituto de credito. Para tanto ha mister somente o apoio incondicional, não só dos espiritos emprehededores que o vão guiando, mas tambem o de todos os cooperativistas que deverão constituir uma só familia, unida e solidaria, para a victoria mais completa deste emprehendimento.

Pompeu Amado.

DR. EMILIO JARDIM DE REZENDE
ADVOGADO

REABRIU SEU ESCRITORIO NESTA CIDADE

Viçosa-Minas

edições do diário, tendendo para maior vulto e em pouco tempo á elevarem-se consideravelmente. No entanto, porque um diário se dá a analyse judiciosa e sincera dos actos publicos, logo ha de investir-lhe a frente opposicionista, aguçando o appetite do povo mineiro, e que precisamos destrinçar, notando-lhe a tendencia secular para outros jornaes, estigmatizados de caracter contrario aos poderes constituídos.

Convenhamos todos em que é difficil tarefa discernir, onde o jornalismo seja pró ou contra, permitindo-lhe francamente a individualisação partidária!

Tenho para mim, que, baseada na observação paradoxal dos factos diários, mais opposicionistas são os jornaes dos governos, incondicionalmente defendendo-os?

Os governos são poderes, que se constituem á sombra dos principios republicanos para a completa execução delles, dentro de leis organisadas e codificadas em um estatuto elemental, fundamental. O paiz ipso facto, não será mais que as expressões d'este paradigma basilar, donde não é consentido ninguem arredar-se sem dano patente as instituições, que devem ser mantidas e viver em diuturna consagração. Sem esta absoluta satisfação ao regimen politico do Brasil, a Republica increpa-se de deformidades contrarias á sua real existencia; e quem a desligurcu ou comprometteu lhe o todo e os fins, mesmo procurando sophisticamente justificar-se do acto lesivo ou abusivo, é que faz opposição, a mais grave e com certeza a maior, perturbando a estabilidade do poder publico.

Si argumentam outros jornaes pela eficiencia da magna carta, não accetando para a indole do povo situações indecifráveis dos seus conceitos basicos, imperativos e categoricos, antes resoluções concernentes ao verdadeiro espirito de origem e de forma, clamando quotidianamente pelo optimo da Republica— (sem attitudes aggressivas ou excessos discrecionarios, a Lei irreductivel, pura e dominante)— logico que esta imprensa é a dos govenos, porque defende substancialmente a Republica dos Estados Unidos do Brasil. Em todas as companhias querem os jornalistas pôr em fôco mais nomes que Estados e mais homens que formas de governo! A perspectiva é estreita, diminuta e restricta por uma penumbra de idéas e conhecimentos, que tem de ser incorporados á cidadania brasileira.

Onde se excedem os Governos perigam a grandeza e o substratum da Republica, pa-

trimonio de um povo e nunca o poder de um homem, cuja passagem ephemera consola as afflicção da Patria! E assim procedendo, oppõe-se-lhe certamente todo aquelle que vai alem da outorga de deveres e obrigações, nitidamente delimitadas!

Opposição esta, realmente extranha, quando se desempenha por homens de cultura contra a propria pessoa, a collectiva da União e as razões essenciaes do paiz, consolidado na forma republicana! Governistas serão aquelles, em cuja educação os sentidos não crescem ou hypertrophiam, exorbitando. Permanecem firmes e seguros na media do bem senso e no justo equilibrio das attribuições, não requintando vicios.

Estou ainda com os Governos na directriz orientadora das Opposições; não se oppondo elles á elles mesmos.

A imprensa, obra social de critica e de raciocinio e da intelligencia dos periodos historicos da evolução social, não pode systematisar pontos de vista. Detalha os, aprecia os confrontos da epocha, a finalidade dos feitos publicos e as intuições dos estadistas dirigentes, tudo conforme a essencia germinal da plenitude republicana, como forma de governo e archivo dos valerosos direitos do povo.

No que os governos se oppõem á Republica, é que sendo governistas os jornaes cederão responsabilidades aos mais turbulentos, opposicionistas... officiaes ou officializados?

NOTA DA REDACÇÃO—Na primeira pagina, na terceira linha do segundo periodo, deve se ler—nacionaes—em vez de racionaes e na ultima linha, do terceiro periodo— grande — em vez de grande.

Dr. Livio de Oliveira

Tomou posse e entrou em exercicio do cargo de juiz de direito desta comarca, no dia 4 do corrente, o exm. sr. dr. Livio de Oliveira.

O joven magistrado, que vem dirigir os desmos juridicos da comarca de Viçosa, tem invejavel reputação firmada na judicatura mineira, demonstrada pelo seu grande talento, solida cultura e caracter impulluto e honrado.

Ao illustre magistrado apresentamos as nossas visitas.

Imagens—de Nossa Senhora da Victórias, Santa Theresinha do Menino Jesus e Immaculada Conceição encontram-se na Papelaria Santa Helena.

A installação do Banco Popular de Viçosa.

Apezar da chuva de domingo atrazado, que pedia quasi ininterruptamente sobre nossa cidade; foi a inauguração do Banco Popular uma festa digna de nota no nosso meio. Este Banco, modelo do grande economista Luzzatti, está, com a admiração de todos, sob a criteriosa e intelligente direcção do Dr. Emilio Jardim, que grandes esforços tem dispensado para a sua estabilidade.

Viçosa possui, pois, um estabelecimento de credito que, naturalmente, será o preferido pelo seu povo. A's quatorze horas daquelle domingo, com a presença de pessoas de re- presentação, houve a benção do grande ondo está o estabelecimento funcionando, pelo Revmo. Sr. Vigario que, felicitando Viçosa, pela aquisição que fizera, e elevando os merecimentos do illustre deputado Emilio Jardim, pronunciou um entusiastico discurso que foi secundado por calorosos applausos.

Fazendo uso da palavra, o dr. Emilio Jardim declarou inaugurado o Banco Popular de Viçosa, dizendo sentiu-se satisfeito vendo seus est. rcos coroados com o apoio do povo de todo o municipio e scientificos os presentes que continuaria como director, eneaminhando o estabelecimento.

No gabinete de trabalho do Sr. Director foi collocado o retrato do virtuoso D. Viçosa, como protector do Banco. Fallou tambem o talentoso academico Guilherme Monteiro, que discorreu sobre os Bancos Populares, e que, ao terminar sua oração, foi bastante applaudido.

Aos que presenciaram a inauguração, foi offerecido um copo de cerveja. Durante a solemnidade, executou varias peças de seu repertorio o "Jazz-Band" Dr. Emilio Jardim, cuja composição é feita com rapazes do prospero districto de Herval. A noite, no edificio do Fórum houve um baile, que prolongou até alta madrugada.

O "Jornal de Viçosa", associando-se ás justas homenagens dispensadas ao illustre deputado Emilio Jardim, envia-lhe, tambem, o seu parabem.

Sorrisos de Boneca

(Carta ao amigo

Sebastião C. Val)

Meu caro Sebastião

Não me lembro mais em que numero do Jornal de Viçosa li gostosamente o teu artigo - Olhos de Boneca - a mim dedicado.

Só mesmo alma sem vaidade como a tua poderia lembrar-se de mim, recolhido sempre na penumbra da pobreza espiritual, sempre occulto no repositório de nada valer.

Encontrei, podes acreditar, o homem que possuia os olhos de Boneca... Elle m'os deu... Levei-os ao coração... Lá os escondi... De lá os não tirei...

Agora meu caro Sebastião, em recompensa de teres sido amavel, supportarás com resi-

gnação e com bagas de suor a inundar teu rosto o succo acre que consegui espremer do fructo pèco de meu cerebro...

Acho que por causa da tua Boneca supuz ver no jardim da Praça Silviano, de braço dado ás companheiras, a distribuir sorrisos como bonbons no dia de Natal, uma Boneca linda como aquellas que fazem a gente parar em frente ás vitrines das Casas Japonezas...

Que pena! Antes fosse Boneca mesmo! Não teria ironia...

De seus olhos não partiriam chispas de desprezo... Seria melhor... Desde que a vi, sigo-lhe os passos. Estudo-lhe os sorrisos.

Lembro-me haver chamado de doído a um companheiro que, religiosamente, conseguia ter em um herbario dezenas de cravos de côres e formas varias.

No entanto, não me julgo louco por querer colleccionar sorrisos de alguém...

E tenho em mim que hei de guardal-os todos... Está gravado em placas cerebraes verdadeira escala musical de sorrisos. Ha todos os tons. Parece-me impossivel dar-te idéa de todos. Has de te contentar com alguns apenas...

A's vezes, ella, a dona dos "meus sorrisos", passo leve e rapido, gingando o corpo com graça, vem pelo quarteirão. Boa tarde! E' o sufficiente... Desce a os labios graciosamente, como botão de rosa a separar as petalas para receber beijos do sol, e um sorriso parte tão doce e harmonioso que fico a duvidar se Pery Machado será capaz de desferir em seu violino nota de tal harmonia...

Mais adiante é o encontro com alguém: companheiras que motiva expansão mais franca.

A simples jocosidade de qualquer elemento do grupo, o sorriso de flue não mais como nota de violino, sim a maneira de ondas marinhas em pratas alvadas, umas maiores outras menores a se amontoarem umas sobre as outras, brincando na areia...

Para narrar qualquer facto ás companheiras as conchas purpurinas que lhe encobrem os dentes alvos se separam em um sorriso franco, unico, todo seu.

Em conversa com pessoas que não sejam ainda de sua intimidade não deixa de sorrir, mas o faz de maneira diverssa.

Em um dos cantos da bocca o sorriso espia a medo a pessoa que falla.

Fica baloçando no cantinho, parecendo estas estrellas pequeninas que em noite de chuva, brilham, desaparecem, tornam a brilhar e assim ficam de longe a agradecer a gente.

Sabes o que significa para mim este sorriso?—Aculeo muito dedicado com ironia na ponta...

Não continue para que não te pareça futil...

Estes sorrisos tem-me feito mal.

Sabes porque?

Fico com vontade de ter uma Boneca de louça que me sorria assim; porem, que não tenha aquelle sorriso que é um aculeo com ironia na ponta...

Teu ex-corde

Viçosa, fevereiro—1928.

Jazz-Band 'Dr. Emilio Jardim'

O Jazz Band "Dr. Emilio Jardim" do florescente districto do Herval deste municipio, visitou a nossa cidade.

Intelligentemente regido pelo joven Geraldo Augusto Lopes, o conjunto musical durante o tempo que permaneceu nesta cidade, executou com perfeição diversas peças de musica moderna, demonstrando muito gosto e arte na execução.

Realiza-se, no dia 18 do corrente, em Coimbra, o casamento do nosso amigo capitão Ernesto Lopes Soares, vereador á Camara Municipal, com a senhorinha Meitorina de Almeida.

No dia 15 do corrente, abre-se, na Escola Normal N. S. do Carmo, desta cidade, inscripção para o exame de admissão do curso de adaptação do primeiro anno do Curso Normal do Primeiro Grau.

Acompanhado de sua exma. sra. acha-se na cidade o nosso distincto amigo capitão Agésilas Vaz de Mello, residente em Rio Branco.

Exame de Admissão

Gymnasio de Viçosa

Alm de attender á determinação do Departamento Nacional do Ensino, a directoria do Gymnasio de Viçosa faz sciente aos interessados que se acham abertas, na Secretaria desse estabelecimento, até o dia 16 do corrente mez, as inscripções para o exame de admissão ao 1.º anno do curso seriado.

Fallecimento

Falleceu hontem nesta cidade, sendo sepultado hoje o sr. Jacob Lopes de Gouveia,

residente a avenida Santa Rita. O finado era viuvo e deixa filhos e netos. Os nossos pezames.

Collectoria Municipal

A Collectoria Municipal acha-se funcionando á rua do Commercio e attendera os contribuintes das 11 ás 16 horas. O cargo de Collector Municipal foi reassumido pelo nosso distincto conterraneo sr. Christiano Jardim, acertadamente nomeado pelo sr. dr. Presidente da Camara.

Vimos na cidade os srs. capitão Manoel Cutute, Permo Fialho, Luiz Vianna, capitão Jose Evregisto Gomes, Joaquim Mariano Machado, capitão Ernesto Lopes Soares, Corino de Araujo e capitão Raphael da Silva Araujo.

Postaes — de todas as qualidades encontram-se nesta redacção.

EDITAES

Collectoria Estadual de Viçosa

AVISO

Vi o (do presente aos Srs. contribuintes do imposto de Consumo de bebidas que o pagamento deste imposto é feito no corrente mez ficando sujeito a multa de 30% os que não comparecerem no prazo referido de accordo com a lei.

Viçosa, 7 de Fevereiro de 1928.

O Collector.

Benjamin da Silva Araujo

DE CASAMENTOS

José Augusto de Castro, Escrivão e Official do Registro Civil do districto de Viçosa.

Faço saber que estão habilitados para se casarem em meu cartorio:

José Pedro de Paula e Helena de Oliveira e Silva; Lúcio de Mello dos Santos e Paulina de Assis; José Messias da Silva e Francisca Mathilde de Jesus.

Se algum souber de algum impedimento que obste os casamentos queiram denunciá-los. Viçosa, 1.º de Fevereiro de 1928.

José Augusto de Castro

De 2a. praça

O Doutor Livio de Oliveira, Juiz de Direito da comarca de Viçosa, na forma da lei etc. Faz saber aos que o presente edital de segunda praça com o prazo de oito dias, virem ou delle noticia tiverem, que ás treze horas do dia 21 de Fevereiro serão levados á praça com o abatimento de dez por cento, á porta do Forum nesta cidade, para serem atrematados por quem mais der ou maior lance offerecer, os bens abaixo mencionados e penhorados aos senhores João Cardoso Mamão, José Francisco Cardoso e Sebastião Cardoso Mamão no executivo canibal que lhes move Manoel Pereira Coelho e são os seguintes: — oito garrafas de Soda limonada avaliada por quatro mil reis; vinte e nove garrafas de soda em garrafas de tres martellos avaliadas por oito mil e setecentos reis, seis garrafas de Mineirinho em meias garrafas avaliadas por tres mil reis, cincoenta e oito garrafas de cervejas de diversas marcas avaliadas por quarenta e seis mil e quatrocentos reis — vinte maços de phosphatos Ypiranga avaliados por desesseis mil reis; cento e setenta garrafas, d'igo cento e cinco garrafas vasias avaliadas por desesse mil e quinhentos reis — cinco tinturas de tinta avaliadas por mil e quinhentos reis — vinte e tres maços de cigarros d'igo de papel d' cigarros marca "Victor" avaliados por quatro mil e seiscentos reis, cento e setenta e um cachimbos de barros avaliados por desesse mil e cem reis — Oitenta pedras de esqueiros, avaliadas por oito mil reis — um par de meias para preança, avaliado por oitocentos reis — vinte alfinetes de mola avaliados por um mil reis. — me duzia de lamparinas de folhas e vidros, avaliadas por tres mil reis, tres vidros grandes sendo dois com um pouco de balas, avaliados por nove mil reis — tres copos de vidros avaliados por novecentos reis — sete kilos de macarão amarello e branco, avaliados por quatro mil e novecentos reis — tres cordas de violão avaliadas por mil e quinhentos reis — Uma balança de balcão com um pezo de um kilo e força para trinta kilos, avaliado por trinta mil reis. Os bens acima mencionados foram penhorados ao executado João Cardoso Mamão, e se acham depositados com o senhor Antonio de Oliveira Santos, uma casa no povoado de Cachoeirinha, com commodo de negocio com platibandas e balcão, coberta de telhas, com tres portas na frente, confrontando por um

e outro lado com o senhor Francisco Cardoso e pelos fundos o correjo, e com o respectivo quintal e pela frente com a rua; estes foram penhorados ao executado José Francisco Cardoso e se acham depositados com o senhor Antonio de Oliveira Santos avaliada por dois contos e quinhentos mil reis. Uma casa no povoado de Cachoeirinha em construcção ja coberta de telhas e um milho de tijolos, confrontando por um lado d'igo por um e outro lado com a estrada de automoveis e estrada de rodagem. Estes bens foram penhorados a Sebastião Cardoso Mamão e estão depositados com o sr. Antonio de Oliveira Santos, e que foi avaliado por quinhentos mil reis.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandou passar o presente edital que sera afixado no logar do costume e publicado pela imprensa local, dando e passado nesta cidade de Viçosa, aos 10 de Fevereiro de 1927. Eu José Canuto Torre escriptivo subscreevi.

Viçosa 10 de Fevereiro de 1928

O escriptivo José Canuto Torres

Livio de Oliveira

—BREVE—

AMANTES

SUPER METRO GOLDWIN
MAYER
COM

RAMON NOVARRO

Dr. João Braz da Costa Val

Advogado

Avenida BUENO BRANDÃO

Vende-se nesta cidade uma casa sita á rua dr. Gomes Barbosa. Informações nesta redacção. Tratar com o sr. Nicolau Alves Chaves.

(2-1)

VENDEM-SE 158 alqueires de terras, sendo 120 em 2 envernadas de puro capim gordura, com boas aguadas; 1 de 25 alqueires e outro de 90 e tantos, tendo grande quantidade em capoeiras inclusive 93 alqueires de matta virgem em capões diversos, distante da estação de Lavras Velhas 2 leguas, E. F. Central, entre Barra Longa e Boa Vista, divididos e demarcados judicialmente.

Informações nesta redacção

NO REGIMEN DAS FALLENCIAS. Jornal de Viçosa, 21 de agosto de 1926, p. 1

Paiz de incalculáveis riquezas naturaes, porem, paupérrimo de iniciativas vastas e sugado por ambições alheias ao dever de gratidão, o Brasil vive hoje, como viveu hontem e quem sabe viverá amanhã, num ambiente asphixiante de depauperamento financeiro, sendo suas energias mas empregadas e impiedosamente mal baratada é toda a acanhada economia de seu povo. Credito interno – agrícola, industrial, commercial – alimenta-se na balança do ágio clastico de aventureiros. Produção e rendas innumeraveis como cinzas ao vento não nos favorecem senão tristissimas desolações e um augmento espantoso de parasitas e um desanimo quasi geral. É a asphixia latente, parece, de uma raça nova, em cujas veias corre o sangue de desbravadores audazes, sustentando um gênio idealisticamente fantástico.

Não surprehende, pois, o regimen de fallencias em que estramos. S. Paulo, Rio, Juiz de Fora, Recife, B. Horizonte e outras praças deram ultimamente no paiz as razoes do nosso fraco tino econômico-financeiro- Governos não há econômicos, não há financeiros, commerciantes, industriaes, agricultores, artistas e diaristas, nababescamente sustentam a vida com o sacrificio alheio, salvo raríssimas excepções. E porque assim é, ou porque assim também é a sua força, em o regimen bancário deixa de ser falho no paiz e com tanta gravidade que deve ser assumpto de máxima preocupação dos governos e do povo.

Porque tantas fallencias num paiz rico, de povo novo e esperanças verdes, sem uma intervenção enérgica e conscienciosa de todo elemento publico? O silencio nesse arrocho é uma connivencia de futuro de más conseqüências.

Conheceremos pois, a utilidade do regimen bancário.

A vertigem da velocidade. Jornal de Viçosa, 14 de outubro de 1926, p.1.

O automóvel é uma das criações do progresso que mais interesse há despertado na gente do século.

Para os que não tem a felicidade de possuir uma dessas infeliveis machinas da morte, a preocupação maior é conseguir uma, no evidente propósito de evitar a acção mortífera das outras.

Para os que as possuem, o pesadello é mantel-as com todas as suas exigências exaustivas, de ordem financeira.

O mal maior, porém, do automobilismo é a velocidade, ou melhor, as suas desastrosas conseqüências, registradas, quase todos os dias, em noticias trágicas, nas quaes se lamentam, em adjectivos mais ou menos fortes, dolorosos succedidos. Ahi, porém, a culpa não cabe há pobre machina que é passiva a orientação do seu conductor, quase sempre arrastado pela volúpia de vencer distancias, a excessos que resultam, muitas vezes, fataes. E isso com evidente e constante perigo para os que procuram as vias publicas para scenario de sua lucta em prol da vida, quando não attingem mesmo, aquelles que abusam do prazer de ter sob sua guarda a barra de direcção de um automóvel.

Essa vertigem da velocidade, quase um phenomeno mórbido entre os conductores de vehiculos, tem sido a maior preocupação das grandes cidades onde há estradas e ruas próprias para o trafego.

Imagine-se agora numa cidade como a nossa, de ruas estreitas, em que a população se move difficilmente e onde o automóvel não conhece nem respeita aquelle pequeno e útil aparato que se chama velocímetro...

O peor, porém, é que esse mal não vem somente dos autos de passeio guiados por profissionaes e amadores. Elle se manifesta, também, entre esses pesados e barulhentos caminhões de carga que arrastam toneladas de peso, sob uma velocidade evidentemente perigosa.

Numa phase de progresso como a que atravessamos, esses problemas assim palpitantes, deveriam ser estudados com carinho e resolvidos com rigor, ao menos em beneficio da população que não pode continuar a soffrer as conseqüências de injustificáveis desídias. Assim se evitariam factos dolorosos como o que presenciámos há poucos dias, do qual resultou a morte instantânea de uma creança, esmagada brutalmente sob as pesadas rodas de um automóvel.

Res, non verba. O Operário, n. 174, 24 de setembro de 1922, p.1.

À medida que se vai intensificando a campanha eleitoral no município, é justo que ao zabumba de telegramas retumbantes, commentados em portuguez de meia pataca, contraponhamos a verdadeira campanha dos interesses superiores do Muriahé.

Ao “estupendo” discurso do sr. Canedo – feito apenas para fim eleitoral – contrapõe-se a obra administrativa que o cel. Izalino Romualdo da Silva tem realizado como presidente da Câmara.

Enquanto aquelle, lá na câmara dos Deputados, faz discurso sem nenhum proveito para a nossa terra, este vai, sem alarde e sem reclamos, refazendo estradas, extendendo a rede de esgotos, canalizando águas, que, sem essa providencia, ficariam sempre estagnadas, constituindo grave perigo e amaeaca a saúde publica.

A estrada de rodagem é o problema máximo de nosso Estado. Sem ella, a vida de logares ricos e productivos será fatalmente atrophiada pela falta de escoamento da produção. É por essa razão que todo o governo esclarecido e compenetrado de seus deveres não põe a margem esse magno problema e trata de resolvê-lo satisfatoriamente.

Hoje, graças ao trabalho do cel. Izalino Romualdo da Silva, o município conta optimas estradas de rodagem, podendo muitas dellas ser trafegadas por automóveis.

A cidade também tem merecido especial carinho da administração do sr. Cel. Izalino.

Quem conheceu a ladeira, que constitue a rua Barão de Monte Alto, e a conhece hoje, pode sem favor das testemunho dessa carinho.

A remodelação que se está fazendo na rua da Estação, a canalização das águas que atravessam a nova via publica, aberta da Avenida Freitas á rua do ROSÁRIO, os passeios construídos por toda a parte, tudo isto attesta a capacidade administrativa do cel. Izalino que hoje é apontado como um dos maiores amigos da nossa terra.

Pos bem, é a candidatura de um homem desses, cheio de serviços ao município, que o sr. Agenor Canedo entendeu de vetar. E por que? Só pelo prazer de vetar-a, para não deixar s.s. de ser el-supremo.

Engana-se, porém, o sr. Canedo. O povo do Muriahé não é um rebanho de Panurgio: tem vontade e sabe fazer valer, nas urnas, no dia 3 de dezembro.

O povo sabe distinguir perfeitamente quaes são os seus amigos: se os que fazem discursos innocuos, como o sr. Agenor Canedo, ou se os que realmente trabalham em beneficio da collectividade, como o cel. Izalino Romualdo.

O povo não quer saber mais de palanfrorios; o que elle quer é o res, non verba.

A situação financeira do paiz. O Operário, n. 229, 28 de outubro de 1923, p.1.

No dia vinte do corrente, em importante reunião das comissões de finanças da Câmara dos Deputados e do Senado e do ministério, realizada no palácio do Cattete, o exmo. Sr.dr. Arthur Bernardes, egrégio presidente da República, leu notável exposição da situação financeira do paiz.

Era nosso desejo transcrever esse documento, attestado vivo da sinceridade com que o eminente mineiro, que preside aos destinos da nação, encara as obrigações do seu cargo. A falta de espaço impede-nos, porem, de fazer essa transcrição, não nos impedindo, comtudo, de bordar alguns commentarios que nos foram suggeridos pela leitura do notável documento.

Apreciando a depressão da taxa cambial, s.excia. aponta o seu factor principal – o desequilibrio da balança internacional, mostrando também outros factores subsidiários que, accumulados, concorrem para angustiar ainda mais a situação oriunda desse desequilíbrio.

Mostra a necessidade inadiável de se reduzirem as despesas, afim de irmos caminhando com segurança para o regime do equilíbrio orçamentário, sem o qual havemos de viver sempre sob a preeminência de situação financeira angustiosa, melhorada momentaneamente, como tem acontecido, com paliativos, que só servem para agravar-a ainda mais.

Chamando a atenção do poder legislativo para esse facto, o sr. Presidente da Republica espero que o Congresso collabore efficientemente com o executivo na obra do reerguimento financeiro do paiz.

Oxalá que o Congresso, compenetrando-se da gravidade da situação, se compenetre também do dever que tem de não cruzar os braços ante a crise que nos assoberba, para cuja debellação está tão empenhado o sr.presidente da República.

Essa obrigação do Congresso é tanto mais imperiosa, quando é certo que para esse estado de coisas, sob o ponto de vista financeiro, elle concorreu muito com a facilidade com que votou medidas, que estavam a exigir antes de adoptadas, exame mais detido.

Collabore pois, o Congresso com o governo nessa obra patriótica em que es se acha empenhado. Para isto so tem o poder legislativo de ir ao encontro do desejo de redução das despesas, maniffestado pelo sr.presidente da República, em sua brilhante exposição, que causou em todos que a leram a melhor impressão possível.

Abastecimento d'agua. O Operário, n. 209, 11 de junho de 1923, p.2.

Nestas columnas, procurando concretizar a vontade unânime desta população, temos advogado a causa do abastecimento d'agua á cidade, melhoramento que é, há hora presente, o de maior necessidade, o que mais de prompto deve ser resolvido pelos poderes competentes.

Relegal-o para um segundo plano ou combatel-o por inoportuno é descurar-se do interesse publico.

Se esse melhoramento servia há pouco para bandeira de combate, não é justo que o abandonemos neste instante, quando muito pouca é a diferença existente no valor do mil reis ouro, num relativo período de 6 mezes. Convem notar-se que naquelle tempo o dollar estava a dez mil e tanto e hoje está a nove mil e tanto.

Enfrental-o resolutamente, e procurar resolvel-o com encargos diminutos, ou seja na operação de credito a realizar-se, trabalhando para que seja feita a juros baixos, ou seja na compra do material necessário, esforçando-se para adquiril-o a preço módico, tal deve ser a directriz daquelles que de acham investidos do mandato popular, nunca porem, desprezal-o, ou affastal-o das cogitações da administração municipal, porque incontestavelmente nenhum o supera, nenhum o excede, por se tratar de um assumpto que esta ligado á saúde da população urbana.

Longe de nós de fazermos exploração em torno de tão magno problema.

Longe de nós essa malevolência de espírito, que só os espíritos não despidos ainda da paixão em que se comburiram num longo período de luctas, possam attribuir-nos.

Desta columnas, sem preocupação de pessoas, guardando a linha de cavalheiros, que a nossa educação e dever profissional nos impõem, temos applaudido o gesto da edilidade, procurando resolver o serviço de abastecimento d'agua á cidade. E nesta attitude nos manteremos, porque nos achamos convencidos de estar a serviço de uma boa causa. Alem disso, as objurgatorias, a malevolência e os ramoques, já se não accomodam dentro de nossa situação de harmonia política, sob a inspiração do eminente chefe de Estado.

Cumpre-nos somente trabalhar com lealdade e dedicação pelo bem estar geral, sopitando magoas que borbulhem ainda em nós, em consequência de luctas que passaram, guardando a linha de fidalgos, sem attribuirmos aos outros aquilo que, em retorsão, poderiam attribuir-nos.

Nesta disposição nos encontramos hoje, como hontem, collaborando com os bem intencionados, na obra do engrandecimento, e do progresso de Muriahé.

Notas carnavalescas – As folias deste anno. O Operário, n.142, 05 de fevereiro de 1922, p.2.

Depois de acaloradas discussões (acaloradas por causa do calor) a comissão central tomou a responsabilidade das festas carnavalescas deste anno. Os adeptos de Momo promoverão, assim, com todos os *effis* e *errris* as monumentaes

BATALHAS DE CONFETTI

na Praça João Pinheiro, que será illuminada *á giorno* e ornamentada tal qual se faz nos dias de grande gala...

A banda musical Muriahé-Club tomou o serio compromisso de abrilhantal-as, executando, no Coreto do Jardim, os seus irresistiveis sambas, tangos e marchas todas as noites de sabbado, domingo, segunda e terça-feira “gordas”.

Comparecerão ás batalhas muitos blocos, cordões e ranchos para concorrem aos prêmios valiosos que serão distribuídos ao ultimo dia.

Entre os blocos contituidos, sabemos do:

FLOR DAS AGUAS

que é composto de meninas galantes e feiticeiras, e dirigido por um conhecido e estimado maestro nosso conterrâneo. Será uma delicia das delicias. Cantará esse conjucto dois tangos da moda do Carnaval de 1922.

Os marmanjos, geme caprichosa e falada, já, nas chronicas folionicas da cidade, levantou a idéia do

QUEM AMA NÃO TEM RESPEITO

Que é uma alliança formidável de tudo que há de bom na matéria. Cogita-se agora, no choro, para maior brilho das musicas escolhidas para o “momento solenne”. O pessoal “plagiou” alguns versos como este:

“O amor que é verdadeiro Nunca morre nem tem fim;

Por isso mesmo, tão longe,

Sinto-te perto de mim,

E etc, etc.

Tivemos noticias de outros blocos que se organizam, ainda, mas que não são conhecidos pelo nome. Diz-se, por ahi, que a nota ultra virá do elemento *chic* com

UM RANCHO

Bem ensaiado, de agradável musica e fantazia a rigor. Todas as vistas estão voltadas para este grupo de jovens da nata muriahéense que, todos os annos, trazem á rua o seu estandarte glorioso.

Infelizmente, nada podemos avançar sobre o

PESSOAL DA BARRA

Que é o amigo das surpresas e vem, á ultima hora, alegrar as massas com as *charges* de primeira ordem. Nos arraiaes carnavalescos não se duvida um instante siquer, do seu concurso, que é indispensável nas batalhas projectadas.

Durante a semana finda os mais dedicados á comissão bateram

ZABUMBAS

Em todos os pontos da cidade, anunciando o Carnaval que vem ahi com a forza de um sol que nasce, também, para todos, fazendo-nos esquecer do preço da banha...

Bravo rapaziada!

Toda correspondência deve ser dirigida á

Maria Congueira

UM SYMBOLO E UMA THEORIA ECONOMICA. Jornal de Viçosa, 19 de agosto de 1923, p.1.

Desappareceu, na onda do papel moeda, que desvalorizou o padrão monetário nacional, o dinheiro de cobre, por imprestável como unidade subdivisionária.

Há quem veja nisso um signal de riqueza, considerando os modestos vinténs e dobroes desnecessários, alem de sujos e repugnantes, em virtude do seu azinhavre. Mas também há quem pense ser isso uma prova de pobreza, resultante da desvalorização do dinheiro, provocada pela valorização ou alta dos gêneros, reflexo do cambio, com a conseqüente carestia da vida.

Não vem todavia, ao caso o estudo da questão sob esse duplo aspecto, digno de apreciação cuidadosa dos economistas.

O que temos em vista, tão somente, é dizer quase a forma de epitaphio, que o moribundo vintém encarnava um bello symbolo, pouco aplicado, e uma theoria econômica jamais comprehendida pelos nossos estadistas.

O symbolo consistia nesta bela phase, de profunda philosophia e grande alcance sócio-econômico: <vintém poupado, vintém ganho>.

Seria esse lemma applicado universalmente de uma ponta a outra do paiz, um dos maiores factores da sua riqueza, porque, como sabemos, é a faculdade de economisar uma das pedras angulares da fortuna publica e privada.

Economisar é prever, e o homem ou paiz que prevê tem sempre meios de enfrentar as vicissitudes do futuro, livrando-se do descrédito e da ruína, premio amargo dos perdulários e dissipadores.

E a theoria econômica do vintém? Theoria que, se fosse estudada e posta em pratica, cuidadosa e perseverantemente talvez curasse a mor parte dos males que affligem o Brasil.

É a seguinte: <em uma moeda de vintém, ou 20 reis federaes, há um real de cada Estado brasileiro>.

Importa isso em dizer que, na applicação da receita publica federal, devia haver uma distribuição eqüitativa (de acordo com a superficie e populacao) dos favores e benefícios de toda a sorte que a União proporciona ao paiz.

Estradas de ferro e de rodagem, portos e desobstrução de rios navegáveis, incremento da producção e sua defeza em épocas de crise, escolas e institutos de investigação scientifica, medidas de soerguimento social, enfim tudo que constitue uma nação poderosa e rica devia ser com o mesmo carinho tratado em todos os Estados.

E não se diga que assim haveria injustiça para com os Estados, maiores contribuintes, porque, debaixo do ponto de vista moral, todos contribuem igualmente para os cofres da União, desde que é o mesmo esforço de quem contribue, talvez até que os Estados que menos pagam façam maior sacrificio, por serem os mais desapparelhados.

Ademais, faz-se mistes encarar a questão sob o elevado aspecto moral que a caracteriza, traduzido pela necessidade da *unidade nacional*, a qual encontra sua melhor garantia na distribuição eqüitativa das rendas federaes, ponto de partida para a collaboraçãõ, o entendimento, a solidariedade que devem reinar indissolúvelmente entre as unidades componentes da Federaçãõ.

Festa do Trabalho. O Operário, n.153, 30 de abril de 1922, p.1.

Sabemos que a data de 1º de maio não decorrerá, este anno, entre nós, sem a sua tradicional commemoração, tal qual se faz nos centros adiantados.

Em torno dessa louvável idéia, aventada por um punhado de operários, esta o entusiasmo de toda a classe que em um gesto único de solidariedade adheriu ao sueto desse dia, para maior brilhantismo do programma já efficientemente elaborado.

Sem termos um conhecimento mais minucioso de seus projectos, estamos, comtudo, informados que a Festa do Trabalho a realizar-se amanhã pela ordeira e laboriosa classe dos trabalhadores não tem outro fim que a approximação de suas forças e a cordialidade sincera nessa ephemeride que é mui cara e significativa ao proletariado do mundo inteiro.

Estamos certos do êxito dessa solemnidade cívica que se effectuará amanhã, tanto mais que os operários desta cidade contam com as sympathias de toda a população que jamais lhes negou applausos nessas expansões tão legitimas quão imponentes e expressivas.

Uma nova corporação musical tocará na alvorada e durante a passeata, marcando o dia como o de sua inauguração.

Pelo Ensino. O Operário, n.316, 22 de outubro de 1925, p.2.

Preocupado com o melhoramento do nosso ensino primário, desde quando occupava a pasta do Interior, no benemérito governo Raul Soares, o presidente Mello Vianna tem sempre em vista tornar mais completa e efficiente a educação do povo.

Documenta esse nobre intuito patriótico do illustre co-estaduano o decreto 7.007, de 13 do corrente, approvando os programas para os cursos complementares, creados pela ultima reforma do ensino.

Os cursos complementares eram indispensáveis, para o ensino e pratica de noções que, por falta de tempo, não podiam ser ministradas aos alumnos, com proveito, nos 4 annos apenas do ensino primário.

Devendo ser a instrucção primaria principalmente para o povo, urgia que ella se complementasse, de maneira a preparar os alumnos que da escola já sahisses habilitados a ganhar a vida nas profissões ao alcance dos que não se podem instruir em estabelecimentos de ensino superior.

Por isso era de necessidade inadiável a organização de um programma complementar de ensino intuitivo e pratico de conhecimentos que o agricultor, o industrial, o commerciante e o artífice precisam possuir, para a boa e efficaz direcção do trabalho de cada um.

Dahi o ter o actual governo preparado, intelligentemente, com feliz e acertada observação do meio brasileiro, o programma que ante-hontem publicamos, compendiando tudo quanto é de maior e mais freqüente utilidade pratica em agronomia, physica e chimica, historia natural, mechanica, aperfeiçoamento do vernáculo, redacção de documentos mercantis, etc, nas suas applicações ao commercio, á lavoura e ás industrias, notadamente as do nosso paiz.

O programma que comentamos é verdadeiramente de licções de cousas que a todos fundamentalmente interessam, na vida e no esforço de cada dia.

Com a sua pratica, nos moldes da boa pedagogia adoptada pelo actual governo, terá, de certo, solução do maior proveito o problema, pela primeira vez praticamente encarado no paiz, da creação de cursos que, complementando o ensino primário, dessem a educação popular a efficiencia e a utilidade que ella precisa ter.

Melhorando notavelmente, assim, o ensino, em Minas, o presidente Mello Vianna, prepara para a nossa terra um futuro auspicioso de cidadãos mais aptos para as luctas creadoras do trabalho e da intelligencia, prestando ao Estado serviços de alcance nacional.

O Congresso das municipalidades. O Operário, n.201, 15 de abril de 1923, p.1

Os jornaes já publicaram as theses organizadas pela respectiva commissão e que têm de ser discutidas no próximo Congresso das Municipalidades, a reunir-se em Belo Horizonte, de 3 a 10 de junho próximo futuro.

Essas theses estão assim agrupadas: 10 sobre “Lavoura e Criação”; 5 sobre “Estradas de Rodagem”; 2 sobre “Commercio e Industria”; 1 sobre “Bens Públicos”, 1 sobre “Caça e Pesca; 2 sobre “Quedas de Água”; 2 sobre “Vida Rural”; 1 sobre Ensino Profissional”; 2 sobre “Ensino Primário”; 7 sobre “Impostos Municipaes”; 1 sobre “Limites Inter-Municipaes”; 4 sobre “Política e Administração Municipal”; e, finalmente, 3 sobre “Hygiene”.

Como vêm os leitores, é vasto o programma do Congresso e sua importancia resalta da de cada uma das secções em que foi dividido o programma.

Esse programa comporta matéria vastíssima para exhibições de oratória e de erudição; mas isto certamente não succederá, porque, se succeder, estará fatalmente desvirtuado o fim pratico que o convocador do Congresso teve em mira. Assim, pensamos que todos os assumptos devem ser encarados praticamente, dentro das possibilidades do Estado e dos Municípios. Tudo quanto se fizer fora dessa directriz, poderá ser muito bom e muito bonito, mas será inexquecível.

Nesse pensamento, o sr. presidente da Câmara, que tem de tomar parte no Congresso, acceita, prazerosamente, as suggestões que as pessoas praticas e bem intencionadas quizerem apresentar-lhe. Para esse objetivo, no próximo numero publicaremos todas as theses que foram organizadas.

Congresso das Municipalidades. O Operário, n.209, 11 de junho de 1923, p.1.

Já podemos contar como brilhante realidade a promessa, contida na plataforma política do exmo.sr.dr. Raul Soares, de reunir os municípios mineiros em congresso para, numa mesma comunhão de pensamento, serem acordadas bases para um vasto plano de construção social, econômica e política entre o Estado e as unidades que o compõem.

Desde o dia 3 do corrente já se acha funcionando o Congresso das Municipalidades, em cuja sessão inaugural o exmo.sr.dr. Raul Soares teve oportunidade de, mais uma vez, revelar o seu espírito sereno, esclarecido, recto, e inquebrantável, no primoroso discurso que então pronunciou.

Estamos crentes de que o Congresso das Municipalidades vai marcar uma época decisiva na história da administração mineira, pela unidade de vistas e de acção que certamente vai ser estabelecida nas relações de município a município e entre estes e o Estado.

Esta é a verdadeira política republicana, por ser a única que interessa de facto a vida progressiva de Minas, que, para evoluir, necessita da conjugação perfeita e regular dos esforços de todos os seus municípios. Até hoje esses esforços têm sido dispersivos, porque têm sido tentados isoladamente. O benemérito sr.dr. Raul Soares, compreendendo que somente a união de vistas dos trabalhos desses municípios é que poderia resultar a grandeza de nossa terra, tratou de convocá-los para início dessa tarefa realizadora.

Bem haja, pois, aquelle que, num momento de feliz inspiração, revelando seu entranhado amor ao seu Estado natal, procura coordenar esses esforços até então isolados, portanto para que haja ampla repercussão desse intuito em todos os recantos mineiros, afim de “criar e reanimar estímulos e iniciativas e operar uma indestructível convergência de todos os esforços e todas as energias para que Minas Geraes continue a sua caminhada gloriosa através das perspectivas da história – sempre para diante e para cima”!

Bem haja o dr. Raul Soares, o realizador dessa obra.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)